

AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES



A
ROSA
E O
ESPINHO

3ª EDIÇÃO

Pelo Espírito
NICANOR

NICANOR

A ROSA E O ESPINHO

Obra psicografada pela médium
AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES

NICANOR

A ROSA E O ESPINHO

Obra psicografada pela médium
AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES

A sensibilidade humana representada na Rosa. O Espinho, a dor que produz a evolução. Nicanor, o Espírito que ditou esta obra, discípulo de Ramatis na Indochina, focaliza os problemas cruciais de nossa época, fornecendo roteiros preciosos para a rearmenização da sensibilidade atormentada do homem atual. Analisa os recursos da Mente, discorrendo sobre os meios de utilizá-la no equilíbrio do campo emocional e de como converter esse processo numa abençoada busca de auto-realização com Jesus.

Doces e esclarecidas palavras de reconforto introduzirão o leitor na tranqüilidade e na paz de quem busca a Realidade Maior dentro de si.

Em sua beleza e simplicidade, esta obra procura associar os ensinamentos do Mentalismo oriental com as vivências do Amor Evangélico pregado por Jesus.

ÍNDICE

Prefácios:

- do médium: "Experiências"
- do médium (2.^a edição)
- de Ramatis
- de. Nicanor: Reflexões
- do médium (3.^a edição)
- de Sonia Dutra (para a 4.^a edição)

1.^a Parte: *Reflexões*

- I. Definições (A Rosa e o Espinho)
- II. Conflitos
- III. Deus
- IV. Liberdade
- V. Transições
- VI. Mediunidade
- VII. Lealdade
- VIII. Misericórdia
- IX. Modéstia
- X. Dor
- XI. Fé

2.^a Parte: *Vivências*

- I. Ação
- II. Medo
- III. Escândalo
- IV. Decifração
- V. Responsabilidade
- VI. Tesouros
- VII. Continuidade (Liderança)
- VIII. Renovação
- IX. Trabalho
- X. Coordenar
- XI. Esperança

3.^a Parte: *Amor*

- I. Renúncia
- II. Doação
- III. Bondade
- IV. Iluminação
- V. Perdão
- VI. Padecer
- VII. Reconhecer
- VIII. Enviar
- IX. Parecer
- X. Retornar
- XI. Caridade

Anexos - Vida e Obra América P. Marques

Prefácio da 1.a edição

EXPERIÊNCIAS

Numa época em que a incredulidade e o materialismo encontram clima propício, aqueles que buscam a espiritualidade precisam, mais do que nunca, fazer a defesa interior de suas próprias convicções.

O espírito de análise não é incompatível com a fé, como desejam fazer crer os defensores do materialismo. Ao contrário, a fé representa uma capacidade extra de distinguir realidades semi-ocultas na fase de embrutecimento espiritual dos primeiros graus evolutivos.

Decepções, incompreensões, perseguições costumam assediar o aprendiz em seus primeiros passos em direção à espiritualidade. Ele, porém, que já pressente o caminho, deverá ser o guardião de sua fé. Se aceitar suas limitações e souber recomeçar sempre "a busca" em novos níveis, será vitorioso. Se, porém, se deixar vencer pela hostilidade do meio, mesmo assim, ainda poderá recomeçar, só que com a necessidade de experiências mais complexas.

Cada espírito representa, no laboratório da vida, um "tubo de ensaios", no qual são depositadas as "substâncias" representadas pelas influências exteriores que reagem sobre a "composição básica" do espírito em processo evolutivo de transformações sucessivas. Os "males" que o atingem provocarão reações capazes de defendê-lo, em maior ou menor escala, de acordo com a intensidade da vontade empregada na resposta ao desafio da vida.

Há um princípio bastante democratizante em espiritualidade — é que somos todos imperfeitos em maior ou menor grau. Encontramo-nos longe de uma situação de harmonia, mas mesmo esta certeza serve para felicitar as almas sensíveis quando, identificando embora sua posição espiritual, inebriam-se pelo contraste de sua condição com o manto de Amor que paira sobre a Criação da qual fazem parte.

Uma dupla conseqüência, então, se apresenta — quanto mais se conhece a si mesmo, mais o espírito penetra a própria realidade, mais sente suas próprias necessidades e, por estranho que pareça, mais é feliz, pois identifica a bênção extraordinária que a vida representa para os que já possuem "olhos de ver". Daí em diante, nada mais lhe fará falta real. Descobriu o mecanismo da superação.

Esta posição íntima traduz-se por uma autocrítica lúcida e construtiva. Não importa quais sejam as próprias deficiências, pois não haverá mais defecções. O espírito já pode conviver livremente com as próprias incoerências e, conseqüentemente, com as do próximo. Sentiu a relatividade de tudo quanto o cerca, conseguindo, simultaneamente, perceber a beleza do processo aparentemente caótico da evolução. Este fenômeno pode ser descrito como a conquista dos primeiros graus do verdadeiro Amor. Através dele passam os homens, passam as lutas, passam os fatos sem lhe alterar a essência — a fé na realização do bem, ainda inacessível integralmente, e indefinível para nós, mas nem por isso impossível de ser

provada nas doses minúsculas que se expressam numa esperança alegre de realizações gradativas no terreno da paz interior.

Cabe aqui entrar em algumas explicações capazes de comprovar a excelência do processo descrito.

Se fôssemos espíritos harmonizados, nossas experiências transcorreriam da infância à maturidade dentro das normas da maior tranqüilidade. Entretanto, isso não sucede. Atribui-se esta situação aos choques do ambiente involuído que nos cerca, esquecendo-se, muitas vezes, da realidade interior, decisiva em problemas psíquicos. Se já possuíssemos paz, nós verteríamos sobre o próximo sem nos deixar contaminar. Os problemas da infância e da adolescência revelam não só meio em desequilíbrio como a ausência de luz no espírito que precisa evoluir por etapas penosas no contato do corpo material.

A estes fatos tradicionais da educação espiritual do homem, acresce atou-se, ultimamente, uma hipersensibilidade tal que, embora, sendo atribuída às condições do meio contraditório, não elimina a circunstância de estar evidenciada, atualmente, com maior intensidade, sua incapacidade de superação interior, ou seja, de reação adequada e proporcional ao estímulo exterior. Tal fenômeno assume aspectos patológicos. Tem-se a impressão de que a sensibilidade humana, em grande número de casos, é constituída de engrenagens superpostas, desprovidas de um eixo capaz de coordená-las harmoniosamente.

Os processos da psicologia despertam uma reação que consegue articular parte desta engrenagem, mas resta sempre algo a ser complementado — a engrenagem mais profunda do espírito, em suas implicações com a eternidade, o grande enigma.

Desiludidos e insatisfeitos, os espíritos cuja hipersensibilidade atinge o grau da mediunidade declarada, em desarmonia, buscam solução diferente — a visão mais ampla da espiritualidade e nela, freqüentemente, se recompõem, não sem pagarem o necessário tributo da renovação, em níveis mais amplos do que a psicologia materialista deles exigiria.

Para muitos observadores superficiais, estes praticaram "fuga", buscaram "compensações". Seria o mesmo que acusar o faminto por ter procurado alimento e tê-lo preparado com seus próprios esforços, pois só se beneficia realmente dos preceitos espirituais quem consegue vivê-los. Como o cozinheiro inábil, ele poderá queimar-se, cortar-se, mas, se possuir perseverança, conseguirá preparar lutas ceias, não só para si como para alimentar, momentaneamente, hóspedes de sua casa espiritual.

E como será preparado esse alimento precioso? Inicialmente, com o auxílio direto dos mais experimentados, como em toda aprendizagem. Mas o teor do alimento será sempre buscado nas experiências individuais. Os mentores espirituais são como jardineiros. A produção espiritual de cada um será caracterizada pelo "tipo de semente" que traz consigo do passado e com o "tipo de terreno" onde vive. A produção espiritual do médium é conjugação destes dois fatores, supervisionada pela influência das entidades que o orientam.

Geralmente, ele é o "tubo de ensaio" no qual somam-se e reagem mutuamente suas tendências individuais, as lutas que enfrenta no ambiente e a ação catalisadora e benéfica de seus protetores. Desta interação, se bem conduzida pela boa-vontade decisiva do médium, surgirão os benefícios que a ele atingirão em primeiro lugar.

Para muitos, ele estará sob o efeito de uma sublimação ao conduzir seus problemas de forma a espiritualizar-se. Nós chamaríamos a isto evolução — renovação interior, pelo contato com orientações mais elevadas e doação ao próximo do fruto de sua experiência interior.

Ao realizarem um trabalho mediúnico sistematizado, os Guias visam, em primeiro lugar, à recuperação do medianeiro. Socorrem-no em suas reais necessidades, sustentam-no através do serviço ao próximo. Retiram de suas vivências o material básico, como a substância fundamental da experiência a ser realizada. O material psíquico do médium é, freqüentemente, preparado, conduzido, de forma a se tornar o pano de fundo do trabalho que realiza. Isto pode suceder em relação aos planos espirituais a que se liga, às situações que vive na Terra ou, o que é mais comum, da inter-relação entre ambos aqueles tipos de experiência. Desse modo, procura-se a interpenetração gradativa da espiritualidade com o plano material e vice-versa.

O médium não é um autômato: Ele vive, sofre e evolui ao ritmo das realizações espirituais que lhe chegam. Neste fato repousa o valor do trabalho mediúnico para o próprio indivíduo. Os espíritos servem-se de seu material psíquico, elaboram-no, sublimam-no, acrescentando, com maior ou menor intensidade, suas características pessoais superiores e uma nova substância psíquica surge, através de mensagens de tipos diversos de espiritualidade.

Entretanto, em virtude da desigualdade de níveis evolutivos, com suas conseqüentes características individuais, o material psíquico obtido não poderá agradar igualmente a todos. Haverá "paladares" mais ou menos afinizados ou prontos para cada tipo de orientação. "A verdade de cada qual" decidirá da aceitação ou da rejeição. Quem poderá opinar abaladamente sobre um trabalho mediúnico? Mergulhados como estamos num oceano infinito de causas e conseqüências que não podemos avaliar integralmente, os médiuns serão sempre louvados pelos afins e acusados pelos desafetos. Porém, se realmente estiverem se evangelizando, nada os afetará, pois o socorro do Alto já lhes estará chegando com o simples fato de serem recebidos na Seara e, portanto, socorridos para continuarem a servir.

Por esta razão, sonharão com uma única ventura — que a paz alcançada seja estendida ao maior número de criaturas, sejam elas ou não portadoras de objetivos afins com os seus.

Muitas vezes, como já ficou explicado em obra anterior, * o medianeiro é conduzido a determinado tipo de vivência com o objetivo de servir de "reagente" e, de seus contatos simultâneos com o meio e com a espiritualidade, será obtida a "substância" que, inoculada à semelhança de vacina, conseguirá gerar "anticorpos" nos irmãos desejosos de progresso espiritual.

Um médium teórico, afastado da realidade de seu meio, seria simplesmente um ornamento, mais um instrumento de especulações estéreis. O médium, mais do que ninguém, por ter a missão de influir sobre o progresso, está destinado a sofrer penosamente a influência do meio e, com o auxílio a que faz jus quando dedicado, sobrepõe-se e serve de canal às orientações retificadoras.

Indiscutivelmente, quanto maior for a ação esclarecedora, maior a reação que despertará seu trabalho; porém, esta deve ser para ele uma parte secundária; se conseguiu compreender sua tarefa, terminará por considerar que a reação, tanto favorável quanto desfavorável, representa somente o sintoma de que o remédio, do qual é portador, está agindo e provocando, em cada irmão seu, conseqüências coadunadas com o processo evolutivo de cada qual. Sua tarefa termina aí.

Procuramos traduzir nestas palavras as explicações que temos recebido de nosso guia Nicanor e outros durante os vinte anos de trabalhos espirituais, nos quais nos prepararam assiduamente para enfrentar as "rosas e os espinhos" com a mesma alegria espiritual.

A um certo momento da realização mediúnica, um compromisso sólido pode ser efetuado, estreitado, entre o médium e seu Guia, uma assistência lúcida e permanente que eles designam como "recíproca". Trata-se do momento no qual o medianeiro demonstrou suficientemente, a si próprio e aos seus orientadores, ser capaz de se subtrair às ciladas da sombra que buscam destruir seus mais elevados ideais no intercâmbio com a Espiritualidade. E quando os espinhos mais ferem é quando o bálsamo do Amor mais se faz necessário. Porém, esse bálsamo só é acessível se o sensitivo se torna capaz de entender a mensagem da dor e sabe sorrir diante da beleza do aprendizado espiritual mais árduo.

Chovem, então, pétalas de rosas sobre seu espírito, como as mensagens contidas nesta obra. Balsamiza-se, agradece e passa ao próximo que estiver apto a sentir o perfume da Espiritualidade, as bênçãos do esclarecimento recebido, por acréscimo da misericórdia divina.

E, da mesma forma que se viu felicitado e amado, sonha ver a todos os seus irmãos abençoados, sem nenhuma exceção.

"Veja quem tiver olhos de ver, ouça quem tiver ouvidos de ouvir. — Jesus."

América Paoliello Marques

Prefácio da 2ª edição

Esta nova edição de *A Rosa e o Espinho* possui, como a primeira, um significado muito especial. Ela é produto de um esforço, derivado da iniciativa pessoal, para não deixar que mensagens tão preciosas para a renovação espiritual humana permaneçam em nossas mãos, sem poderem ser estendidas sempre a mais alguns espíritos ávidos de Luz e Paz, no mundo conturbado em que vivemos.

Decorridos sete anos desde o lançamento da 1.^a edição, pela meditação constante e oportuna sobre os ensinamentos profundos que nos trouxe Nicanor, compreendemos cada vez mais o valor de nos ter sido oferecido um conjunto tão precioso de reflexões sobre a forma de operacionalizarmos o programa de trabalho sintetizado pelos símbolos da Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz, com base no Evangelho de Jesus.

Por ser difícil obtermos recursos ou colaboração de editoras, também essa nova edição é de tiragem reduzida, o que nos leva a compreender que continuam sendo poucos ainda os que atendem ao chamado dos interesses do espírito. Entretanto, não é menos profunda e generosa a alegria que sentimos com este novo lançamento, que se assemelha a uma rajada de chuva despersa generosa sobre o solo ressequido pela longa estiagem do materialismo negativista.

A grande alegria que nos invade neste momento do trabalho da FTRC está justamente representado pelo fato de termos conseguido até hoje sobreviver *sem interrupção* de *nossas tarefas abençoadas*, nas quais como aprendizes bisonhos recomeçamos todos os dias do ponto onde havíamos estacionado na véspera.

Dezenove anos transcorreram desde a fundação da Fraternidade na Terra e o "milagre" da sua sobrevivência, *sem nenhuma espécie de auxílio externo*, representa a força que o Amor do Cristo pode imprimir a seres frágeis, porém bem seguros na escolha de suas metas espirituais.

Há três anos encontra-se em andamento entre nós o Plano de Implantação da Comunidade Lar Nicanor, cujas primeiras etapas estão sendo vivenciadas como uma escola intensiva de cooperação cristã e de criatividade nos caminhos novos dos "tempos que são chegados".

Como dizia Paulo, "o Amor do Cristo nos constrange" e por Ele nos tornamos alegres nas árduas experiências do eterno "vir-a-ser" em que a vida se expressa dentro e fora de nós.

No lançamento desta 2.^a edição estamos entrando no quarto ano de existência de nossa vivência comunitária. Desejamos partilhar com os irmãos que se encontram na busca do Caminho os "talentos" que nos foram confiados, para que possamos multiplicá-los em benefício de muitos outros.

A Comunidade Lar Nicanor está sendo implantada gradualmente na sede da FTRC, situada hoje em Brasília, onde todas as informações poderão ser dadas a quem se interessar por criar um novo estilo de vida participante, para o despertamento das potencialidades profundas de trabalho e de auto-realização. *

Nicanor, espírito iluminado dos muitos que se ligaram pelos séculos às práticas do mentalismo como instrumento de evolução, hoje debruça-se sobre as necessidades cármicas dos seres humanos carentes de alimento para o corpo e para o espírito. Na CLN possuímos uma oportunidade de despertar as potencialidades do ser integral, que espera manifestar-se em nós, pelas técnicas da vivência fraterna sem fronteiras culturais, raciais ou religiosas. Despertando a Luz que está em nós, todos os caminhos se farão claros.

Como decorrência contribuiremos de maneira segura para que o Ser Humano integrado gradualmente em suas potencialidades divinas remodele o planeta, para o alvorecer de uma Nova Civilização enraizada na Paz e no Amor.

Que a Paz do Mestre Jesus se estenda, *assim*, a toda a Humanidade.

Rio, 07/12/81

América Paoliello Marques

PREFÁCIO DE RAMATIS*

*"Pelo qual sou embaixador em
cadeias; para que possa falar dele
livremente."*

Paulo

*"...em vista do difícil testemunho, trazia o
espírito mais livre para o serviço a realizar"*

Emmanuel

Todos os que trazem a seus irmãos na Terra uma mensagem superior de Espiritualidade, à semelhança do Mestre, passam pela prova da solidão, mesmo quando cercados de multidões, pois aprenderam a vibrar em padrão mais elevado de entendimento, que não pode ser aceito, de imediato, pela maioria.

Por mínima que seja a divergência fundamental, são as exteriorizações do Bem em escalas sucessivas de auto-revelações que formam autênticas barreiras entre as criaturas. Tão zelosos os homens se fazem dos benefícios recebidos do Alto e que se revelam a eles nas expressões adequadas ao seu grau de entendimento, que anatematizam todas as exteriorizações do mesmo Bem que não sejam traduzidas para as expressões do seu "idioma" espiritual. Usando o mesmo vocabulário, as criaturas não se entendem, porque vêem detalhes do Bem e desejam que todas as expressões da magnanimidade da Vida se enquadrem perfeitamente no seu ângulo de percepção espiritual.

Seria possível condená-las? Nunca. Entretanto, não seria possível, também, estacionar o ritmo do progresso porque a floresta de incompreensões humanas é densa. Haverá sempre os pioneiros dispostos à árdua tarefa de abrir caminhos estreitos e aventureiros na selva das paixões que enovelam, insensivelmente, o homem involuído.

O amor cobrirá, mansamente, a multidão das "imperfeições", tanto dos espíritos apegados às suas predileções pessoais, quanto atenderá às necessidades dos precursores que, em sua paixão de avanço, se ferirem pelo impulsionamento do progresso. O Senhor buscará amparar a todos, sem exceção, porque para Ele só conta o Amor, que desabrocha gradativamente em cada alma à feição particular das características forjadas através dos séculos.

Paz e Amor será a fórmula abençoada, capaz de dissolver, no futuro, as divergências em que se debatem, mesmo os seguidores sinceros do Mestre, desde que Ele veio trazer a "espada" e não a "paz". Usando o gume afiado da espada do Bem, cada qual irá podando os males ao seu alcance. Porém, se não se desligar da abençoada figura do Mestre, não invectivará o "pecador", detendo-se, unicamente, no combate silencioso e persistente do "pecado" em si. Deste modo, Ele poderá refletir-se em seus atos de Amor, ao mesmo tempo que o aprendiz empunha a espada da luta permanente pelo Bem de todos.

*** Nota do médium: Nicanor foi discípulo de Ramatis na Indochina e colabora hoje com as falanges que se dedicam ao entrosamento espiritual entre Oriente e Ocidente. Apresenta-se como um hindu e dá o nome de uma encarnação que teve na Grécia.**

A paz interior então conquistada será o reflexo da presença do Meigo Nazareno, sentida no templo sagrado do espírito. E o próprio trabalhador saberá que Ele, o Amigo Sublime, não se encontra a atender os sãos. Sua solicitude será o reflexo do ensino maior do Mestre — "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei." Assim, o aprendiz que se sentir em luta pela expansão das Verdades Eternas, sem abandonar seu empenho, debruçar-se-á para socorrer, "em espírito e verdade", os que julgar estejam precisando da medicina do Amor Crístico.

Não se deterá diante dos males. Prisioneiro das incompreensões de toda a sorte, cavará, silenciosamente, o túnel que o fará chegar, livre e alegre, ao seio do Eterno, sem ferir seus carcereiros. Utilizará o meio de comunicação construído em seu íntimo com esforços inauditos, na solidão dos testemunhos árdus. Simultaneamente, conquistará, pela paciência e cordura, a alma aflita dos que o acusam de ser errado por não lhes ser semelhante integralmente. Perdoará, por compreender estarem todos ajustados aos seus respectivos papéis. Crerá, mesmo, nada ter a perdoar e, ignorando o mal aparente, prosseguirá em sua jornada, abençoando os que não desejam acompanhá-lo.

Para usufruir da beleza das rosas do Amor espiritual será preciso contar com o ferimento dos espinhos, pois, na Terra, vos colocais como aprendizes iniciantes da grande semente do Amor, que é a Vida. Até que vossos espíritos se tenham libertado dos espinhos das dores que semeastes no passado, muitas rosas fenecerão no jardim da Espiritualidade Superior, sem serem colhidas por vós. Aquelas que não possuem mais espinhos estão situadas em planos tão altos que não se encontram ao alcance de vossas mãos.

Exercitai-vos, sem desânimo, na colheita que vos couber no plano em que vos situardes. São rosas ainda imperfeitas, que ferem com os seus espinhos profundamente simbólicos. O Amor, para a alma em nível inferior de evolução, representa, ainda, a dor da recapitulação difícil, pelo desligamento do egocentrismo. Porém, alguém já deixou de colher rosas por causa do perigo dos espinhos?

Este desafio simbólico sempre será aceito pelas almas sadias e sensíveis, que não temem a dor quando ela vem aureolada pelos benefícios do Amor Espiritual. Ao verterem algumas gotas de sangue de seus ferimentos, sabem fixar-se na recompensa do perfume e da beleza que o Amor proporciona. E a alegria retorna aos seus espíritos, pois ... "são belíssimos os jardins da Espiritualidade"..., e, então, sentem-se como aprendizes que se exercitam com sacrifício para atingir recompensas de maior envergadura no futuro, alegrando-se, simultaneamente, com as pequenas vitórias interiores alcançadas ao passar do tempo.

Este livro tem por objectivo incentivar aqueles que se sentem tentados a paralisar sua colheita de rosas, por temor aos espinhos. Caberá a Nicanor instruir-vos na técnica de ignorar os espinhos para melhor usufruir a beleza das rosas. De tal forma buscará desdobrar aos vossos olhos espirituais os encantos da Espiritualidade e do Amor nela existente, que, estamos certos, o acompanhareis alegres à tarefa árdua de penetrar os jardins ensombrados da Terra para limpá-los e ver crescer diante de vós uma única rosa que seja. Contemplando-a, então, vos alegrareis de tê-lo ouvido em suas exortações ao Bem.

REFLEXÕES

Desmitificar os tabus, submetendo-os à *refusão* com os valores espirituais, é uma dupla aventura, na qual crescemos interiormente pela coragem da *auto-análise* e do *teste* a que submetemos os princípios que abraçamos. Se os espiritualistas temerem devassar a caverna escura dos preconceitos humanos, quem poderá fazê-lo com propriedade?

Nessa dupla reformulação, cairão as idéias preconcebidas, vacilará a falsa estabilidade, mas a Vida será vitoriosa, desvelando, gradativamente, seus valores reais.

Em especial, essa realização confere ao aprendiz o verdadeiro senso de flexibilidade, capaz de proporcionar doses progressivas de humildade — sinônimo de ajustamentos infinitos à Lei.

Os desajustes causados pelo esforço da desmitificação dos tabus constituem um desafio, no qual a única bússola está representada pela fidelidade à consciência, pois amigos e inimigos se insurgirão contra o desenraizamento e o descompromisso da alma que busca a Realidade, porque, freqüentemente, confunde-se amizade com um compromisso tácito de aprovação recíproca.

Desenraizar valores alimentados em comum com nosso próximo, para submetê-los a replantio em terreno mais fértil e à enxertia revitalizante, representa tomada de posição geralmente julgada antifraterna, pois nem todos se lembram, com a devida presteza, de que o Sol ilumina todos os terrenos e os frutos, em última análise, não pertencem a ninguém, senão à Vida.

No entanto, constitui uma injustiça desejarmos forçar alguém a atingir um nível evolutivo que ainda lhe é inacessível. É preciso amar a cada qual no degrau em que se encontra. Quando tentamos forçar a evolução do próximo quebramos as normas do amor fraterno. É preferível suportar a injustiça aparente de esperar a valorização do Bem do que cometermos a real injustiça de forçar nosso irmão a ver o que não consegue ainda. Só assim seremos reais colaboradores da Vida.

Do mesmo modo que o carvalho coexiste sem problemas com a relva que circunda suas raízes, o espírito verdadeiramente esclarecido cresce, rijo e poderoso, inalterável em seu processo evolutivo, sem disputas estéreis sobre circunstâncias externas, pois o solo onde se firma é capaz de sustentar todas as criações da Vida, simultaneamente, na sublime promiscuidade de valores eternos representada pela convivência necessária de almas em seus diferentes estágios de aperfeiçoamento.

Quando Jesus afirmou que não se deveria dar "pérolas aos porcos", não quis depreciar *esses* animais, mas, somente, afirmar que não saberiam valorizá-las.

Ao *desmitificar os tabus*, preparai-vos para não vos escandalizar pelo escândalo que haveis de causar. As rajadas de ar rarefeito que penetrarão pela porta que abirdes, para passar ao terreno amplo da ausência de preconceitos, incomodarão os espíritos desabitados à atmosfera experimental dos desenraizamentos necessários. Se possível, agi como o carvalho, proporcionando sombra à relva, sem deixar de escoar sobre ela alguns raios de Sol que a aqueçam e revitalizem. E não vos esqueçais de que assim ela há de adornar o panorama em que viverdes, com a sua beleza e frescura, também parte do Grande Plano da Vida.

Nicanor

Prefácio da 3^o Edição

Passo a passo temos caminhado na estrada do esforço, próprio, visando a meta representada pela auto-realização espiritual. No Evangelho de Jesus temos buscado a inspiração para cada momento vivido.

Muitas alegrias têm sido decorrentes de nossa entrega às mãos dos amigos espirituais. Nosso destino e nossas responsabilidades têm sido clarificados pelas luzes dos ensinamentos do Mestre e pela possibilidade de analisarmos o passado nas regressões de memória, a fim de retirarmos *as* lições marcantes das vivências pretéritas.

Posta em movimento a engrenagem representada pelo mandamento maior — "Amai-vos como Eu voá ameí" — do muito que recebemos conseguimos estruturar uma vivência mais profunda dos ensinamentos, passando desse modo a mais uma etapa de consolidação da vivência na Comunidade Lar Nicanor.

Estamos às portas do III Milênio, cujas características serão inovadoras ao extremo. Porém, tem-nos sido afirmado o apoio constante dos Mensageiros da Luz. Mostraram-nos que recebemos já todos os elementos capazes de nos oferecer energias renovadoras para cada nova fase da implantação da Comunidade Lar Nicanor.

Conjugando elementos da cultura atual com propostas alternativas, temos atravessado 20 anos de uma elaboração constante dos desafios representados pelo que *é* novo, na vivência de vanguarda, conjugando-se com a tradição, a sabedoria da experiência vivida.

Na presente obra Nicanor sintetiza de forma magistral os significados da vivência de cada forma e cor dos símbolos da Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz, facilitando-nos uma "leitura" clara, carregada da energia movimentada pela força da vontade dirigida.

A educação mental estimulada pelos exercícios diários visa integrar-nos na posse do maior patrimônio — a Mente Superior — ainda oculto sob os véus da fase involutiva que vivemos. Porém, quem precisa do "remédio" não são os sadios e sim os enfermos, categoria em que a humanidade terrena se encontra perfeitamente classificada pela violência com a qual pretende destruir os elevados princípios espirituais.

Para resguardar a sabedoria espiritual cultivada com sacrifícios extremos pelos espíritos mais dóceis ao chamamento do Mestre, comunidades de características renovadoras vêm sendo implantadas em todas as latitudes do planeta.

Mentalismo e universalismo serão dois elementos básicos para o próximo milênio. Descoberta a força da mente torna-se indispensável que a vivência comunitária no planeta seja de natureza universalista para que o *Amor* e a *Fraternidade* sejam os fatores resultantes a enriquecer o ambiente para os que herdarem a Terra.

A nova edição da presente obra surge num momento de grande significado espiritual para a Humanidade que assiste estarrecida e impotente a desagregação moral e espiritual da vida no planeta.

Educar a mente e utilizá-la para reforçar as propostas do Amor Crístico na vida planetária será tarefa semelhante à construção das quatro colunas — mentalismo, universalismo, amor e fraternidade — capazes de suportar o peso da cobertura espiritual dos ensinamentos de todos os grandes mestres através de todos os séculos vividos pela humanidade terrena.

Que nosso amor ao Mestre Jesus possa manter-nos a Ele ligados nos grandes testemunhos a serem vividos.

América Paoliello Marques

Brasília, 28 de novembro de 1989

Prefácio da 4ª Edição (1)

Esta obra de Nicanor e o esforço conjunto da médium América Paoliello Marques trazem para o leitor a compreensão da importância de despertar e fazer renascer em cada um de nós o ser consciente, pleno, de que a humanidade tanto necessita hoje, para construir o mundo de Regeneração. O mundo de amor não nos será dado, mas vêm nos sendo oferecidas todas as ferramentas de que precisamos para construí-lo há mais de dois mil anos.

Os ensinamentos desta obra nos dão a dimensão do que poderemos realizar no nosso convívio existencial. Redescobriremos que a alegria de viver nos ensinamentos de Jesus é a saúde do espírito.

Nicanor nos faz refletir com muita simplicidade e sabedoria sobre a impermanência da vida. Assim nos lembramos de Jesus:

- “Não acumule tesouro na Terra, onde as traças e a ferrugem arruinam tudo, onde os ladrões arrombam as paredes para roubar”. A bonança de hoje pode ser o vazio de amanhã.

Mas o homem que conseguir um coração sereno e tranquilo será rico, pois terá descoberto que nele habita a Centelha Divina. O crescimento e a abundância desta luz estão diretamente relacionados à proposta de transformação interior a que nos dispusermos. E o desejo de transformação dar-se-á no primeiro momento com a internalização consciente dos ensinamentos do Mestre Jesus. Penso ter sido este o desejo amoroso de Nicanor quando trouxe estas lições tão preciosas.

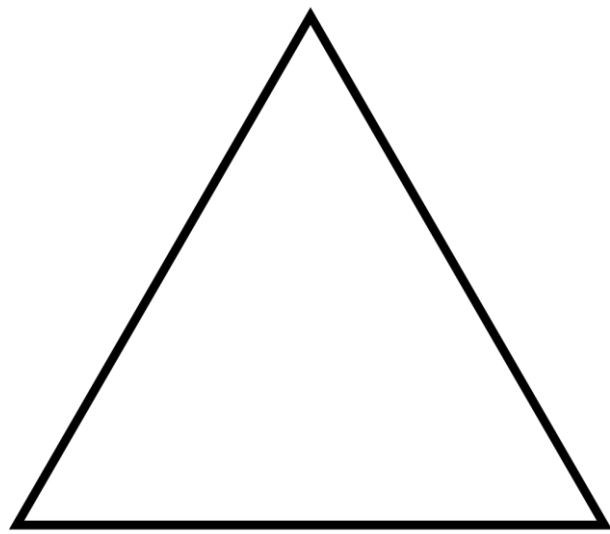
“A Rosa e o Espinho” nos convida a pensar a vida como um grande roseiral. Quando penetramos num roseiral precisamos nos equilibrar para passar entre os espinhos, cuidando para não nos ferirmos e nem arrancar os espinhos, que são a defesa da rosa. Vamos caminhando com atenção, cuidado e apreciando a abertura da rosa e seu perfume. Nossa caminhada na vida deve ter este mesmo zelo: atenção e compreensão com nossos obstáculos, com as experiências difíceis – os espinhos da nossa carne. Caminhar apreciando também a beleza do crescimento e transformação da nossa consciência interior, buscando a expansão do nosso Cristo Interno.

Sou muito grata a esse amigo querido, Nicanor, que muito me auxiliou e auxilia e a América, amiga doce, hoje no plano espiritual, por tudo que compreendemos e vivemos através de sua mediunidade. A esses e tantos outros amigos e irmãos em Cristo e ao Senhor Jesus, todo o meu carinho e meu muito obrigado por ver publicada mais uma edição desta obra.

*Rio de Janeiro, 12 de Junho de 2004.
Sônia Dutra (2)*

(1) Esta quarta edição ainda não foi publicada em formato impresso. Deverá ocorrer em 2019.

(2) Psicóloga clínica e educadora com mais de 25 anos de experiência. É terapeuta floral registrada pela Dr. Edward Bach Foundation (Inglaterra). Estudou os fundamentos da Psicologia Abissal e casos práticos da área clínica sob a supervisão de América P. Marques, Ph.D, com quem conviveu, como amiga e profissional, por mais de 10 anos.



Reflexões

Discernimento

Fé

1º PARTE

REFLEXÕES

- I. Definições (A Rosa e o Espinho)
- II. Conflitos
- III. Deus
- IV. Liberdade
- V. Transições
- VI. Meditmidade
- VII. Lealdade
- VIII. Misericórdia
- IX. Modéstia
- X. Dor
- XI. Fé

I. DEFINIÇÃO

Que é a rosa e que são os espinhos?

As coisas essenciais da Vida, por mais utilizadas que sejam, nunca perdem o sabor e oportunidade. O tema que analisamos é eterno. Ao focalizarmos "A Rosa e o Espinho" referimo-nos ao Amor e ao ódio, ao Bem e ao que se convencionou designar por mal, fruto das oscilações do pêndulo do progresso, entre os pólos do que *é* e do que *será*. Em relação ao Bem Absoluto todo o resto será mal, porque as criações temporárias e imperfeitas, embora necessárias, tendem a se desvanecer diante de novas conquistas espirituais superiores.

Ao fixarmos a beleza refulgente da Rosa, a agressividade do Espinho se desvanece, pois, sentimos como é impotente diante do perfume e do fulgor do Bem que já podemos alcançar.

No caminho evolutivo, precisamos compreender e sentir que os espinhos fazem parte das rosas e embora a rosa não dependa, para ser bela, de possuir espinhos, a própria conquista do Bem nos graus inferiores da evolução pressupõe o contato com a dor.

Nossas palavras dirigem-se às almas que se sentem sem rumo no vale das tristezas humanas, descrendo do Cristo porque "até mesmo as rosas têm espinhos" e, por isso, só vêm a negação em seus caminhos.

Inábeis na escolha dos meios de colhê-las, ferem-se e se julgam deserdadas da sorte, porque só lhe reconhecem o lado doloroso. Os campos da Terra estão cobertos de beleza e os homens se tornam incapazes de valorizá-la. Não é preciso ser um expoente de sabedoria para sentir o Amor em seus mínimos reflexos sobre a Criação. Basta que sejamos atentos e não passemos como o bruto, sem valorizar a própria relva que o alimenta.

Sentimo-nos irmãos dessa humanidade terrena que tanto luta no momento atual para se desvencilhar das cadeias de incompreensão em que tem mergulhado. Desejamos trocar idéias no silêncio da meditação que estes escritos poderão provocar. É nosso desejo abrir, em cada alma que nos ler, um campo propício à penetração de correntes espirituais positivas. Os conceitos emitidos neste livro são o produto de observações colhidas ao contato das lutas que enovelam a alma humana no processo de libertação coletiva a que a humanidade está submetida. Pretendemos estabelecer um intercâmbio baseado nas observações das necessidades mais prementes do espírito humano, em sua arrancada para a etapa de redenção.

São imensas as falanges de servos do Senhor que se movimentam no presente momento para reforçar as fileiras de socorristas voluntários na Terra e no Espaço. Uns encarnam e outros permanecem a assisti-los no plano espiritual, entrosando-se mutuamente para o êxito da etapa do final dos tempos. Multiplicam-se, dia a dia, os trabalhadores, pois a Seara é imensa. Este não é um trabalho destinado aos "eleitos". É a "charrua" que foi colocada nas mãos dos servos que desejam entregar-se de corpo e alma à aprendizagem do Bem. Que ninguém se coloque à margem sob a alegação de não ser suficientemente bom para a Vinha do Senhor. Estaria jogando fora os instrumentos que lhe são oferecidos para contribuir na escala pequenina de suas forças e muito poderá lamentar, depois, por não ter

atendido ao convite do Sublime Amigo.

Não estranheis as novas formas de, expressar o Bem. Buscai afinar vossos espíritos para sentir o perfume da Espiritualidade, reconhecendo-a sob os novos invólucros, nos quais ela se revelar à proporção que o tempo passe. A cada fase de evolução da Vida é preciso atualizar as expressões do Bem, a fim de satisfazer a períodos novos de progresso na Terra e no Espaço que a circunda.

Sede flexíveis e receptivos. Não confundais essa atitude sublime, de espiritualização permanente e gradativa, com a credulidade. O estacionamento em torno de conceitos adquiridos e esposados, sem aquele desejo de progresso e reformulação das expressões externas, aproxima-se mais da credulidade nefasta, por significar aceitação estática da Verdade, que é essencialmente dinâmica.

Quando nos dirigimos aos homens na Terra, como aos espíritos no Espaço, auscultamos sua capacidade de percepção para, então, desenvolver os temas básicos do Evangelho ao sabor de suas percepções, pois o que importa é estimular a evangelização permanente e gradual da alma humana.

Eis por que não nos é possível satisfazer a todos simultaneamente. * Mesmo falando de Jesus e de seus ensinamentos, uns verão espinhos onde há rosas e outros verão rosas onde há espinhos, de acordo com suas características pessoais.

O Amor que todos os seres da Criação nos inspiram nos induz a louvar o Senhor, seja quando nos aplaudam as palavras, seja quando nos injuriem *as* intenções. Amar significa dar. Se não atrofiarmos nossa capacidade de trabalho no bem, nem a mais acre incompreensão perturbará a caminhada que nos está destinada.

Que nos perdoem aqueles irmãos para os quais nossas palavras pareçam desprovidas de sentido. Contentar-nos-emos com o cumprimento estrito de uma tarefa que nos foi entregue — tentar estabelecer diálogo com o homem atribulado do século XX, aproximando-nos o mais possível de suas preocupações imediatas, para encontrar com ele a alegria de colher rosas, mesmo entre os espinhos da dor mais acerba da provação do final de ciclo.

Que assim encontremos um meio de louvar juntos o nome do Senhor.

**Um mesmo espírito de luz pode fazer uma preleção profunda e erudita para um auditório preparado e apresentar-se para singelos diálogos sobre o Bem com os que não estejam à altura daqueles conceitos mais altos, estimulando assim o Bem à altura da compreensão de cada qual.*

II. CONFLITOS

A paz é o supremo anseio da alma. No entanto, as veredas que conduzem a ela costumam permanecer camufladas sob os escombros dos castelos dourados de sonhos inacessíveis. A imaginação humana reveste a realidade espiritual, representada pela paz, com o manto ilusório das conquistas terrenas. Por esta razão ela, a paz tão procurada, geralmente, é atingida após desilusões profundas, nas quais o homem se liberta de suas incompreensões em relação ao mecanismo superior da Vida.

Nesse sentido foi que o Mestre afirmou: — "Não vim trazer a paz, mas a espada." E é nesse sentido que vos exortamos a não esmorecer quando *as* experiências dolorosas vos visitarem o templo da alma.

Não são corajosos, mas sim, inconscientes da realidade espiritual, aqueles que descarregam seus fardos antes de levá-los ao destino adequado. Quebrou-se uma imensidade de "tabus" em vossa era privilegiada pelo domínio da razão. Aliviou-se o peso desnecessário de inúmeras imposições descabidas, que o meio impunha ao homem na Terra. Porém, é preciso observar atentamente. O rompimento com os preconceitos sufocantes de outras épocas não vos exime dos compromissos reais abraçados, com relação ao aprimoramento do espírito. Os preconceitos irracionais geravam cadeias de incompreensões pela imposição antifraterna das convenções. Hoje *essas cadeias* podem ser geradas, com frequência lamentável, pelo rompimento prematuro de compromissos selados na Espiritualidade.

Somos amigos empenhados no intercâmbio diário com os problemas humanos. Observamos almas que sangram após o rompimento de *suas* ligações cármicas. No entanto, sua dor não lhes está proporcionando a vitória almejada. Sofrem a decepção do adiamento de conquistas árduas, porém, proveitosas, que deveriam estar em processo de consolidação. Agem como animais de carga que sacudissem o peso a transportar, saindo pelas campinas em liberdade, para serem reconduzidos ao leito da estrada, com retardamento, para reiniciar a jornada.

A situação conflitiva precisa ser observada sob o seu aspecto real. Quando interrompeis uma experiência desse teor, ou iniciou um ciclo de recapitulações penosas, proporcionais aos antigos agravos cometidos pela simples interrupção de uma revisão necessária, impensadamente, sobrecarregais vossos débitos passados com novos débitos, agravadores dos problemas já existentes.

A verdadeira paz provém da liberdade, sim, mas da liberdade interior de ir e vir nos mais recônditos escaninhos da alma, sem ouvir o eco das lamentações provenientes de experiências fracassadas. O turbilhão das emoções proporcionadas pela vivência externa não tem recursos para silenciar as notas desarmônicas das decepções espirituais. Os únicos compromissos que libertam em vez de escravizar são as algemas que fechamos entre nosso espírito e o dever, que, em última análise, é a primeira expressão do Amor na alma que inicia sua auto-renovação diante da Espiritualidade, que lhe pertence por herança e direito.

Quando vos sentirdes como no deserto árido da incompreensão humana, caminhai mais um pouco e, com atenção, buscai sentir onde cavar o poço de uma pesquisa profunda de recursos interiores, que adormecem em todos os espíritos. Infelizmente, a maioria das criaturas, em tais circunstâncias, busca no exterior o auxílio, talvez por uma fuga instintiva

à voz da consciência que *sabe* o que é mais conveniente. Num impulso de distanciar-se da "fonte" interior que traz à tona a água pura do entendimento claro em relação às provações necessárias, fogem para intermináveis pesquisas externas de uma felicidade cujo preço justo é a auto-recuperação para os princípios do Amor espiritual puro. Porque ele representa disciplina e dedicação incondicionais ao Bem, gera-se o círculo vicioso de quem prefere seguir as miragens que surgem à superfície do deserto da provação, a deter-se para sondar o veio d'água que lhe está sob os pés. E nenhum amigo, nenhum psicólogo, nem qualquer recurso a passeios, a atividades externas terá o efeito salutar proporcionado pela atitude de renúncia às predileções pessoais pelo bem do próximo.

Antes, em eras recuadas do entendimento humano, recorria-se à "Vontade de Deus" e à obediência necessária para escapar aos "castigos". Hoje, pode-se apelar para uma compreensão melhor dos fatos. Espera-se somente que os homens sejam capazes de aceitar o desafio da Vida superior, anrindo mão de um bem-estar temporário e imediato, frequentemente insatisfatório, em benefício de conquistas interiores de sua maioridade espiritual, que os fará capazes de amar mesmo a quem não seja capaz de retribuir na forma imediata que é esperada pelos seres imaturos, incapazes de colher os frutos altos da Vinha do Senhor.

Irmãos, penetrai sem temor os subterrâneos de vossa alma. Se lá encontrardes os monstros dos conflitos, ficai certos de que, de nenhum modo, estareis privados do "veio d'água" representado pela consciência espiritual que revela em cada ser a Força geradora de todo o Bem. Encontrada a Fonte, estará garantindo o suprimento para vós e para quem de vós se acercar.

III. DEUS

No Universo não existe o perfeccionismo e *sim* uma sábia e elástica lei de compensações, dentro da qual tudo evolui entre o mais e o menos, entre o sim e o não, *entre o negativo e o positivo*.

A maior forma de ateísmo é negar a onipresença de Deus pelo anátema* da intolerância. *Nas* maiores expressões do negativismo não existe a ausência de Deus.

O criminoso, mesmo nesta condição, tem Deus dentro de si. Não existe maior prova da grandeza de Deus do que sua onipresença, seja onde sua Lei de Amor é aceita, seja onde não o é.

Não haveria sentido na frase "O Amor cobre a multidão dos pecados", se o próprio erro não significasse uma, forma de experimentação que há de reverter em benefício da evolução.

Saber e propalar que Deus não é perfeccionista é reforçar na alma humana a esperança de redenção. É retirar à descrença a maior de suas armas — a intolerância em nome do que é eterno.

Direis — "sabemos que devemos desculpar e tolerar os males do próximo como forma de caridade cristã". Quem desculpa e tolera pressupõe superioridade teórica sobre o desculpado, nem sempre correspondente à real situação no momento de ser submetido às mesmas experiências.

Mais complexo e necessário, porém, é o mecanismo de reabilitação do conceito de Amor de Deus, quando se relaciona com os problemas da própria consciência. As deficiências individuais costumam criar supostas barreiras entre o espírito em luta consigo mesmo e a idéia de redenção. Dois mil anos de doutrinação cristã tiveram um resultado singular — em alguns espíritos criou-se um sentimento mórbido de culpa, aceito sem reservas como virtude em potencial; à vista dessa pretensa virtude outros se revoltaram contra a pregação cristã que seria, a seu ver, masoquista. Uma terceira posição esboça-se hoje nas mentes dos que desejam reavivar os conceitos puros do Amor cristão. São os que afirmam a coexistência do Amor com o denominado erro ou pecado.

Clamores de sagrada indignação se elevam da boca dos modernos fariseus. Quem eram os fariseus? Homens profundamente dedicados à Lei, mas que, por amá-la ao seu modo particular, haviam esclerosado suas faculdades espirituais, impedidos de atingirem concepções novas do Bem, que julgavam conhecer por inteiro, sem perda de detalhe.

No entanto, ninguém pecava mais contra a Lei, que é Amor, do que eles em sua rigidez cadavérica, máscara grotesca .do Bem infinitamente flexível e generoso. Eram mais responsáveis porque falavam em nome de Deus, deturpando sua Lei, fazendo-O à sua semelhança. Com esse rigor descabido diante da Vida, causavam mais prejuízos do que os infelizes espíritos apegados à matéria, cujos erros eram facilmente identificáveis e que jamais conseguiriam pregar em nome de Deus.

Hoje, como sempre, o nome de Deus está em jogo e os homens dividem-se em negadores e defensores do Deus que podem conceber, à imagem e semelhança de si mesmos. Felizmente, uma terceira concepção de Deus vai sendo filtrada, através da hipersensibilização do sofrimento humano, nas almas que procuram refrescar-se no orvalho do Amor.

O Deus antropomórfico é o que está sendo negado pelos ateus e defendido intransigentemente

pelos sectaristas. A terceira concepção desse Deus não comporta discussões estéreis. Vibra na alma de quem serve à Vida em todas as expressões do Amor infinito ao Bem, sejam quais forem as concepções individuais desse Bem. Não comporta especulações, pois quem O sente, sente, simultaneamente, a impossibilidade de transmitir conceitos por demais subjetivos para serem expressos em palavras.

A característica dessa terceira concepção divina é conduzir a alma a ser dentro dela, de forma independente do meio favorável ou não. É *viver a* concepção vital do crescimento interior sem sombra de virtuosismo ou de defecções dramáticas diante da própria invigilância. É viver diariamente sua própria condição, confessa e reconhecida, de alma em processo renovador, olhar sem aversão a própria limitação espiritual e amar sua condição como sabe ser amado e servido pela Vida que existe em si, sendo esta o paradigma de Deus em sua existência.

Inócuas se tomarão todas as concepções antropomórficas anteriores de Deus e de seus atributos que, em última análise, serviram para apontar o caminho a ser trilhado nas primeiras etapas evolutivas. Ele não será visto por concepções externas e intelectuais, mas vivido no autoconhecimento. Então se manifestará na capacidade de auto-ressurreição permanente. & fé já não será no socorro divino, expresso na caridade recebida do exterior e que pode falhar a cada momento. Ela será uma voz interior que impulsiona irresistivelmente, mesmo quando a alma se identifique com os pés na lama de seus próprios estados deficientes; em sua consciência brilhará o Amor de Deus, no qual nenhum dogma, nenhuma bênção ou excomunhão externa jamais poderá influir.

Direis — "só uma alma santa poderá atingir esse estágio". Sim, santa no sentido único em que essa palavra tem cabimento — o de se sentir parte real da Criação, com Deus em *si*, para dinamizar suas forças criadoras em união com o Todo, mesmo contando com as imperfeições características dos diferentes estágios evolutivos.

I V . LIBERDADE

O progresso, no andamento natural da evolução, consolidou na mente humana a certeza de que se torna repulsiva toda forma de dominação do semelhante pelo semelhante. Há um anseio de liberdade cada vez maior, que, a nosso ver, conduzirá os homens a uma conclusão bastante proveitosa.

Quebradas todas as cadeias de imposição do meio, a criatura, teoricamente, deveria sentir-se feliz, ou seja, "realizada", para usarmos um termo bastante atual. Porém, o mesmo andamento natural do processo evolutivo vai trazer uma comprovação necessária e útil. Quando a insatisfação permanecer apesar da liberdade exterior ser alcançada, a sublime pesquisa da auto-realização não poderá ser paralisada. Então surgirá a indagação fecunda — a que atribuir a frustração quando todos os recursos exteriores se tornaram acessíveis?

Por enquanto os homens ainda se encontram engolfados na satisfação imediata e enganadora dos impulsos satisfeitos após séculos de retenção. Como crianças que, finalmente, se libertam do olhar paterno, entregam-se aos folguedos tão longamente esperados da liberdade plena dos desejos represados.

Porém, a felicidade é mais do que satisfação imediata de anseios reprimidos. Ela representa crescimento, que autoriza o espírito a enfrentar imperturbável *as* carências interiores de satisfação. Por estranho que pareça, existe a insatisfação causada pelo excesso de satisfação, quando não resta mais nenhum objetivo e o vazio se implanta.

Quando a humanidade, como coletividade, chegar a sentir esse sintoma incômodo de crescimento, passará a investigar outra concepção de liberdade. Estará amadurecendo para a reversão indispensável à conquista de uma real liberdade. Já poderá sentir que os maiores jugos, de cujos efeitos tem sofrido penosamente, estão localizados em seu próprio ser e que a repressão que tanto a tem incomodado é duplamente causada por esses males que a subjagam no campo íntimo. Compreenderá que a irracionalidade de sua natureza primária propiciou a existência da repressão, fruto das anomalias e desconexões do psiquismo torturado do espírito involuído. A sociedade que o acolhe criou normas repressivas para tolher os aspectos desagregadores do psiquismo humano e, por sua vez, só pode fazê-lo de forma desarmônica, pois *as* normas adotadas eram fruto de almas desarmonizadas.

Repressão e violência andam sempre de mãos dadas. Enquanto uma existir, também a outra existirá. Representam o avesso e o direito de uma única trama — a alma involuída e predadora do homem, incapaz de sentir, ainda, o verdadeiro sentido de liberdade. Ela, a tão decantada deusa do homem terreno, esconde-se em seu próprio íntimo, zombando de seus esforços inúteis para encontrá-la entre *seus* irmãos sentenciados à mesma busca improdutiva do bem-estar material, como quem persegue uma sombra lançada por um objeto que está dentro de si mesmo. Por ser incapaz de fixar a atenção sobre *si*, rende culto insatisfatório e improdutivo à sombra da liberdade, que é a liberação caricatural de todos os instintos.

Ao final do período caótico da procura desordenada de liberação das normas e de todo jugo externo, então será possível, com os olhos cansados da procura Improdutiva no exterior, voltar a atenção para a pesquisa de melhores normas no interior.

Os inimigos de nossa paz moram dentro de nós mesmos. A verdadeira liberdade independe da liberdade externa. Ela se consolida quando nada mais é capaz de nos arrastar a atitudes impensadas, quando todo o nosso ser torna-se apto a planejar sua própria conduta, em dois sentidos capazes de consolidar a verdadeira liberdade de ação — agir sem acumular erros contra a paz interior e contra a paz exterior. Desse modo será consolidada numa só a dupla forma de liberdade — a interna e a externa.

Uma sociedade assim orientada dispensará repressão — não haverá quem a deseje exercer, nem quem dela possa necessitar.

V . TRANSIÇÕES

Vida é dinamismo. Toda concepção que desejar sobreviver precisa impregnar-se do impulso evolutivo que preside a Vida.

Através das eras o Senhor tem derramado sobre a Terra fartas sementes de Seu celeiro. Onde essas sementes caem, germinam de acordo com a fertilidade do solo e as criaturas se encantam, aí permanecendo à espera de novos períodos produtivos. Porém, também em Espiritualidade conta o esgotamento dos recursos do solo a cultivar. Os que se apercebem disto buscam terreno mais fértil e caminham sempre até que se situem no solo adequado e vejam novamente a chuva de bênçãos descer à Terra e germinar proveitosamente com toda a força dos solos virgens e produtivos.

Nem todos, porém, percebem a tempo o êxodo necessário. Em seu sentimento estático de gratidão a Deus condenam, mesmo, os que partem para novas etapas.

Estaríamos por acaso fazendo o elogio do nomadismo e da inconstância no setor espiritual? Desde que o homem é espírito, melhor será que a nada se apegue de modo definitivo. Se a sua meta é a evolução, não pode, realmente, criar raízes que o imobilizem e, quanto mais caminhar na senda interior das transições espirituais, mais se aproximará de sua finalidade.

Ao lançar um olhar retrospectivo sobre as formas da revelação espiritual veremos que, em relação à cultura cristã, três etapas estão nitidamente traçadas até o momento atual.

Através desses estágios, os princípios básicos — a existência de uma Força Criadora e o intercâmbio com Suas expressões — têm sofrido reformulações sucessivas e necessárias para conter e orientar o progresso espiritual do homem terreno.

Da percepção sincrética de sua infância, a humanidade se lançou à fase analítica de seu despertar e deverá atingir a síntese como expressão final das etapas anteriores.

Nesses três degraus evolutivos no Ocidente, suas expressões religiosas e filosóficas deslocaram-se do judaísmo para o cristianismo, devendo atingir, finalmente, a fase do Amor Crístico plenamente universalista.

Estaremos desprestigiando o cristianismo? Desejamos esclarecer que em nenhum momento da história da humanidade a figura do Mestre esteve em cheque quando se analisava o valor do cristianismo vivido na Terra pelos homens. Seu testemunho de Amor ultrapassa as fronteiras de tempo e espaço. O que se encontra em causa é o *comportamento dos homens diante de Seus sábios ensinamentos*.

Os rótulos, pois, referem-se a etapas evolutivas do homem terreno. A análise que fazemos visa acompanhar as reações psíquicas apresentadas pela coletividade terrestre em suas fases sucessivas de evolução. Frisamos bem — o Absoluto, o Bem, e a Verdade não se encontram em julgamento, mas o que o homem realizou, com o rótulo sagrado da Espiritualidade.

A primeira etapa serviu para orientar a atividade plenamente material e instintiva do

homem, caracterizando-se por normas rudes, adequadas ao meio, com as quais era preservada a integridade da mensagem espiritual, como uma armadura rígida e compacta capaz de defender a delicadeza da revelação contra as investidas das incompreensões mais elementares da época. Eis a lei mosaica do "dente por dente, olho por olho", a serviço da expansão do monoteísmo.

O segundo degrau dirigiu seu apelo ao plano astral, onde se aninham os sofrimentos humanos. Pelo impacto do sofrimento, Jesus acordou os homens para a excelsitude da dor como instrumento de progresso espiritual. Mobilizou a massa humana estigmatizada pela necessidade de recuperação. Tornou-se o médico das almas, catalisando a atenção e a esperança dos que sentiram a possibilidade de engrandecimento através do resgate de suas dívidas espirituais.

Porém, os homens, muitas vezes, confundem os meios com os fins.

E preciso compreender que uma nova etapa está em formação no seio dessa mesma humanidade profundamente marcada pela dor. Que seus sofrimentos terão fim. Assim, estamos trabalhando pela sementeira de grãos de espiritualidade de nova textura, capazes de marcar o terceiro milênio. Sua característica não será mais a dor. Sua mensagem e expressão terão aspectos novos, pois será esse novo ciclo marcado pelo Cristo Redivivo e vitorioso.

As mentes, então libertas do estigma involutivo da revolta contra a Lei do Amor, abraçarão conscientemente suas lutas para a consolidação da etapa de Redenção. Já será minorada a predominância do astral torturado, pela irradiação benéfica e libertadora do mental evoluído em suas expressões puras de Amor à vida.

Não confundais a mente com o intelecto, a pretensão de saber com Sabedoria e Amor em nível elevado de compreensão da Vida.

A apoteose que foi o cristianismo em seus primeiros dias na Terra silenciou e converteu-se em instrumento de dominação terrena. Porém, o Cristo continuou a falar às almas capazes de ouvi-Lo. Estas cresceram interiormente e chegarão a entender-lhe a segunda vinda. Criticam hoje, com objetividade, as deturpações que lhes são apresentadas como interpretações da Lei do Amor. A proporção que a alma humana crescer em percepções avançadas, mais impermeável se fará às imposições caricaturais que lhe são feitas em nome da Verdade.

Tanto no setor social como no religioso essa atitude se afirma. O Cristo Interno, como expressão da segunda vinda do Mestre, intensificará sua ação. E os homens já não respeitarão exteriorizações convencionais de espiritualidade, mas deixarão que se esboce, cada vez mais fortemente em si, a certeza da afirmação do Sublime Amigo — "vós sois deuses" Tomados pela alegria de ser com Ele parte do Todo, quem duvidará da possibilidade de encontrar seu próprio caminho?

O Amor Crístico será, pois, a expressão mais apurada da Espiritualidade na Terra. Será independente de credos políticos ou religiosos, de raças ou de latitudes. Permitirá ao homem encontrar sua verdadeira individualidade eterna e gloriosa diante da Vida. Possuindo-a, ele se despreocupará dos sistemas externos, tanto de combatê-los como de cultivá-los e chegará a sentir que foi criado para ser livre colaborador da Obra do Eterno,

submetendo-se, para isso, a todos os processos renovadores, através dos quais seu espírito precisar ser testado, em benefício da Obra a que se sentirá inteiramente ligado — a expansão do Amor Crístico em si e através de si.

VI. MEDIUNIDADE

É mais importante possuir convicções próprias e corretas do que possuir mediunidade. É mais importante estar sinceramente empenhado na busca da Verdade do que ser capaz de produzir fenômenos incomuns, por mais preciosos que estes sejam. O médium, sem prejuízo de sua função, deve ser conduzido à sua auto-realização. Não poderá ser bom médium se não der primazia ao trabalho de auto-renovação, se nele não empenhar todos os recursos e se não crer em si como indivíduo.

A mediunidade, por ser tão preciosa, não pode obscurecer a tarefa principal do espírito que é o encontro consigo mesmo. A natureza não dá saltos. Os milagres não existem. O médium que se fixar no aspecto miraculoso e incomum dos fenômenos de que participa, colocando em segundo plano sua auto-afirmação, como espírito eterno, lamentavelmente, verá declinar suas faculdades para o terreno da rotina, quando não da vulgaridade e da superstição.

A mediunidade é uma bênção para a humanidade aflita que necessita de luz, mas cumpre sua finalidade integralmente quando consegue conduzir o espírito do mediano à realização plena de sua individualidade eterna. Ela constitui um acidente capaz de estimular o crescimento interior das potencialidades latentes do espírito encarnado, que não deve se limitar à função de uma varinha mágica nas mãos de seus amigos espirituais. Sua posição deve ser a de um instrumento consciente de suas atribuições, as quais precisa, na medida do possível, tornar autônomas.

Ao incorporar ao seu acervo espiritual atitudes e convicções adquiridas no contato com seus orientadores espirituais, o médium torna-se, realmente, a antena viva e afinada que age, não por ação coercitiva do plano espiritual, mas por sintonia real com os objetivos visados pelas esferas espirituais que o orientam.

Felizes nos sentimos quando percebemos que já não nos é necessário conduzir e nem mesmo sugerir as providências capazes de garantir a vitória do bem na esfera de ação de nossos amigos encarnados. Cumpre-se nossa tarefa integralmente quando a tutela que exercíamos sobre nossos irmãos encarnados é, por força de seu progresso, transferida para a esfera da Intuição Pura, desenvolvida no hábito salutar da meditação e da realização com o Senhor.

Não queremos autômatos nem tutelados. Desejamos amigos na Terra, capazes de realizarem conosco todo o bem que seja de desejar em cada momento da evolução. Desejamos que sejam capazes de obter o próprio suprimento de forças em suas reservas espirituais e que a nós só reste o simples papel de assessores. Eis que nos encontramos tranquilos quando podemos confiar na formação adequada de médiuns estudiosos e aplicados. Seria quase uma intromissão indébita e prejudicial conservar nossos irmãos encarnados sob tutela indefinidamente, após longa preparação na Terra e no Espaço.

Agradecemos ao Senhor quando podemos entregar-Lhe a tarefa de formação de nossos médiuns cumprida a ponto de nossa interferência constante ser desnecessária e já prejudicial à consolidação dos valores individuais.

Nessa fase serão consolidadas as conquistas alcançadas, não sem sombra de enganos, pois isto é impossível em qualquer etapa espiritual, mas com a segurança que nos garante a impossibilidade de distorções, já inadmissíveis quando o médium progrediu da fase fenomênica propriamente dita para a consolidação de valores firmemente estabelecidos em seu espírito.

A mediunidade é um instrumento de afirmação espiritual através da consolidação dos princípios eternos fundamentais. Obtida esta, o instrumento não deixará de existir, porém entrará na fase final, aquela que era visada e foi alcançada. Já não haverá necessidade de interferências evidentes e constantes do plano espiritual externo, pois o campo espiritual interno estará habilitado a encontrar, por seus próprios recursos, os elementos da sadia concretização do bem.

Mediunidade, então, será sinônimo de planos interpenetrados no campo mais elevado do espírito, deixando de ser fenômeno incomum e passageiro para constituir-se numa *forma de ser* do medianeiro fiel e afinado com as esferas a que se liga na Espiritualidade.

Não somos capazes de intromissões indébitas, como afirmam certos setores espiritualistas. Sabemos preparar o médium e sabemos quando devemos permitir-lhe plena liberdade de ação. O teste verdadeiro da eficiência da mediunidade é realizado no momento em que a formação do médium é considerada pronta. Ele próprio é capaz de sentir a época na qual tal fenômeno se dá. Assim como sentiu quando deveria apassivar-se, percebe, sem sombra de dúvida, quando precisa afirmar-se sozinho. Se assim não fosse, de nada lhe valeria o trabalho penoso e prolongado de preparação de sua mediunidade. Poucos têm sido os médiuns que resistem valorosamente a todas as provas de sua formação para chegarem a ser, na Terra, representantes autorizados do plano espiritual. Porém, essa é a fase mais importante do trabalho mediúnico. Nela o médium poderá continuar a produzir mediunicamente, porém suas realizações individuais serão de maior peso para sua evolução do que sua tarefa mediúnica fenomênica propriamente dita. Esta é, a nosso ver, a 'mais preciosa forma de mediunidade, que podemos denominar *mediunidade direta*, pois se firma no intercâmbio entre a alma e a Vida, independente de tutela imediata de seres desencarnados.* É o produto da afinação obtida entre a alma e a Criação. Essa sintonia lhe garante então maior ligação com as vibrações do Amor Crístico, com todos os espíritos que nessa faixa se situam e que continuarão a procurar contato cada vez mais seguro com a alma que souber crescer em grau de espiritualização com o Senhor da Vinha, ao qual todos os recursos pertencem.

A mediunidade integral e direta precisa ser a meta de todas *as almas* empenhadas na renovação geral da humanidade terrena.

* A que denominamos mediunidade indireta.

VII. LEALDADE

Quando a lealdade se torna desagradável, passa a ser designada por deslealdade. Embora nossos motivos continuem a ser os mesmos de fraternidade e Amor, entramos em choque com a barreira que se fechou entre nosso modo de ver o Bem e aquele que satisfaz a nosso irmão.

Na grande jornada evolutiva uns caminham a passos curtos, outros a longas passadas, uns ativam o ritmo de seus *passos*, outros preferem moderá-lo; há quem caminhe fazendo paradas e quem o faça contemplando a paisagem terrena, enquanto outros contemplam o aspecto do céu. As preferências são *as mais* variadas e, geralmente, a amizade é medida pela capacidade de sintonia nessas preferências.

Desejar a alguém o bem que ainda não é capaz de valorizar ou que simplesmente não se encontra na faixa de suas preferências, pode ser a seus olhos a mais cabal comprovação de deslealdade.

O princípio da liberdade individual precisa ser respeitado integralmente no campo da espiritualização. A natureza não dá saltos, também no terreno psíquico. Amar, então, será saber esperar a maturação provocada pela Vida.

Suportar o desamor que nos possa ser vibrado por não nos podermos situar na faixa vibratória de nosso próximo, será a mais sublime forma de aprender a Amar. Certamente que não nos será possível sintonia perfeita com todas as criaturas. Surge, então, a bela comprovação do Amor que é o respeito pela forma de ser de nosso próximo.

E perguntareis — e no que concerne ao respeito que nos é devido?

Poderemos exigir nossa parte?

O Mestre recomendou que, se nos pedissem o manto, entregássemos também a túnica; se nos exigissem caminhar mil passos, caminhássemos dois mil com nosso irmão, mas, também, recomendou que deixássemos "aos mortos o cuidado de enterrar *seus* mortos" e que onde nos hospedassem e nossas palavras não fossem sentidas como mensagem de paz e Amor, essa paz a nós retornaria e, limpando as sandálias, retomássemos o caminho.

Portanto, de nenhum modo enalteceu a supremacia espiritual de uns sobre os outros para que prevalecesse o modo de ser de uma alma sobre as demais. Valorizou a utilidade de não alimentar disputas, de ceder no que nos for exigido e que não imobilize o processo evolutivo. Dar o que for possível em benefício da harmonização com o próximo, sem, no entanto, permitir-nos a tarefa indesejável de cuidar do que é morto, em oposição àquilo que estimula a Vida.

A tarefa interior de crescimento espiritual é sagrada. A ninguém é lícito interferir para detê-la sob a falsa solicitação de lealdade ou de solidariedade. Desde que, conhecendo o caminho, nos detivermos para "enterrar os mortos", isto é, em atenção aos preconceitos que cadaverizam as almas, teremos perdido a companhia do Mestre que, amando a humanidade, não se deixou enredar pelas falsas necessidades criadas pelo orgulho e seu séquito de preconceitos humanos.

Diante dos mestres de Israel, surgiu como desleal à lei mosaica, pois seu conceito de lealdade ultrapassava a aceitação geral. Caminhou praticamente solitário, pois mesmo os seus seguidores não alcançavam o padrão elevado de sua lealdade ao Bem impessoal porque divino, ultrapassando as fronteiras humanas.

Cada alma que cresce em padrão de espiritualidade afasta-se da medida geral e, assim, deve ser acusada de deslealdade às normas em vigor. No entanto, em espiritualidade, não existem padrões externos. Há somente a "voz do silêncio" que ecoa no espírito capaz de entendê-la. Que se torne apto a pagar o preço destas conquistas — a extrema capacidade de respeitar o ritmo e a forma de caminhar de seus companheiros de jornada. Procure suprir a solidão externa pela alegria sublime de vibrar na pura expressão da lealdade ao Bem, que só paga em moeda de paz espiritual, dentro do próprio desnível que sua presença provoca diante dos preceitos aceitos pela maioria.

De que valeria seguirmos o Mestre, se não fôssemos capazes dessa experiência interior? Certamente que paralisaríamos nossos passos na estrada real da Vida para "enterrar os mortos" e O perderíamos de vista...

VIII. MISERICÓRDIA

Há crédito suficiente dentro da Lei de Deus para todas *as* criaturas. Dentro dos acanhados horizontes da mente humana costuma-se impugnar sentimentos e idéias alheias, marginalizando todas as expressões antagônicas da nossa concepção pessoal da Vida.

Entretanto, a tão decantada "misericórdia do Senhor" possui um significado mais amplo do que podem conceber *as* criaturas, imersas nas incompreensões características de seu estágio involutivo. A misericórdia do Senhor é grande, não por tolerar e perdoar o mal que ainda reside na criatura imperfeita, seja em nós ou em nosso próximo, mas por retirar desse mal o próprio bem que necessitamos atingir.

Sendo *assim*, bem compreendida, a Lei é Amor e misericórdia porque abençoa e ampara o espírito, alheando-se das circunstâncias de julgamento, pois o mal que condenamos em nosso próximo é o germe do bem que lhe burilará a essência espiritual. A misericórdia divina é grandiosa, portanto, não por tolerar os enganos em que laboramos, mas por identificar neles a própria essência da Vida, parcela do engrandecimento no processo de auto-renovação.

Não existe fronteira definida e discriminatória entre bem e mal e nesse fato reside a mais cabal comprovação de que o Amor, em sua expressão de misericórdia, é imanente em toda a Criação. O Senhor, como figuração da Lei e da Harmonia que regem o Universo, não se detém, como a simplória mente humana, a separar o joio do trigo, como quem condena e abençoa, num processo mecanicista de aplicação automática de prêmios e castigos. O próprio mal, classificado como estorvo ao bem que desejaríamos conquistar, é o instrumento da abertura do espírito para novas perspectivas, pelo automatismo sublime da Vida, capaz de converter agulhões em bênçãos, espadas contundentes de dor em meios de recuperação e sangramento de feridas deterioradas.

Por esse motivo, é comum suceder que uma alma, em aparente desarvoramento, esteja mais próxima de sua redenção espiritual do que outra, ainda envolta no aspecto de espírito pacificado, mas que somente ainda não se encontra na fase das recapitulações redentoras. Na primeira, as forças positivas e negativas, isto é, os antagonismos que, respectivamente, propiciam e entram o progresso, já se defrontam em batalhas decisivas e disciplinadoras dos princípios vitais. Há choques salutares que trazem à tona, em grande escala, os recursos adormecidos. São, geralmente, almas corajosas que decidiram "chegar às vias de fato" com sua própria natureza involutiva e permitir que a batalha portentosa pela conquista do Amor se travasse, apressando a chegada do dia radioso de sua auto-recuperação. Programaram o reencontro penoso com suas imperfeições, pois sua maturidade espiritual atingiu o limite no qual a contemporização já não satisfaz. Poderíamos designá-las por almas do tipo *B*, aquelas que preferem lutar declaradamente com suas imperfeições a ignorá-las. Encontram-se no pórtico da auto-realização diante da Vida, pois desejam encarar-se tal qual são. Seriam deserdadas? Haveria possibilidade de existir um Deus perfeccionista que lhes voltasse a face para não fixar suas imperfeições? Ou, pelo que se pode crer seja o conceito mínimo, indispensável, do Amor, sobre esses batalhadores corajosos a misericórdia se esmeraria, empenhando-se com eles na luta benfazeja?

Em relação às almas que denominaríamos do tipo *A*, podemos compreender que se situam na antecâmara do Amor espiritual. Crêem, mas temem comprová-lo submetendo-se a

vivências por demais intensas no seu entender. Já não serão dos que se encontram fora do alfabeto da espiritualidade, isto é, não ignoram a necessidade de aprender o valor das letras que desvelam *as* realidades eternas, porém, um temor subconsciente as retém do lado de fora do torvelinho das próprias paixões que temem desafiar.

Falam de Amor e de misericórdia, porém, não sentem que eles sejam capazes de realmente cobrir toda a multidão dos próprios "pecados" e assim adiam uma revisão em maior profundidade. Contentam-se em comportar-se bem em limites estreitos de realização espiritual, julgando, ingenuamente, que a Vida nunca lhes exigirá revisões intensas. Por não se prepararem devidamente para nadar em águas profundas das recapitulações *necessárias*, *dia* virá em que, à semelhança do banhista que passeia descuidado junto às ondas da praia, ver-se-ão arrastadas para o mar profundo de suas impressões subconscenciais, quando a Vida já não lhes permitir ignorá-las.

Então, também para *as* almas tipo A, chega o dia no qual a misericórdia e o Amor precisarão ser buscados em doses mais intensas, porque estarão transitando para decifrar a segunda letra do alfabeto da Vida.

No tipo A configuramos as almas que se limitam à revisão do consciente. No tipo B estão representadas as que já sentem e procuram revisar a zona subconsciente. Haverá uma terceira etapa, quando outra letra do alfabeto espiritual começar a ser conhecida em maior escala. Surgem as características da alma tipo C, preponderantemente orientada pelas expressões do Superconsciente. Porém, embora as três zonas da consciência eterna estejam presentes em todas as almas encarnadas, cada qual vive mais intensamente as impressões de uma delas. E esta última só prevalecerá sobre as outras quando os entrechoques entre as duas primeiras permitirem ao espírito a capacidade de se refugiar, com mais freqüência, junto às forças sublimadas da Vida, representadas pela misericórdia que jorra indiferentemente sobre qualquer desses estágios evolutivos do ser. O que as diferencia é a capacidade de absorção do Amor, pois este não se mede a si mesmo, deixa-se infiltrar por onde lhe seja permitido, na dosagem característica do grau evolutivo de cada alma.

Portanto, sejam *vossas* expressões evolutivas de aparente serenidade, ainda virgens dos grandes e dolorosos entrechoques revisores ou estejais entre aqueles que se vêem tal qual são diante da Vida, crede que o Amor, realmente, paira sobre vós, sem a menor discriminação impossível e incompatível com as características de generosidade da Vida. Lutai valorosamente para absorvê-lo em toda a extensão de vossas possibilidades e, no tempo oportuno, o mecanismo da Lei vos conduzirá à transição possível a todos, após *as* grandes revisões do passado, para a integração feliz com o futuro, pela supremacia das expressões do superconsciente, no qual podereis absorver ampliadas expressões do Amor, que vos cerca em todos os momentos, à espera do glorioso surgimento de uma capacidade maior de captação.

IX. MODESTIA

A modéstia não é um atributo inerente às situações apagadas no plano material. Representa uma expressão do espírito imortal, que pode e consegue vibrá-la independente de cargos ou posições.

Imaginai a Terra em sua etapa futura de evolução e colocai-vos, espiritualmente, na posição daqueles que então ocuparão os postos-chave da orientação do planeta. Para lá caminhais gradativa e insensivelmente. Não se dirá a vós —hoje ou amanhã ou, ainda, em determinada data terá início a era da fraternidade. Ela se inicia para cada espírito a partir do momento em que decide viver *sua* era de fraternidade. No futuro, as almas empenhadas em tal evento serão maioria pelos argumentos coercitivos da dor e da redenção por ela provocada. Porém, o relógio da eternidade não assinala o final exterior das épocas de transição. O chamamento é permanente. Uns entrarão na faixa das novas vivências já em pleno período caótico do final dos tempos, pelos testemunhos árdus do Amor Crístico; outros só sentirão essa necessidade quando todos os caminhos fáceis estiverem bloqueados.

Porém, que se faz necessário para que cada servo tome a si o papel que lhe cabe na grande transição, o mais breve possível?

Nós vos perguntaríamos — que espera o Cristo de cada um de nós? A todos que O cercavam ofereceu papel condigno para a adesão ao novo reino. Na maior parte dos casos, à exceção dos que O deviam seguir em caráter especial como apóstolos mais diretos, nenhuma alteração externa foi solicitada com relação à posição e aos compromissos normais da vida. Ao contrário, é de senso comum que o cristão tem como recomendação especial o desempenho reto de suas funções específicas, na posição em que a vida o tenha colocado.

Virtude, pois, não é a negação da ação, seja ela relacionada com este ou aquele setor da atividade. Assim como a humildade nem sempre é companheira da pobreza, o orgulho e a vaidade não são obrigatoriamente companheiros dos postos da evidência terrena.

Qual será o ideal do cristão com a nova fase do planeta? Se o Cristo deve imperar entre os que herdarão a Terra, seus seguidores terão todo o empenho em conquistar, com Ele, a orientação espiritual da humanidade. E como poderão fazê-lo se os que estiverem habilitados para esse empreendimento se recolherem, fugindo ao testemunho árduo de provas redentoras que permitirão ao Cristo atuar por seu intermédio?

A época em que o poder sobre as massas representava, quase invariavelmente, corrupção e venalidade precisa ser transferida para as coisas do passado. Os servos fiéis precisam galgar os postos-chave da realização no plano espiritual, disputando-os à repugnante deturpação do Bem, que é a cobiça egoística do poder.

O servo impregnado do Amor ao Bem busca-o como único objetivo de sua vida e não o repudia quando este lhe chega sob a forma de fortuna e da possibilidade de exercer com o Mestre tarefas que influenciem o mundo para auxiliá-lo a se redimir.

É da tradição humana que o poder, a fortuna e a fama constituem obstáculos absolutos

e intransponíveis para as almas involuídas dos homens. Porém, como poderá o cristão comprovar a si mesmo o valor de suas conquistas interiores se essas duras provas forem capazes de arrefecer o seu idealismo?

Falamos em termos de futuro e precisamos começar a construí-lo no momento presente. Que os temores descabidos sejam alijados. Confiando na inspiração superior, o discípulo não poderá se negar a auxiliar o cumprimento da promessa de que "os mansos herdarão a Terra". Já não se pede que renunciéis aos bens terrenos, mas que os conquisteis para o Senhor. Seu reino não era deste mundo na época em que passou entre vós, mas cabe a vós o dever de conquistar este planeta para uma integração cada vez maior com Ele.

Vencendo diariamente a batalha do Amor em vossas almas, avançai para as realizações que o Senhor vos apontar. Nesse final dos tempos Ele permanece como o general que orienta seus comandados para a batalha decisiva do Bem contra as trevas do desamor. Empenhando-vos sinceramente em servi-Lo, não vos preocupeis com o tipo de função que vos for entregue. Testemunhai com Amor vossa fé no futuro, quando as bem-aventuranças já não constituírem promessas e sim riosas concretizações de paz. Vivei-as, ignorando o caos ao vosso redor. Sede empresários, sentinelas avançadas da nova era. Amai o Senhor, servindo-O onde quer que Ele vos solicite os préstimos.

Não vos esqueçais da falsidade de asserções como a de que "o hábito faz o monge", pois, na realidade, podem existir almas de monge cobertas do ouro das situações impositivas da vida, nas convenções humanas ainda não dispensáveis, por força das circunstâncias involutivas do planeta.

Não julgueis pelas aparências. Dai o testemunho de que credes no Senhor, em Sua presença. Se vossa situação vos coloca entre os que devem dar o testemunho da evidência, dai-o com Amor e o Senhor será posto em destaque por vosso intermédio.

Desde então, a verdadeira modéstia terá surgido em vós, pois O reconheceréis como a força que vos conduz, independentemente das situações exteriores. E, pelas lutas em que vos empenhareis em Seu nome, aprendereis a subjugar as expressões inferiores de vosso espírito, pelos mecanismos interiores que sereis forçados a movimentar para permanecer-Ihe fiéis, sejam quais forem os testes a que a vida vos submeter.

X. A DOR

A dor é o produto do impacto do Amor sobre a imperfeição humana.

O espírito que sofre *esse* impacto, se já não é primitivo a ponto de ignorar qualquer forma de pesquisa do abstrato ou de mergulhar-se na revolta irreversível, indaga, perplexo, *as* causas da dor. E, mesmo quando a compreende como instrumento de aperfeiçoamento espiritual, não consegue furtar-se, ainda que subconscientemente, à ansiosa indagação — a Vida, ou Deus, ou seja, a designação que se dê à Força Criadora, não poderia lançar mão de recurso menos cáustico para a orientação adequada do espírito humano? Num século em que a própria face material do planeta se converte em fonte de bem-estar aprimorado nos mínimos detalhes, o processo evolutivo parece dissociado do padrão técnico de conquista suave e tranqüilizadora dos objetivos a alcançar. Estaria a Espiritualidade desatualizada, empregando meios coercitivos numa sociedade propensa cada vez mais a utilizar meios suasórios? Seriam os adeptos das doutrinas espirituais conformistas adaptados a uma interpretação sadomasoquista da vida?

Todas essas interrogações ocorrem às almas sensíveis, àquelas que, realmente, buscam sua dose acessível de Verdade sem *se* deixarem "grampear" pelos convencionalismos de quaisquer origens. Devemos ouvi-las e não temê-las. De que valeria possuímos suposta superioridade filosófica ou mesmo grau mais expressivo de conformação e grandiosidade de propósitos se não conseguíssemos ir ao encontro de quem padece tão dolorosas impressões?

A dor superlativa tolda a visão clara da situação vivida. A centralização sobre a ferida do "eu" interrompe a comunicação com a realidade objetiva e a alma se coloca, muitas vezes, como o animal atingido que lambe a ferida repetidamente, sem conhecer nenhum recurso externo, absorta na contemplação do mecanismo doloroso de sua prova. E descrê do Amor. E desilude-se da Providência.

Passado o nevoeiro da dor, no qual navegava pelo simples instinto de preservação, continua a interrogar — por que a dor? Não haverá outro processo?

Sim, ele existe e está em nossas mãos utilizá-lo. Entretanto, é preciso conhecer o mecanismo da Vida para poder chegar a pô-lo em prática.

Em primeiro lugar saber — de onde viemos e para onde vamos? Sem traçar essa linha claramente definida não podemos programar mais do que comportamentos isolados e desconexos, desprovidos da amplitude característica de um real planejamento. Hoje, a possibilidade de definição nesse setor já não é privilégio de alguns. De acordo com as tendências individuais, há fontes diversas de pesquisa da fenomenologia ou da teoria dos fatos espirituais. Todos podem recorrer, se desejarem, aos recursos inumeráveis que propiciam a constatação do fenômeno da vida extraterrena.

Vencida a primeira etapa, que é a da dúvida sobre o processo evolutivo do espírito na Criação, restará analisar o seu comportamento instintivo, para se concluir sobre a desconexão entre as leis da Criação que se expressam em Amor e colaboração como perfeita sincronia e a completa abstração que caracteriza o homem em relação aos propósitos gerais

da Evolução.

Não será esta, também, uma característica que lhe foi imposta pela mesma lei que o criou? Poderia ele fugir a esta circunstância? Analisai vossos atos. Encontrareis sempre em vós uma dupla tendência, como um movimento pendular que vos induz ao *sim* e ao *não* alternadamente e entre ambos o fiel da balança da *vontade* que decide. Esta é unia das leis da Criação, aquela que vos toca mais de perto. Sois senhores de vossa individualidade eterna. Sua exaltação ou degradação encontram-se na exclusiva dependência do uso da vontade dirigida neste ou naquele sentido. O que vos faz descrever que assim seja é a visão parcial que possuíis do conjunto evolutivo, formado pelas múltiplas formas de existência que ao espírito são proporcionadas.

A dor é o impacto que o Amor produz sobre o espírito condicionado em sentido contrário a Lei do progresso. A inércia, de características opostas à evolução, é eletrizada pelo impacto do Amor que visa impulsionar no sentido do crescimento o espírito acomodado com suas expressões medianas de progresso. A dor não foi criada. Ela não existe, senão na proporção em que nos apegamos de tal forma aos condicionamentos involutivos, que oferecemos resistência ao impulso criador da Vida. Se nos deixamos conduzir por ele, todos os obstáculos se desfazem à passagem da essência espiritual, que se escoia como linfa benéfica, a gerar novos condicionamentos relacionados com o mecanismo feliz da Citação.

Entretanto, antes que essa integração venturosa se processe o espírito desperto para o funcionamento adequado do ser precisará observar as normas indispensáveis ao reajustamento psíquico que lhe diz respeito. Precisarás usar o fiel alia da balança, representado pela *vontade* dirigida no sentido de pesar e medir todas as expressões de sua individualidade eterna, até que sejam alijadas as que se contrapõem às leis gerais da evolução, às quais nenhum ser vivente poderá opor-se, sem choque natural com o fluxo Criador do Universo.

Ao verificar os benefícios da correção dos processamentos psíquicos habituais, o espírito como que "passará", automaticamente, para um outro "campo de ação" mental e emocional. Terá sido iniciada uma cadeia de novos condicionamentos, capazes de produzirem a impressão de ser "um novo homem". Este fenômeno é produzido em pequena escala, como produto da rotina evolutiva de todas as criaturas.

Quando desconhecem teorias relacionadas com os comportamentos psíquicos humanos, nem por isso deixam de adquirir, intuitivamente, o que se chama a "sabedoria popular".

No entanto, na era dos planejamentos científicos, para os mais insignificantes detalhes da existência, o crescimento espiritual da humanidade está a exigir que se planeje em relação ao magno problema do ajustamento psíquico em relação ao grandioso plano da Vida. Com a diluição da matéria em energia, encontra-se próximo o momento em que esta abrirá às escâncaras a porta da Espiritualidade na Terra.

Será, então, o momento de reconhecer, por a + b, que a dor é o choque do espírito que, como o astronauta desavisado, se afastou da rota e se projeta contra os elementos das leis impessoais porque coletivas, ameaçando a estabilidade do conjunto de que participa. Logo que providencie *seu* reajustamento, admirar-se-á da existência de um constrangimento que poderia, tão simplesmente, ser evitado.

XI. FE

Fototropismo — força generosa que atrai para a luz os seres vivos capazes de se deixarem impregnar por ela. Fé, sentimento de predestinação, reminiscência da Origem que embala o espírito no exílio dos seus primeiros passos evolutivos. Fé, elixir e tônico, seiva e sustentação capaz de manter viçosa a rosa da sensibilidade humana para que desabroche integralmente e expanda toda. à beleza de sua vitalidade antes de fenecer a matéria que, temporariamente, representa sua manifestação objetiva.

Observando a rosa desabrochada em seu esplendor de beleza, somos induzidos a considerar que possua uma matriz ou duplo etérico que desejaríamos ver indestrutível, pelo desejo de conservarmos o que é belo. No entanto, esquecemos que o importante não são as formas temporárias de expressão da força criadora, mas a vitalidade que as produz.

O princípio vital, disciplinado pela engenharia sideral, criou na rosa o mecanismo através do qual ela transforma os resíduos do solo em substâncias químicas responsáveis pelo provimento de sua vitalidade.

Na sensibilidade humana, de que a rosa é um simbolismo adequado, um fato semelhante ocorre. Existe um mecanismo que elabora o produto das vivências humanas, como se fossem substâncias químicas formadoras da seiva dos valores assimilados. Da maior ou menor riqueza destas "substâncias" dependerá o desenvolvimento mais perfeito e o "desabrochar" da sensibilidade humana. Entretanto, apesar da seleção e reação mútua dos elementos químicos serem responsáveis pela elaboração da seiva, torna-se necessário um fator decisivo para o seu aproveitamento. A rosa que não fosse capaz de sentir a atração da luz como uma força irresistível, capaz de erguê-la qual monumento de beleza e símbolo do amor, rastejaria, misturando-se ao pó e à lama, no que sua beleza estaria comprometida, assim como sua própria existência.

O fototropismo da flor pode ser comparado à reminiscência da predestinação espiritual que possuímos. Que sucederia se a rosa deixasse de se erguer na haste em consideração à impossibilidade que possui a relva de se elevar de forma semelhante?

Nas almas, como em toda a natureza, é preciso respeitar as leis criadoras em sua pureza integral, sem estabelecer prioridades. Tanto o fototropismo limitado que sustenta a posição da relva como o que mantém erguido o roseiral ou o carvalho são expressões absolutas, em sua mensagem característica, da força universal do Amor. Desejar estabelecer uma escala preferencial no respeito que merece cada expressão de vida, seria destruir a beleza do conjunto, que é, igualmente, esplendoroso, em toda a extensão e em cada detalhe.

Cada ser, em sua posição própria, precisa sentir a atração da Força que o gerou e crescer em direção a ela.

O homem que ama a vida, integrando-se a ela, encontrará, como a rosa, os obstáculos das "ramagens agrestes" que o cercam. A Terra é um jardim selvagem onde os vendavais do psiquismo humano permitem que o roseiral seja açoitado pelas expressões indisciplinadas dos ramos agrestes.

Entretanto, o fototropismo não pode cessar e a rosa, seja qual for o panorama onde viceje, precisa expressar-se e transmitir sua mensagem capaz de enaltecer o valor do Artista Supremo que a concebeu, embora toda a Obra seja da mesma origem. Porque haja espinhos, vendavais ou vermes, ela não poderá fenecer sem força de emitir seu hino de louvor à Vida. Por ter surgido entre a rudeza do meio involuído, é, justamente, a razão maior para que cresça e fale em termos eloqüentes da Força Criadora que a gerou, que é irmã da que sustenta o resto do panorama, mas que necessita de sua participação para refletir na Terra as belezas do Céu.

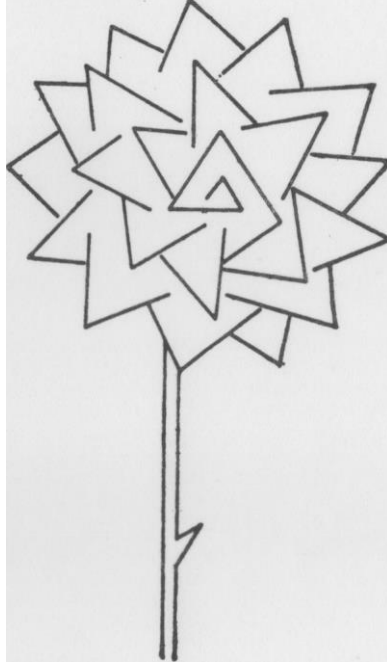
Quanto mais agreste o panorama, mais necessárias as rosas. Quanto mais adubado o terreno pelos resíduos da dor, mais viçosa ela será.

Uma nova, concepção de beleza, ininteligível à maioria, estará pairando diante dos olhos humanos, expressada pela alma que ama, concentrada na sua forma de exprimir o Amor, mesmo cônica da transitoriedade de sua posição. A mensagem do seu perfume de amor e da beleza de sua expressão falará, silenciosamente, às almas capazes de observá-la, sobre a força que a sustenta — o fototropismo da fé que a mantém caminhando em direção à Luz.

Ela não tentará definir a Luz, mas enviará mensagem decisiva na objetivação de sua beleza. De que adiantaria definir a força que a sustenta? Ela não é válida por ser compreendida, mas por ser vivida e sentida. O contágio do Amor acorda ecos interiores impossíveis de serem descritos em palavras.

Duas rosas podem fortalecer-se mutuamente na troca da seiva que as sustenta. Porém, de que valeria ao cactus ou à urtiga a vizinhança do roseiral? Simplesmente de tema para a meditação do observador, sem que a natureza de cada vegetal se altere. No entanto, devem coexistir e continuar crescendo para o cumprimento de suas respectivas realizações no Universo, que é grande e generoso, que é diversificado e belo em seus contrastes, para que cresça espiritualmente a ponto de não condenar os seres involuídos nem ofender os mais aperfeiçoados.

A fé transporta para fora de nós as montanhas da incredulidade em relação ao nosso destino de crescer acima do nível das sombras. O fototropismo ergue o vegetal a alturas imprevisíveis para buscar sua destinação. Impregnados de luz, nosso desenvolvimento será harmonioso, não importa o que possa suceder a nosso redor.



Vivências

Sensibilidade

Esperança

2º PARTE

VIVÊNCIAS

- I. Ação
- II. Medo
- III. Escândalo
- IV. Decifração
- V. Responsabilidade
- VI. Tesouros
- VII. Continuidade (liderança)
- VIII. Renovação
- IX. Trabalho
- X. Coordenar
- XI. Esperança

I. AÇÃO

Jesus não veio para a contemplação. Ninguém amou a humanidade com mais dedicação e espiritualidade. No entanto, sua vibração de Amor Ele a verteu inteiramente em atos de benefício ao próximo.

De que valeria rompermos com os padrões antigos do egoísmo em relação às coisas materiais e continuarmos a nos refugiar nos interesses pessoais com relação ao que *é* eterno? Buscarmos entender a Espiritualidade, amá-la e desejar nos entregarmos a ela exige um permanente desligamento de padrões inferiores de ação.

O homem encarnado, que já sentiu sua condição de espírito em provação, deseja testemunhar Amor ao Bem, mas, geralmente, ainda está demasiadamente ligado ao "próprio bem". Já sabe desejar renovação espiritual, sem, no entanto, saber pagar integralmente o tributo necessário.

Na realidade não sente ainda que não existe fronteira entre o "próprio bem" e o bem de todos. Que o primeiro é limitativo, sendo que no segundo está incluído o seu benefício, sem exclusão de ninguém. Concebemos facilmente um plano, de acordo com os desejos pessoais, para nossa evolução. Esquecemos de que o plano individual, freqüentemente, perde em grandeza e não se enquadra, por isso, no planejamento geral.

Desindividualizar-se é o meio de crescer em amplitude espiritual. Buscando o próprio desenvolvimento espiritual, o primeiro passo será esquecer *as* conveniências pessoais. A humanidade, recém-liberta dos grilhões das imposições descabidas do semelhante sobre o semelhante, embriaga-se de liberdade e esquece que constitui um conjunto de peças, as quais *só* serão suficientes quando perfeitamente ajustadas umas às outras. Numa reação característica do seu estágio evolutivo, concentra-se sobre si mesmo, ignorando ainda o mecanismo geral.

Mais do que nunca, aqueles que compreendem a existência de um planejamento global precisam abrir mão de seus interesses pessoais e ampliar o raio de ação. Os espiritualistas, antes de procurarem em sua fé uma consolação e amparo, precisam transformar-se em instrumentos dessa consolação e amparo. Receberão na medida que derem. A Lei não é avara, mas *é* a Lei. Recebe quem dá, não porque a Lei cobre o que proporciona, mas porque cada qual recebe na proporção em que se torna instrumento dela.

Não vos inquieteis, pois, pelo que recebeis ou não. A vossa *ação* decidirá sobre o vosso *suprimento*. *É* da Lei que assim seja. Não vos preocupem os recursos de que necessitais. Quando vosso esforço fizer jus, o Senhor se incumbirá de amparar-lhe a continuidade.

A fé é o combustível que desloca o espírito em direção ao próprio reabastecimento. Na estrada evolutiva, os postos de renovação estão distribuídos de tal forma que o servo fiel não estará nunca ao desamparo. *É* da Lei que o Bem seja sustentado pelas Forças Superiores. Não temais quando a caminhada vos parecer solitária e inútil. O Senhor vela por todos os Seus filhos. O reabastecimento pode parecer que tarda, mas será suficiente para garantir a continuidade da jornada.

Sejamos tranqüilos. O Senhor nos perdoa as vacilações. Compreende-as como prova de nossa pequenez, mas, se perseverarmos, Ele não nos faltará.

II. MEDO

Que é o Evangelho senão uma polêmica conduzida no bom sentido?

A Vida, tal como se apresenta, está constituída de *aspectos* negativos e destruidores à primeira vista, porém, no cômputo geral, se soubermos observar, compreenderemos que a destruição aparente e até mesmo o caos obedecem a um sentido de reconstrução que precisamos valorizar.

Quem crê não teme. Antevê a vitória do Bem, mesmo quando o mal se mascara de vitorioso.

O princípio dialético da evolução precisa ser observado serenamente, com a certeza de que o Senhor preside a renovação de seus filhos. "Entretanto, direis, é necessário evitar maiores quedas, prever situações, planejar conduta renovadora. A nós, parece que seria preferível evitar contágio demasiado com o mal, para exaltarmos o Bem."

Nós vos afirmamos que o Bem é a Luz e o mal a sombra projetada pelos homens quando atingidos pela solicitação do Grande Foco de Vida. Para valorizar o Bem, é preciso perceber, repetidamente, o contraste entre a Luz e a sombra. Podereis fugir ao ofuscamento gerado pelo impacto do Bem, mas, para permanecerdes comodamente sem o sofrimento causado pelos contrastes, certamente tereis as desvantagens de acomodar-vos na penumbra.

O receio de errar, às vezes, se transfere para o receio de agir. A alma consciente da supremacia do Bem não pode tolher seus passos para supervalorizar *as* expressões involutivas que se revelam em si ou a sua volta.

As batalhas entre o Bem e o mal, entre a sombra e a Luz não vos devem intimidar. Fazem parte do portentoso e sábio mecanismo da vida. Em estágios inferiores das suas expressões, a 'Criação prevê a existência de reajustes sucessivos e constantes, nos quais a estabilidade e a harmonia apresentam aspectos caóticos, porém, garantidores da continuidade do processo evolutivo.

A harmonia, como ideal cristão, precisa ser encarada, não como situação estática de bem-aventurança. Ela representa a capacidade de não nos negarmos *a nos* apassivar ao Bem, que reformula constantemente suas expressões. Pagamos, para obtê-la, o tributo de sermos valorosos, suportando *as* transformações necessárias à afinação aos graus sucessivos de aprimoramento, nos quais a realidade espiritual se expressa, à proporção que nos tornamos capazes de percebê-la.

O medo revela ausência de confiança no processo renovador da Vida. É preciso crer, não por uma abdicação do direito de análise, mas, exatamente, por observarmos a realidade espiritual, que se revela nas transformações sucessivas a que somos convocados para assegurar a continuidade do aprimoramento espiritual.

Nossa inabilidade na manipulação das cordas da alma, para afiná-las à sonoridade da Beleza Eterna, deverá ser observada como as tentativas do aprendiz que procura vibrar seu instrumento em sons estrídulos e, nessa faina penosa, chegará um dia, com toda a segurança, se souber perseverar, a realizar seu anseio de aprimoramento no grande concerto universal.

III. ESCÂNDALO

**"A todos vós, serei esta noite um motivo de escândalo."
— Mateus, Cap. XXVI, vs. 31.**

O amor evangélico jamais significou passividade diante do mal. O sublime equilíbrio espiritual pregado e exemplificado por Jesus representa firmeza de propósitos sadios, deliberação segura de avançar, apesar de todos os apodos e incompreensões. Amar o Bem representa uma predestinação para o escândalo na Terra, onde os espíritos iluminados são peregrinos sem acolhida segura.

Jesus advertiu aos discípulos de que Ele próprio seria, para seus seguidores, motivo de escândalo, isto é, de perplexidade e aflição, sem que deste fato se pudesse concluir sobre um comportamento reprovável de Sua parte.

Em outra passagem evangélica são citadas suas palavras — "É preciso que venha o escândalo, mas ai! de quem trazer o escândalo." Tal afirmação vem sendo interpretada unicamente por um de seus aspectos, aquele que prevê o sofrimento para quem escandalizar o próximo com seu comportamento irrefletido. No entanto, para que o escândalo fosse causado unicamente pelo comportamento desregrado, seria necessário que os homens fossem, em maioria, virtuosos e só o mal lhes causasse estranheza.

Infelizmente, porém, torna-se claro o sentido genérico da palavra escândalo no Evangelho de Jesus, quando o vemos afirmar-se a si próprio como causa de escândalo ao ser perseguido e sacrificado.

Todo aquele que desejar seguir o Mestre será fatalmente causa de escândalo, em maior ou menor grau. Que representa segui-Lo? Significa um compromisso de Amor em relação ao próximo e à Vida. Significa passarmos pela existência física ou espiritual com os mesmos propósitos sadios de servir sem esperar recompensa. Significa não permitirmos que os interesses eternos sejam sobrepujados pelas predileções momentâneas, que tanto desvanecem as criaturas distraídas de sua destinação eterna ou que, mesmo crendo nela, ainda não lhe apreendem o verdadeiro significado de renúncia integral às predileções pessoais, confundindo-as com os desígnios da Espiritualidade Superior. Significa, finalmente, renovação permanente do campo interior, com paciência infinita para a incapacidade de reajustamento do próximo e do panorama que o cerca. Representa insegurança aparente de quem deseja subir, mas que, para fazê-lo, deve abdicar dos degraus sólidos das concepções humanas aceitas pela maioria.

Receber o Espírito Santo é banhar-se do sentido renovador da Vida. O homem iluminado pela Luz do Pentecostes torna-se motivo de escândalo, mesmo que sob aquele influxo renovador se tenha tornado capaz de "falar a língua dos anjos". Será perseguido tanto mais quanto seu centro de interesses se tenha deslocado do eixo da vida material para a do Espírito Eterno.

Porém, embora sendo ele motivo de escândalo, precisará aprender a não se escandalizar. Por sucessivas provações, aprenderá a conhecer o espírito humano não se revestindo de falsa superioridade, mas da compaixão profunda de quem sente, com seu

irmão, a dor que o perturba e deseja auxiliá-lo com sua conduta reta e amiga, mesmo quando açoitado e ferido, como o meigo Nazareno.

Eis a hora do Amor ilimitado, da exemplificação à semelhança do Mestre. Entregar o espírito ao holocausto dos que se escandalizam e que, em vez de sacrificarem suas imperfeições causadoras do escândalo diante do Bem que ainda não compreendem, só conseguem acusar o espelho sobre o qual suas próprias deficiências se refletem, pois sentem-se feridos diante da visão chocante dos males que trazem n'alma.

Foi assim que crucificaram o Mestre. Sua Paixão deve servir-nos de exemplo. Quanto mais cristãmente caminhar, mais facilmente escandalizaremos nossos irmãos involuídos e, para esse testemunho, o Senhor nos chama para O Imitarmos na compreensão profunda das deficiências que enovelam as almas imaturas.

Se cremos Nele, subamos, também, o nosso Calvário sem acusações nem revolta e abençoemos o escândalo se ele nos vem como resposta à fidelidade ao Bem.

IV. DECIFRAÇÃO

A decifração das almas 'é o maior desafio encontrado em todos os tempos por todos os sábios, mesmo os de maior envergadura. Sempre foi relativamente fácil às inteligências bem dotadas adquirir conhecimentos capazes de esclarecer os segredos da natureza e do raciocínio quantitativo, que sustentam o arcabouço do panorama externo da Vida; à proporção que novos enigmas surgem, a ciência os desvela para a alegria do intelecto humano. Como a pavimentação de uma estrada, estas conquistas objetivas permitem à vida material do planeta um permanente aprimoramento, proporcionando a Adão e Eva significativos reconfortos em seu exílio espiritual.

Entretanto, a ciência do Bem e do Mal ainda não atingiu progresso paralelo e o enigma humano permanece a desafiar a sensibilidade dos homens capazes de se debruçarem sobre si mesmos, interessados no auto-aprimoramento espiritual.

Atentos ao desejo de progresso interior, desdobram-se na faina de atingir o ideal do "conhece-te a ti mesmo" e empreendem um esforço permanente de renovação, com vista à concretização dos ideais do Amor à Vida e ao próximo, atendendo ao apelo milenar da espiritualização.

Vencidas as primeiras barreiras interiores, pela superação da inércia e da indiferença em relação ao grandioso conceito das harmonias espirituais, surge o obstáculo que para muitos representa a negação absoluta aos seus esforços, quando toda a crueza da indecifrável natureza humana se revela, como sólida muralha de incompreensões diante dos passos resolutos do mensageiro que se propunha levar até ao seu destino eterno a bagagem espiritual do Amor.

Como o viajor atônito, tem diante de si o deserto infindável das incompreensões gerais e a interrogá-lo a esfinge Inabalável da imaturidade humana, que o desafia a decifrá-la ou a perecer de desânimo sem continuar a caminhada, para ser devorado, em seguida, como simples despojo do que representou uma vida plena de anseios de progresso espiritual.

Ah! A perplexidade de que se vê tomado o viajor toma proporções estarrecedoras! Sente-se abalado integralmente em sua constituição psíquica. Porém, este impacto será a chave de sua renovação, se souber aproveitá-la para conceber nova apreciação espiritual da Realidade.

No momento em que o abalo se dá, um reajuste precisa ser efetuado, deslocando-se o centro gravitacional de suas percepções para um eixo mais alto na escala do progresso. Respeitando, embora, a posição involutiva de seus irmãos, precisará responder à esfinge com a firmeza característica dos que sentem, por trás de seu aspecto petrificado, a inconsistência inconsciente da matéria que se julga sólida, mas que, na realidade, é profundamente desprovida de estabilidade em comparação com os dons espirituais, invisíveis aos olhos humanos, mas irremovíveis e inatingíveis pelos dardos peçonhentos da insensibilidade moral e espiritual.

Serão ricos os pobres em espírito, os desapegados, os que não virem nos obstáculos da vida material uma barreira intransponível, os que sentirem que o ódio, a inveja, a cegueira

espiritual enfim, não possuem a consistência que aparentam. Os que pressentirem que no momento oportuno a própria esfinge, tão sólida aparentemente, se desintegrará, pois a luz é eterna, é a própria essência da Vida e, se o processo evolutivo permite a condensação da matéria causadora das sombras, esta "matéria", como expressão de planos involutivos, um dia se desagregará e as sombras por ela causadas se desfarão naturalmente.

Enquanto isto não suceder, deixemos à esfinge o prazer passageiro de lançar suas sombras e, fixando o pensamento na luz que do Alto se derrama, circundemo-la e passemos a novos caminhos, certos de que a maior decifração que podemos fazer dos enigmas que a natureza humana nos lança como desafios permanentes é aprendermos a servir e passar com Amor.

Neste gesto teremos superado o grande enigma, pois o tempo é a chave da redenção do espírito, que o torna apto a caminhar incólume através de todas as sombras.

Assim sendo, não o assustará o agigantamento das projeções negativas, contrárias à luz, pois sabe que, mesmo elas, são efeito dos anteparos colocados entre sua própria alma e o Sol da Vida Superior e que as próprias sombras são comprovações da existência da Luz.

Caminhará, então, imperturbável para o Centro da Claridade porque o presente por trás dos enigmas da dor que o desafiam a crescer.

V. RESPONSABILIDADE

Colhendo o fruto da árvore do bem e do mal no Paraíso, nossos ancestrais simbólicos tomaram sobre si a responsabilidade de uma tempestade de sofrimento que transmitiriam aos seus descendentes. No entanto, ficou bem definida, naquela situação descrita na Bíblia, em que a serpente tenta, que o casal optou, por livre e espontânea vontade.

Hoje, aquele pequeno círculo de personagens se ampliou, porém, as características fundamentais permanecem. Se uma nova Bíblia for escrita, dir-se-á, com propriedade, que a serpente continuou a tentar e os frutos a serem colhidos inadvertidamente.

Entretanto, nossos ancestrais bíblicos possuíam, ainda, muito vívida na memória o eco da Voz do Senhor e envergonharam-se, segundo diz o relato. No ruído ensurdecedor que se produziu com a multiplicação infinita dos "tentados" e dos "tentadores", aquela voz interior da consciência tornou-se inaudível e os próprios interessados observam-se estupefatos, em busca da causa de suas atribulações.

Por um processo psíquico, também milenar, desde que a voz interior deixou de ser ouvida, o que mais ressalta aos seus olhos é o comportamento desavisado do seu próximo, que ele observa com facilidade, o mesmo não sucedendo em relação a si mesmo. Incapaz de fixar-se na auto-análise em profundidade, a maioria dos homens "atira a primeira pedra", esquecida da advertência do Mestre.

Um mecanismo tão simples seria necessário para que as respectivas responsabilidades fossem definidas e tantos males evitados!

Porém, da mesma forma que Adão e Eva retiraram-se envergonhados do Paraíso, o homem moderno retira-se, apressado, do contato mais íntimo com sua consciência, representante legítima da Voz do Senhor. Veste-se, precariamente, com as "coberturas" mentais e emocionais que consegue improvisar e julga-se seguro para afastar-se do Paraíso, onde seria interpelado, novamente, por suas atitudes inadequadas.

O "tentador" tem ganho de causa temporário. As criaturas não se encontram mais em inocente nudez -diante do Eterno. Estarão elas condenadas a penas eternas?

Dependerá de saberem "despir-se" novamente e suportar o exame consciencial desagradável do reencontro com as criações espirituais alimentadas.

A tão apregoada psicanálise é um início de auto-observação dos efeitos maléficos do fruto proibido, ou seja, do mau emprego das faculdades superiores do espírito eterno. Porém, em função de que valores realizar a renovação após o reconhecimento dos prejuízos representados pelos desajustes interiores? Não bastará analisar a situação caótica do espírito.

Para harmonizá-lo, será preciso saber em que sentido reconstruí-lo e este sentido deverá ser identificado com segurança, como a bússola magnética que se imanta aos pólos.

A Responsabilidade sentida em toda a extensão de seus valores, situando o espírito na cadeia de ações e reações de seus atos presentes e passados, mostrará, com segurança, a estrada a ser trilhada no retorno ao Paraíso perdido da consciência que se coloca em dia com

suas necessidades de renovação.

Se Adão acusasse Eva e esta ao "tentador" por seus descaminhos, nem por isso estariam livres das conseqüências de *seus* atos. Importa, pois, aos homens, sinceramente empenhados no retorno à paz interior, remover as formações compactas das incompreensões que cada qual. colocou, livremente, diante dos próprios pés e, também livremente, retornar à caminhada produtiva.

Chegará o momento no qual o homem, pela maturidade, compreenderá que não são os sistemas políticos, religiosos ou sociais que os detêm, mas sim seu próprio condicionamento negativo em relação àquela voz interior que o adverte quanto aos frutos que deve ou não colher. As árvores do Paraíso da Vida são diversas. Reconhecer as que são incapazes de atender, no momento, às suas próprias necessidades evolutivas, representa o exercício da responsabilidade, pela qual responderemos, individualmente, com nosso bem-estar ou com a inquietação intensificada pela escolha mal realizada.

O homem é espiritualmente livre. Seu mundo interior não será perturbado, se por ele souber zelar. Vossa paz não será acrescentada por vos arremessardes com violência contra o meio hostil. Ele não vos atingirá, mesmo quando operardes cercados pelas condições mais ruinosas e decadentes da sociedade, se vossa ação, equilibrada e segura junto ao ambiente, vos imunizar interiormente contra os venenos desagregadores do ódio. Na maior desarmonia externa, característica da fase involutiva do planeta em transição, vossa consciência pode vibrar em luminosa serenidade pela ação bem conduzida, que não se omite, mas que, também, não se deixa arrastar.

Que vossos compromissos principais sejam com aquela voz interior; que vos exerciteis em voltar a ouvi-la para poderdes sentir que, aos poucos, já não haverá mais a vergonha que vos levará a cobrir vossa alma diante do Senhor.

Penetremos, novamente, o Paraíso, onde assumiremos a responsabilidade declarada de nossos atos, empenhados na reabilitação diante do Senhor, pois só nos sentimos expulsos do Seu convívio pela responsabilidade que pesava em nossa consciência e que nos acusava de indignidade. Ele, porém, é Pai generoso. Sua presença não deixou, nunca, de nos acompanhar. Retiremos de nossa alma os véus da culpa e aprendamos que a maior expressão do Amor é abraçarmos, com responsabilidade, nossa cruz e seguir o Mestre até à Ressurreição.

VI. TESOUROS

A humanidade, em seu presente estágio evolutivo, encontra-se como alguém que adquiriu um terreno porque lhe foi assegurado que nele existia um tesouro enterrado.

Por via das dúvidas, adquiriu-o, pois **não se** pode desprezar tal oportunidade. Sendo muito rica a região, muitos se interessam em adquirir terrenos, pois espera-se que, a cada momento, também extensas jazidas minerais possam ser descobertas.

Admite-se a possibilidade de cada proprietário enriquecer em pouco tempo. Uns, no entanto, chegam a sua propriedade equipados com grandes arcas, ferramentas e põem-se a planejar indefinidamente o programa de trabalho. Não desejam iniciar, de forma comum, a tarefa e, sim, com métodos especializados e estudos aprofundados.

Outros não iniciam a pesquisa antes de possuírem um corpo de cooperadores bem treinados e desperdiçam longas horas catequisando companheiros distraídos, despertando-os para deveres que não desejam assumir.

Mais adiante, encontramos o trabalhador que, desde cedo, se empenhou quase sozinho, na realização de tarefas ingratas, que não se entrega ao desânimo. É aquele que parece ter nascido para o trabalho, não se contentando nem em planejar nem em depender de companheiros para pôr mãos à obra. Surge, impulsionado por uma força indômita que o arrasta a tarefas hercúleas e, hipnotizados pelo seu dinamismo, outros vão se entusiasmando a segui-lo. Ele, porém, não se detém para observar se o estão seguindo ou não, se terá colaboradores ou se permanecerá só. Há, em seu espírito, uma necessidade compulsiva de agir, porque sabe que o Amor à tarefa realizada é autocompensador. Desse modo, ele irradia alegria e calor humano. Torna-se um dínamo Impulsionado pelas cataratas da Força Geradora da Vida e a ele acorrem todos que pressentem, na sua proximidade, a região próspera do futuro.

Os que planejam indefinidamente são os estudiosos improdutivos, que tudo conhecem e nada realizam. Possuindo instrumental e técnica, não se animam a dar seus testemunhos de Amor à vida. Comprazem-se em articular teorias rebuscadas e complexas para satisfação teórica e intelectual e afirmam que não se pode atacar a obra possuindo conhecimentos primários. Consomem as horas preciosas sem conseguir alterar pensamentos e ação. São intelectualistas que passam, repetidamente, sobre o tesouro soterrado sob seus pés, insensíveis ao apelo de criar à sua volta novas condições de vida. Em pouco tempo terão construído belos palácios de profundas elucubrações mentais; mais adiante, verão sua morada em ruínas por falta de recursos para sustentá-la, possuindo jazidas preciosas no solo em que pisam.

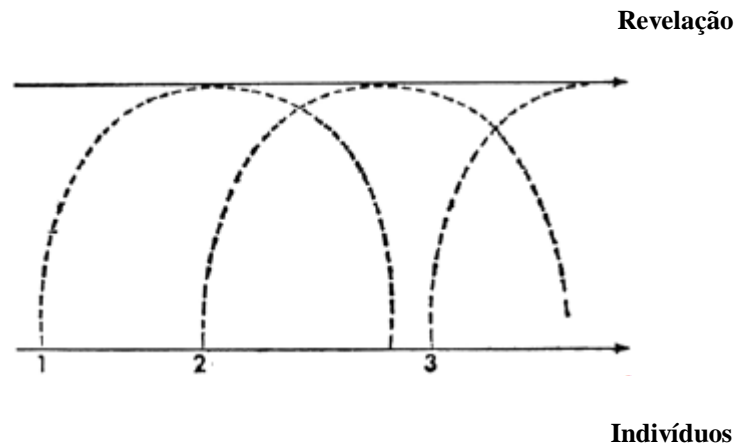
Existem, também, os eternos buscadores de adeptos. Disputam, indefinidamente, as almas de seus irmãos para o campo que lhes pertence. Despendem energias preciosas a doutriná-los, imaginando-se seguros somente quando haja grande número de seguidores para a tarefa sonhada. Fazem seu êxito condicionado à adesão de almas afins e assim passam-se os dias e irão se iniciam as escavações. Julgam, porém, que valerá a pena esperar, pois imaginam que, quando a equipe estiver pronta, em pouco tempo tudo será feito. Correm os anos e o Senhor continua a esperar as disposições renovadoras do conjunto.

É fácil compreender que existe um engano fundamental nos que planejam indefinidamente e nos que esperam cooperação e que este é o mesmo engano em ambos os casos. Esqueceram-se de que o terreno pertence a um só Senhor e que, portanto, a Ele cabem os planos e arregimentação. Ao servo só a terceira atitude é cabível — pôr mãos à obra e confiar. Mesmo que aos outros ele pareça visionário, pois não planejou nem procurou cooperadores, foi o único a sentir a presença real do Senhor da terra e tão preocupado ficou em realizar sua tarefa que se pôs a cavar o solo de manhã à noite, certo de que os recursos lhe seriam trazidos proporcionalmente ao esforço despendido. E não tardou que só ele desse a impressão de realmente possuir alguma coisa. Os que observavam os três possuidores de terra juntavam-se facilmente a ele, cuja tarefa estava iniciada, demonstrando convicção dinâmica na existência dos tesouros buscados. Com o tempo surgiram cooperadores e planejadores que o amaram e, juntos, rapidamente, chegaram às mais ricas jazidas que foram partilhadas alegremente, pois ninguém se detivera inativo a contemplar o terreno com suas riquezas no subsolo.

VII. CONTINUIDADE (Liderança)

"A ligação com o Cristo, a comunhão com a divina luz, não dependem do modo de interpretar as revelações do Céu, mas da posição sublime de todos os que disseminem o Amor em nome do Todo-Poderoso." —

Emmanuel



O nosso trabalho, como a nossa individualidade, não são os Únicos pelos quais o Senhor pode se revelar.

A Força é Dele, o trabalho é nosso. No momento em que nosso trabalho não estiver habilitado a revelar-lhe a vontade, outros surgirão.

Não nos apeguemos a nada que seja exterior, nem mesmo ao trabalho que executamos. Ele é um meio e não um fim.

Enquanto houver quem sirva de sustentáculo à linha da revelação num determinado setor, ela se fará. Porém, mesmo que o trabalho continue, se não houver quem esteja à altura de manter a ligação mais nítida com a Força Central da Vida, através de suas diversas expressões na Terra, de nada valerá o trabalho ser mantido, a não ser pela esperança de que um dia possa ser elevado, novamente, ao nível inicial.

Preparar almas para a continuidade da tarefa é importante, porém, a afinação interior de cada qual é que responderá pela continuidade da revelação, pelo contato com a Força Criadora.

Se a obra é do Eterno, não nos devem preocupar as condições do momento para a sua manutenção. O futuro reserva surpresas imprevisíveis. Se cremos que somos obreiros do Senhor, devemos colocar em Suas mãos a realização da parte principal, que representa o planejamento do que nos escapa.

Iludimo-nos, freqüentemente, por invertermos a ordem das nossas realizações

temporárias. Pretendemos que, por nos ter sido entregue uma parcela de responsabilidade maior junto aos nossos irmãos, eles deverão permanecer sob nosso controle. Grande engano t Somos todos iguais diante de Deus. Maiores satisfações devemos ao próximo sempre que somos investidos da responsabilidade de orientar. Inclusive, esta é uma forma de defesa do espírito que sente sua fraqueza e deve recorrer aos irmãos que o cercam para que, por sua vez, seja contemplado com o dom da palavra esclarecida de seus irmãos, a apoiado nos momentos difíceis.

Crer nas possibilidades do próximo e incentivá-las exclui a possibilidade *de uma* ação centralizada em demasia. Os rumos do verdadeiro Cristianismo são fundamentalmente democráticos, generosos, fraternos.

O Cristo jamais se atribuiu soberania terrena nem autoridade discricionária. Afirmou-se instrumento do Pai, a Ele atribuiu suas obras e afirmou que todos nós "somos deuses", isto é, temos as mesmas potencialidades em estado latente.

Cabe a quem recebe a incumbência de orientar a caminhada de seus irmãos na Terra estimular o crescimento dessas forças que nele se encontram em estado latente.

Assim como, num organismo físico, células novas devem substituir as que se desgastaram, sem que os "moldes psíquicos" se desfaçam, a Mente Divina, que sustém o organismo da Vida, se incumbe de substituir, no panorama terreno, as células ou almas de cada conjunto, que pode ser comparado a um pequeno órgão do grande organismo universal.

As organizações terrenas que não se impregnam desse espírito de renovação criadora tornam-se esclerosadas e decadentes.

Os homens que, a pretexto de defender a Obra do Senhor, julgando-se possuidores exclusivos dos atributos mais adequados ao bom andamento das tarefas, impedem o crescimento das capacidades latentes do seu próximo, sob a alegação de maior defesa do Bem, certamente desviarão a orientação do Alto para o seu ponto de vista particular e, naturalmente, limitado.

Quem se sentir perfeitamente ligado à inspiração do Alto, esperará que a Força Criadora lhe ofereça outras fontes de esclarecimento, que não sua concepção individual do Bem. De preferência, organizará suas atividades em equipes capazes de, pelo atrito das idéias fraternas, garantir a vitalidade do processo evolutivo.

A evolução torna-se estacionária todas as vezes em que o pensamento de um único homem prevalece na orientação de seus irmãos. A concentração de poderes absolutos na pessoa, de uma das células do organismo universal forma como um ponto de congestão, através do qual o sangue das idéias criadoras não pode circular livremente.

Entre a *desagregação e o esclerosamento* existe o *dinamismo* tranqüilo da liberdade fraterna, único clima onde o Amor realmente existe. Porém, para que esta vibração seja o norte para o qual todos se voltem, é preciso que caminhem despreocupados das pessoas que veiculam este Amor e que podem e devem ser, por exigência natural das aptidões individuais, alternadamente, ora um ora outro, os veículos de que o Senhor se utiliza para fazer sentir a Sua vontade, em múltiplos aspectos.

A responsabilidade de dirigir um grupo humano, seja ele qual for, representa o maior teste de humildade que um espírito encarnado pode viver, pois é esta a oportunidade de aprender a apagar-se no momento oportuno, para dar, deliberadamente, supremacia à Verdade que estiver sendo veiculada por outro. É saber reconhecer quando chega o momento de reverenciar a Verdade que lhe vem pelas mãos dos companheiros diante dos quais foi investido da responsabilidade da decisão.

Da capacidade de identificar novas facetas da Verdade, que lhe chegam veiculadas por seus irmãos, dependerá seu crescimento interior e a manutenção da afinação com a revelação gradativa das realidades eternas.

Por essa razão, pela deficiência natural da visão de um único indivíduo, os grupos humanos que são capazes de manter os sistemas sobre os quais repousam sua estabilidade, independente de vinculações humanas, encontram-se mais aptos a sobreviver, desde que haja um real sentimento de fraternidade.

Aqueles que, a pretexto de manterem as instituições, retardarem o progresso espiritual de seus irmãos, responderão por seus atos, sofrendo o choque de retorno. O sistema disciplinar impessoal, reconhecidamente aceito por todos sem exceção, deve ser a coluna vertebral do organismo que o grupo representa. Respeitadas estas normas livremente aceitas, as células do organismo precisam ser revitalizadas periodicamente. Aqueles que as formaram, conhecendo o mecanismo de vida e de renovação que preside o processo evolutivo, precisam dispor-se a dar sua contribuição enquanto ela é indispensável e desejada, retirando-se para, tranqüilamente, entregarem seus postos às células novas, num processo de renovações infinitas e sucessivas.

O crescimento interior, muitas vezes, depende da capacidade de renunciar ao crescimento exterior da própria individualidade, em benefício da ampliação de horizontes, que outros poderão introduzir no sistema orgânico a que pertencemos.

É preciso não esquecer que a Obra é do Eterno e que, quanto mais nos desligarmos dos fatos externos para sentirmos, em cada momento, a que testemunho Ele nos chama, mais seremos capazes de nos recolher intimamente ao templo da alma para O reverenciarmos "em espírito e verdade", sem nos deixarmos condicionar a situações passageiras na vida material ou mesmo na espiritualidade.

VIII. RENOVAÇÃO

O dinamismo do processo evolutivo exige que não cesse nunca a renovação interior.

De modo geral, o homem é conduzido a ela, compulsoriamente. No entanto, estamos na proximidade de nova fase evolutiva do planeta e urna nova concepção de renovação precisa vigorar, consciente e voluntária.

Assim como o homem domina os elementos da natureza externa, para possuir a paz e a felicidade tão sonhadas, precisa aprender a manipular o mecanismo evolutivo de que é dotado e cujas chaves de comando ainda não conseguiu controlar.

Parece significativo o fato de procurar tão longe, em outros corpos celestes, as satisfações, as gratificações psíquicas que, ainda, não sabe encontrar em seu mundo interior. O processo de exteriorização do psiquismo humano materializa-se em significativa busca de compensações no Espaço infinito, pois, ainda, subconscientemente, se encontra condicionado às alegrias celestiais. Embora não creia no céu bíblico, sente impulso irresistível para se projetar no infinito, buscando desvendar o Universo exterior, sem ânimo para vencer o desafio interior que seu próprio ser representa.

Eis ao que o conduziram os condicionamentos religiosos do passado — a materialização objetiva da felicidade, com esquecimento de sua riqueza infinita interior. Não cre muito seguramente no que os ensinamentos religiosos que lhe são ministrados afirmam, porém, age impulsionado pelos reflexos de sua formação. O céu do Universo material é o objeto de seu culto. Quanto mais afastado de seu habitat natural, mais livre e capaz se sente, como numa afirmação de segurança impossível de ser encontrada no próprio reduto da alma aflita, no seu mundo interior. Sorri pelas vitórias alcançadas no espaço sideral, embora se sinta impotente para conduzir a contento os comandos do seu próprio ser, no reduto limitado do lar terreno.

A era da astronáutica elevou ao paroxismo a fuga do homem em relação a si mesmo. Consciente da impossibilidade de renovar suas condições de vida com os meios materiais, chegará o momento que a consciência coletiva da humanidade acordará para a necessidade de pesquisar o universo interior mais detalhadamente.

Compreenderá que seu veículo terrestre — o corpo físico — não é capaz de elevá-lo à sensação de real liberdade, comparável à alegria do astronauta. Que o veículo ou corpo das emoções — corpo astral — é somente capaz de elevá-lo a pequenas alturas, como o avião tradicional que a mente, em sua expressão intelectual — mente inferior — representa os foguetes de menor alcance, que o colocam a observar seu próprio planeta, sem se libertar das órbitas de atração. E que, finalmente, só quando penetrar a introspecção mais profunda do mental superior encontrará o rumo firme de uma navegação espiritual livre das atrações de órbitas redutoras de sua capacidade de ação — a intuição espiritual de seu destino eterno, como astronauta liberto de forças redutoras de seu âmbito de deslocamento.

Aprenderá, então, o processo de largar os estágios inferiores — as sensações físicas, as emoções do astral, os mecanismos intelectuais —, para lançar-se no vôo sideral da perquirição mais elevada de sua natureza extraterrena e eterna, capaz de se colocar paralelamente à grandiosidade do conjunto a que pertence.

A disciplina severa da preparação do conjunto para os lançamentos de foguetes ao espaço material será, então, transferida para a técnica de controle do psiquismo e do embrião espiritual que o espírito humano hoje representa e surgirá a águia possante do homem renovado à luz da espiritualidade eterna.

• Nota do médium: Neste trecho existe uma alusão clara aos exercícios espirituais de disciplina interior, milenarmente praticados por todos os iniciados e que irão sendo vulgarizados, especialmente pela prática do intercâmbio espiritual com os espíritos instrutores, através dos médiuns, de diversas formas: desdobramento, incorporação, psicografia, etc., à luz da Lei Cósmica do Evangelho, a Boa-Nova trazida aos homens, em sua fase inicial, pela gloriosa missão do Mestre Jesus e cuja mensagem irá sendo complementada por Seus enviados, à proporção que a humanidade suportar novos esclarecimentos, em gradação infinita. Assim nos tem sido ensinado.

IX. TRABALHO

O trabalho representa um conjunto de esforços que se ligam como os fios de uma rede, onde cada realização significa apoio e segurança para uma infinidade de outras. Do mesmo modo, rompida uma das malhas, a segurança de toda a trama se encontra ameaçada.

Trabalhar representa uma atitude de espírito capaz de levar a criatura a se sentir colaboradora do grande sistema do qual participa. Porém, é preciso compreender e sentir com clareza o significado dos esforços que contribuem para a auto-realização no panorama espiritual da vida.

Enquanto permanece nas fases primárias da evolução, o espírito humano é levado pela influência do meio, como peixe em cardume, e sente-se aprisionado às imposições de produzir em atividades compulsórias. Mergulhado no oceano da inconsciência dos primeiros esforços evolutivos, considera-se escravo da rede de obrigações em cujas malhas a sociedade o constrange a viver. São as almas que se situam, mecanicamente, no torvelinho dos acontecimentos, sem vontade própria definida.

Numa etapa mais elaborada de sua evolução, os homens passaram a distinguir e compreender os mecanismos da vida, colocando-se entre os espíritos laboriosos, porém, ainda submetidos a um conjunto de forças que não consegue ultrapassar. Organizam-se como abelhas que já possuem "asas", são capazes de viver em função de uma coletividade, da qual, porém, só se afastam para a ela retornar e viver entre seus "alvéolos". Alegam-se com o sistema que os sustenta e o defendem como à própria vida. Funcionam, ainda, condicionados ao meio que lhes garante a continuidade do processo evolutivo dentro do espírito gregário, embora já consciente. Especializam-se e não se afastam dos padrões materiais de realizações firmemente delimitadas, como os compartimentos de sua "colmeia". São capazes de beneficiar a vida, mas ainda a identificam com uma espécie determinada de atividade, condicionados a uma forma de agir e pensar que não lhes pertence e, sim, ao mecanismo coletivo do qual se sentem integrantes.

Ainda não chegaram ao sentido profundo da atividade benfeitora.

Numa terceira escala de valores, a alma sublimou o instinto gregário que representa cadeias de imantação recíproca, necessárias ao progresso em fases iniciais. Torna-se consciente do valor da atividade benfeitora não condicionada. Compreende que possui um mecanismo interior cuja mobilidade garante auto-aprimoramento constante e, *assim*, torna-se indiferente qual seja a tarefa. Importa, sim, como é executada, para proporcionar o auto-suprimento, como uma engrenagem capaz de se auto-renovar na proporção direta de sua movimentação.

Na escala de comparações, esta fase seria localizada entre as aves que apresentam para onde devem dirigir o próprio vôo e emigram a longas distâncias, preservando a ^{vi}da, com um sentido direcional inexplicável, senão pelo desenvolvimento de faculdades incomuns. Embora ainda capazes de se organizar em grupos, elevam-se a alturas consideráveis em suas realizações, pois procuram o clima favorável e não se prendem à tarefa realizada. Seus condicionamentos transferem-se para aquele sexto sentido, que lhes permite deslocamentos sucessivos, para atender às mais diversas formas de servir, conservando a

característica de unidade que o universo apresenta aos que já se apercebem das pulsações rítmicas da circulação do Amor, como força criadora e sustentadora da vida.

Onde houver trabalho haverá amor, como a luz energia espiritual vital gerada por sutis energias emanadas do espírito que se transformou em dínamo gerador, sob o impulso da em que se sente mergulhado.

Reconheceremos estas almas nas criaturas que, não escolhendo tarefas, a todas se entregam com a alegria de produzir e, no próprio esforço, sentem-se compensadas.

Para elas o segredo da vida mais alta foi desvendado.

X. COORDENAR

Para coordenar *vivências* é preciso erguer com firmeza o espírito, como a haste da rosa que se equilibra na vitalidade adquirida, e consolidar, em torno de si, os conceitos adquiridos, como *pétalas* de textura viva e perfumada, que se prendem ao caule num entrosamento invisível, porém, seguro.

A delicadeza da rosa não a torna invulnerável à violência do meio, mas nem por isso o homem, em todas as épocas, deixou de amar a sua beleza. O respeito e o amor que esta obra de arte da Natureza acorda no espírito humano são comparáveis aos reflexos que a alma, enobrecida, deve despertar no seu semelhante.

Assim como a rosa conserva sua mensagem de beleza e ternura, mesmo diante do furacão que a destrói, as *vivências* elaboradoras, de nova textura para a alma, precisam permanecer inalteráveis, preservadas pelo sentido direcional das novas concepções de vida, adquiridas nos testes de crescimento espiritual, que as batalhas interiores representam.

O *sentido direcional* é comparável à força de coesão das *pétalas* formadas pelas *vivências*.

Quem sentiu a vida espiritual em si, tocada pelo perfume do Amor, como o milagre da Vida que se repete, inalteravelmente, em quem busca a Realidade Maior, torna-se como o botão, que se abre e já não teme desfolhar-se prematuramente, pois sentiu em si a confiança, que adquiriu por maturidade, indispensável para sustentar suas pétalas abertas, numa radiosa manhã em que o orvalho do céu lhe proporciona a temperatura amena, convidando o espírito a desabrochar.

Antes, o orvalho da madrugada o envolvera seguidamente, sem obter o mesmo efeito. O botão não se sentia, ainda, capaz de espalhar seu perfume, abrindo integralmente suas pétalas. No entanto, chegado o momento oportuno, não consegue mais deter o andamento normal de seu crescimento.

Muitas vezes a mão destruidora se detém ante a visão radiosa da beleza da rosa. Contempla-a e extasia-se respeitosamente pelo espetáculo inigualável da Criação que fala sem palavras do extraordinário fenômeno que a gerou!

Se os espinhos da vida vos ferirem mais agudamente, como o vendaval que ameaça destruir vossa segurança interior, intensificai a vitalidade de *vossas convicções* generosas, como defesa única digna do aprendiz da espiritualidade. Ligai-vos mais fortemente a elas e movimentai o perfume de espiritualidade que já puderdes produzir.

O Amor que coordena e preserva é a melhor resposta para o ódio desagregador. O odor fétido do adubo dilui-se, entranhando-se na terra, enquanto a rosa cresce, eleva-se, irradia beleza e suaves odores que permanecem a expressar, sem palavras, o verdadeiro sentido da Vida.

Nenhum viajor se deterá demoradamente a contemplar a terra e sim o milagre por ela produzido — a vida que sorri entre as *pétalas* das *vivências* e no fenômeno extraordinariamente belo de vê-las, sempre renovadas, surgirem fixadas à haste do espírito

humano que se eleva e se equilibra, aparentemente frágil, porém, dotada da mais extraordinária das possibilidades — a de dar surgimento ao fenômeno inigualável do 'Amor, que a todos encanta como fonte perene de renovação.

Quando a sensibilidade humana consegue coordenar, fixar e viver todas as experiências com proveito, apresenta-se como a rosa que se abriu no esplendor de suas pétalas desabrochadas para emitir as vibrações semelhantes ao es táculo singelo, comum, porém, mesmo assim, extraordinária rosa que, silenciosamente, certa manhã sente que a Vi lhe pertence e, cheia de júbilo, entreabre-se, sem receio de fenecer...

XI. A ESPERANÇA

Numa hora conturbada como é a do presente, somos chamados a repetir lições milenares, focalizando-as sob os mais diversos aspectos. O Senhor, como o Grande Pedagogo, explora todos os ângulos da existência humana, para proporcionar formas de aprendizado às almas empenhadas na redenção do espírito.

Ao homem que sofre e chora, o panorama da vida costuma surgir como uma grande incógnita, que o perturba e deprime. O Senhor, porém, não o desampara e, se souber ler nas entrelinhas do texto rude das suas provações, logo o perfume suave da esperança poderá ser aspirado seguramente.

O método através do qual as ciências objetivas têm realizado grandes progressos é por excelência experimental. Concebida a hipótese, orientado pela teoria, o pesquisador empenha-se na obtenção de provas concretas de fenômenos que, muitas vezes, jamais serão visíveis senão, em suas conseqüências.

Este procedimento, inteiramente aprovado no âmbito do progresso material, poderá servir de roteiro às profundas experimentações que a alma precisará levar a efeito na comprovação de suas conquistas interiores. Na era do átomo, mesmo os fatos espirituais precisam conformar-se à experimentação científica para conquistarem seu lugar ao sol.

Falaremos, pois, da rosa e de suas colorações sob as claridades intensas das luzes do século XX.

Terá a natureza humana modificado sua essência na era da experimentação científica? Pelo que os fatos nos revelam, esta é a única transformação que não se fez radical no panorama terrestre. Modificou-se o planejamento dos jardins terrenos, mas a rosa representativa da sensibilidade humana continuou a obedecer às mesmas leis de crescimento. Variou a qualidade do adubo, ou seja, o resíduo da dor tornou-se; mais intenso pelo acúmulo de experiências revisoras. Este fato, porém, se, por um lado, proporcionou a esperança um florescimento mais generoso, tornou, temporariamente desagradável a permanência junto ao roseiral.

A ciência de "cultivar rosas" exige, como todo trabalho valioso, uma programação tão previsível quanto a maioria das experimentações científicas, obtidas, tantas vezes, por meios empíricos, ao sabor das situações que se apresentam, sem estarem rigidamente calculadas. Mais do que os fatos; aparentemente casuais, que conduziram a descobertas científicas nos primórdios de suas conquistas, a ciência da alma, a arte de equilibrar a sensibilidade humana, pode hoje ser orientada com a segurança do Bom Jardineiro.

A experimentação de séculos ofereceu roteiro segura para que se identifique, pelo menos, quais os processos inadequados, que não conduzem a resultados proveitosos na busca do equilíbrio interior. O significado da dor permanece amplamente justificado na comprovação do mecanismo psíquico, do descondicionamento necessário à recapitulação de existências sucessivas, que, por sua vez, encontram-se fielmente retratadas nas tendências inatas e aprovadas por consenso da maioria dos homens em todas as épocas. *

Resta, pois, examinar o fenômeno da coloração das rosas. É tão simples

compreendê-lo! A química da alma determina não só a intensidade de seu perfume como, também, o colorido de sua sensibilidade. A pujança de sua beleza relaciona-se com o vigor de seu desejo de crescimento para a eternidade e, mesmo quando colorida à semelhança do sangue derramado por feridas dolorosas, aquela rosa simbólica pode verter o perfume intenso do Amor. A constituição de suas pétalas permanecerá túrgida daquela essência generosa que inebria, enchendo de admiração os que costumam associar a dor ao lado puramente negativo da existência. A generosidade do perfume das rosas, isto é, a capacidade de dar-se, pode coexistir com a mais penosa provação na alma que já sentiu o valor da existência e *sabe* qual a razão de sua luta. A esperança é a força que a impulsiona, não baseada em simples suposições, mas no mecanismo de previsões de causas e conseqüências. O sofrimento não interrompe o processo de doação de beleza e perfume na alma que se conduz como a rosa ricamente adubada e capaz de expandir o produto de uma química elaborada e portentosa.

Rosas existem de variados matizes. Certamente que, se vossas provas ainda são ásperas, podeis conquistar novas características de Paz e Amor através do exercício de crescer permanentemente para a grandeza do espírito eterno, se não vos fixardes na vossa dor, esquecendo que em torno um belíssimo mecanismo de Vida se desenrola e de que não sois vós o centro do universo. Tal proceder revelará uma alta sabedoria, pois a esperança verdadeira reside na capacidade de prever a renovação que o tempo produz nos jardins bem cuidados, o que exige colaboração com o Jardineiro, possuidor da visão do conjunto.

Entendendo o processo lógico e científico das reações químicas que se efetuam na textura de suas pétalas, a rosa da sensibilidade humana será colhida em seus moldes etéricos para novas vivências e quando brotar, suavizada a sua provação, novos aspectos caracterizarão sua forma. Expurgada nas experiências árduas, surgirá, novamente, com o colorido abrandado em seus testemunhos e nuances mais delicadas tingirão suas pétalas.

Assim, em múltiplas existências, a mesma alma se apresentará como a rosa que nascesse muitas vezes no jardim da Vida. A cada nova etapa sua coloração será suavizada, pois serão menores as revisões penosas a que se submeterá. Porém, enquanto isto não suceder, lembrai-vos de que o Jardineiro será sempre o mesmo, solícito e capaz, o sol e a chuva auxiliarão incansavelmente seu desenvolvimento e nada poderá impedir que se expanda inteiramente o vigor de seu perfume de Amor e se renove a textura de suas pétalas.

Desfrutai, pois, o canteiro acolhedor que vos propicia na Terra os bens da renovação incessante. Bendizei as experiências constantes a que sois submetidos, pois a cada momento reações químicas preciosas são elaboradas na mais íntima constituição de vosso ser. Observai com terna gratidão o processo nitidamente sábio e científico responsável pela transformação das rosas que o Senhor cultiva em seus jardins terrenos.

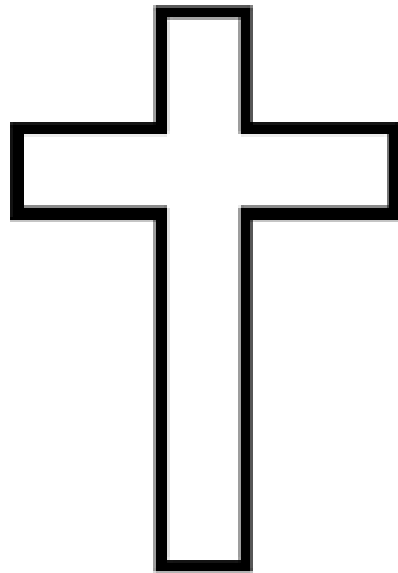
Sede prudentes e sábios. Orai muito, colocando-vos como o cientista que vigia a retorta, pronunciando intimamente os pensamentos renovadores capazes de orientá-lo na sua realização. A força concentrada de vossa mente bem conduzida terá sobre a vossa sensibilidade o efeito de libertar a energia latente capaz de remover montanhas. Já não tendes visto as mais potentes fontes de energia brotarem do átomo antes aparentemente incapaz de tais cometimentos? Quem o creria há algum tempo atrás? Pois bem, já vos foi dito: "Vós sois deuses". Crede, porque possuí, na mais íntima constituição espiritual, a imensa potencialidade oculta, não menos poderosa que a energia do átomo. Libertai-a pelo método científico da dedicação, semelhante, em persistência e desvelo, ao esforço executado

pelos homens de ciência que, sentindo a necessidade de uma fonte permanente de energia, foram buscá-la no mais profundo recesso da matéria. Na constituição espiritual, também, existe esta energia a ser liberada e conduzida. Ela se revelará à proporção que a buscardes com igual tenacidade e valor.

São preciosos os momentos que viveis. Aproveitai-os todos na execução desta tarefa tão importante para a conquista da felicidade sonhada por todos os homens em todas as épocas.

A esperança é o sustentáculo da mente.

** Dois terços da humanidade constituem-se de povos que aceitam a reencarnação como realidade indiscutível.*



Amor

Ação

Caridade

3º PARTE

AMOR

- I. Renúncia
- II. Doação
- III. Bondade
- IV. Iluminação
- V. Perdão
- VI. Padecer
- VII. Reconhecer
- VIII. Enviar
- IX. Parecer
- X. Retornar
- XI. Caridade

I. RENÚNCIA

A alma que amou o Evangelho de Jesus, sobre ele *refletiu e* procurou *vivê-lo*, chega finalmente à etapa decisiva na qual sua capacidade de renúncia comprovará a conquista positiva do *Amor* vibrado numa segura inspiração do Mestre.

Refletir sobre Ele, *vivenciar* experimentalmente seus ensinamentos conduz, fatalmente, o espírito humano a sérias definições. Quem poderá entrar em contato, por pequeno que seja, com a Fonte da Vida sem desejar dessedentar-se por completo?

Não será em vão que a alma, periodicamente, provará as alegrias do bem realizado desinteressadamente. Sua sensibilidade tomará conhecimento do que representam as alegrias espirituais e esta é uma experiência irreversível quando chega a se concretizar, finalmente, no espírito que inicia a jornada para o Amor.

O abrir mão, periodicamente, da própria limitação individualista canaliza para o exterior potencialidades latentes que, a um determinado momento, não podem mais ser contidas. Como num canal obstruído, no qual se conseguisse realizar pequenas perfurações, a resistência da massa obstrutora fica diminuída e a pressão da "água da vida", representada pela força criadora do Amor Universal, consegue arrastar a resistência dos impedimentos do individualismo.

Chegado a este ponto, o espírito se vê tomado de um frémito que parece ameaçar sua segurança pessoal. Seu receio vem do fato de, realmente, se encontrar em transição singular e decisiva. Toda a força de que dispõe e que se habituara a dosar pelos pequenos orifícios da simples boa-vontade, comprovada em vivências esparsas do bem, será daí em diante utilizada maciçamente, como um todo, no qual sua segurança individual sente-se abalada ao ser medida pelos padrões vigentes até então.

Fazendo parte da corrente do Amor Universal, perdeu seu ponto de apoio pessoal. O eixo de suas ações, que era o eu individual, transferiu-se para o Eu Real. Inicialmente, caminhará tateante e inseguro. Ainda não conhece o panorama amplo no qual deverá atuar. Sente-se desfalcado da firmeza dos condicionamentos anteriores. Começa a transição de "cidadão do mundo" para "cidadão do Universo" e este fato o assusta.

Depois de haver "ceado com o Senhor", de ter bebido em Sua companhia o vinho da espiritualidade e ingerido o pão reconfortante das doces consolações de sua vibração de Amor, mesmo assim a alma humana ainda recuará na hora suprema do sacrifício. A renúncia à sua segurança pessoal ainda lhe parecerá impossível e tentará sobreviver nas suas reivindicações transitórias. O testemunho supremo ainda não lhe parece possuir uma razão de ser. E a alma erra, angustiada, como os apóstolos temerosos acompanharam de longe a paixão do Cristo.

O testemunho solitário precede o encorajamento do Pentecostes. A fermentação da fé torna-se indispensável à realização decisiva. Para que o espírito cresça e suba com o Mestre o seu calvário, terá que pressentir as culminâncias espirituais a que está seguramente destinado. Abrir mão de uma forma de vida exige o conhecimento antecipado da outra. Só

quando a alma amadurece para o pressentimento sublime da beleza de seu Calvário pessoal, torna-se capaz de dar o testemunho de um Amor sem mácula. Por etapas sucessivas penetrará suavemente no aclave de seu Tabor. Transfigurar-se-á no contágio das forças sublimes de que até o Mestre necessitou para seguir seu roteiro abençoado. Impregnada pela vibração desta realidade extraterrena estará apta, finalmente, a vivê-la, como o espelho que reflete, com fidelidade, imagens que não perdem seu valor por serem simples reproduções.

Ao refletir na Terra os bens originários da Espiritualidade, o homem se transfigura e segue como conduzido por forças cujo controle perfeito lhe escapa, mas nem por isso deixam de constituir apoio menos seguro. Se forem percebidas a contento, as leis da Espiritualidade funcionarão para nós, pois passaremos a entendê-las. Embora sejam sempre as mesmas, em seu dinamismo grandioso, apresentam aspecto caótico para os que não conseguem interpretá-las e muito menos vivê-las.

Riquezas interiores infinitas bafejarão os espíritos que, mesmo encarnados, subirem interiormente o Calvário das provações bem aproveitadas sem preocupações pessoais. Espiritualidade é grandeza, é amplitude de vida, é entrosamento com o Todo. Se ainda buscamos conforto e compensação, nossa visão não alcança além do terreno do que é pessoal e não há doação em nós.

A alegria do testemunho árduo é a comprovação do real sentimento de renúncia. Amor é alegria. Doação é renúncia. Sentimento profundamente autocompensador, a renúncia comprova o desligamento dos níveis mais baixos da evolução. Esquecimento de si e integração gradativa ao Todo representa a realização do sublime e mais elevado estágio da vida humana — a doação integral do ser à economia da Vida, com a qual, de então em diante, passa a ser uno. Cresce a ponto de se diluir voluntariamente no conjunto. A partir de então ele é. E nada lhe faltará porque nada exigirá para si e as leis da eternidade realizarão sua cobertura.

Assim o Mestre passou pela Terra.

II. DOAÇÃO

A doação real é um estado de espírito. Em níveis inferiores de evolução, costuma-se dar para reter. Calculam-se as vantagens que poderão advir de determinados gestos de doação e negocia-se a bondade, principalmente visando-se vantagens espirituais. Em especial, neste último caso, a transação é considerada meritória.

A verdadeira doação, no entanto, independe totalmente de qualquer cálculo. Ela representa uma *necessidade constitucional* do ser que sentiu a vida espiritual em seu significado mais profundo. Por esta razão ele faz do "impossível" uma realidade objetiva. Nesta nuance decisiva interior reside sua força excepcional.

Tendo ultrapassado o domínio do cálculo individualista, abre campo à perfeita integração com a Força Criadora, pois não se sente mais como um ser, passando a reagir na posição de *uno* com a realidade do conjunto.

Amortecidas as fronteiras do *eu* individualista, assume uma nova posição que se assemelha a uma célula cuja membrana citoplásmica se tornasse permeável ao extremo. Nesta situação torna-se capaz de uma grande absorção das forças exteriores e de grande capacidade de expansão de energias captadas. Por haver intensificado sua capacidade de intercâmbio, precisa, simultaneamente, aprimorar sua habilidade seletiva. Para isto terá que corporificar, seguramente, as características do seu núcleo consciencial — o Eu Real.

Precisará auscultá-lo decisivamente, pois a maior de todas *as* doações que o espírito pode fazer é a de si mesmo à causa do Eterno. Para tanto será necessário sondar, no seu núcleo consciencial, os ecos, muitas vezes pouco definidos, das expressões ou solicitações que lhe chegam da Força Central da Vida. Enquanto der ouvidos, predominantemente, às impressões do meio, não poderá perceber com clareza sua própria programação.

A maior doação que o homem poderá fazer a seu próximo será cumprir o mandamento maior — "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". É do conhecimento geral a afirmação de que só se pode amar a Deus se realmente se ama ao próximo e que a expressão deste último (o amor ao próximo) serve como comprovação prática do primeiro (amor a Deus).

O aprendiz do Evangelho, então, promove atividades várias de fraternidade em relação ao meio e pratica o amor ao próximo como comprovação do amor esclarecido a si mesmo e a Deus. No entanto, existe uma, tendência a pautar seus atos pelas normas ditadas pelo meio em que vive e, assim, de servo voluntário, transformar-se num ser condicionado ao ambiente em nome do Amor. E os nossos irmãos que deveriam servir de instrumentos para a evolução podem passar a representar papel inverso, se nos escravizarmos às considerações alheias e delas fizermos depender nosso progresso espiritual.

Para bem amarmos nosso próximo, a primeira condição deverá ser "amarmos a Deus sobre todas *as* coisas". Que significa isso? Representa a necessidade de servirmos primeiramente aos Seus desígnios eternos, colocando todas as outras circunstâncias na dependência daquela. Então surge o teste definitivo da fidelidade e da segurança interiores — nossos

irmãos terão suas próprias concepções a respeito da vontade de Deus e desejarão que prevaleçam, no respeito sagrado que votarão ao Eterno. Porém, nem sempre a interpretação que fazem dos designios do Senhor coincidirá com a nossa. Existirão então vários Deuses?

Nessa encruzilhada da existência espiritual ou o espírito reforçará suas convicções próprias e dará sozinho seu testemunho de Amor a Deus colocando-se definitivamente no rol dos espíritos cômicos de sua posição diante do universo ou negará sua participação consciente na Criação e continuará dentro da hipertrofia do espírito gregário, que não lhe permitirá ser instrumento consciente e esclarecido da vontade de Deus, por ser ainda demasiadamente condicionado à vontade do próximo.

Os sons seguros das notas que o Grande Artista poderia vibrar em sua alma, caso ela se recolhesse corajosamente à Sua Presença, não poderão ser emitidos, pois sintoniza com as notas que ecoam no ambiente — como o instrumento cujas cordas se movimentam espontaneamente, impulsionadas pelos sons de notas vibradas repetidamente no ar. *

A doação, para estar de acordo com o "mandamento maior", exige a capacidade de renúncia à aprovação do meio. Aquele que dá em função da aceitação do meio bem pouco poderá concorrer para a sua evolução e a do próximo. Provavelmente será recompensado com o apoio geral. É possível que tenha cumprido a segunda parte do mandamento — amar ao próximo como a si mesmo — mas, também, é provável que ainda não saiba amar nem a si mesmo, por desconhecer que sua primeira condição de trabalho deve ser a auscultação da vontade do Eterno. Sendo assim, poderá realizar muito à sua volta, estando, porém, deficiente na realização interior, por não dar primazia ao Amor de Deus.

A doação completa será, pois, a que propicie o isolamento periódico em relação ao meio, eleve o espírito à auscultação dos mais altos escaninhos da alma, permita-lhe perceber o eco das vibrações dos planos mais espiritualizados que lhe sejam acessíveis, descondicione-o das exigências imediatas do meio, forneça-lhe visão ampla e prospectiva dos planejamentos espirituais capazes de beneficiar a si e ao próximo, não lhe permita perder de vista os deveres primeiros que traz consigo, de prover sua própria escalada evolutiva, conduza-o a amar o próximo como consequência de saber amar a si mesmo no sentido verdadeiro de uma fidelidade irrestrita ao bem impessoal, auxilie-o a suportar o desnível entre o que deve realizar e o que desejariam que fizesse, a renunciar à compreensão do próximo para fixar-se decididamente na certeza interior dos rumos pressentidos, dentro dos quais promoverá a verdadeira doação.

Doar-se aos princípios da vida mais alta é a forma sublimada de doação; significa dedicação absoluta e integral a formas de sentir e viver incapazes de encontrarem eco na alma humana em geral. Significa, muitas vezes, negar a doação imediata de bens que nos são solicitados, para prover a formas mais depuradas de realização espiritual. Sentindo os planejamentos das mais altas esferas a que tiver acesso, o homem esclarecido poderá renovar sua têmpera para suportar a solidão com Deus, que é plena de gratidão e harmonia e que compensará seu isolamento entre os homens, marcado pela aridez da natural incompreensão dos planos menos evoluídos.

****Existem experiências da física, nas quais sons repetidos de notas musicais fazem vibrar espontaneamente as cordas de outro instrumento em repouso.***

III. BONDADE

Jesus, ao ser invocado por nós como o Mestre, deve ser observado e interpretado não só como o Amigo desvelado que deixou *as* esferas espirituais mais elevadas para conviver com os seres terrenos, numa prova inequívoca do mais acendrado Amor Espiritual, mas, principalmente, como o modelo, cujas virtudes servirão de tema para meditações infundáveis, à proporção que evoluímos.

Sucede, porém, que só conseguimos identificar virtudes à proporção que nosso espírito adquire um grau de maturidade mínimo indispensável para poder valorizá-las. Sendo assim, no Mestre vemos refulgir *as* nuances espirituais que nosso grau de evolução nos permitir entrever, como chamamentos *nas* curvas longínquas da estrada evolutiva.

A bondade, muitas vezes, é evocada quase como sinônimo de consentimento e passividade. Para as almas ainda em grau diminuto de evolução existe um ideal de progresso muito estreito e bastante estático. Para elas a bondade *só* pode ser expressa pelas vias da tolerância indefinida com as próprias necessidades, criadas por condicionamentos contrários ao impulso de progresso espiritual. Toda reformulação, todo dinamismo, todo sacrifício capaz de servir de combustível impulsionador do progresso surge como o fantasma do desassossego, cuja presença lhes é adversa.

Espiritualidade *é* um teste permanente de afinação com forças essencialmente dinâmicas e realizadoras. Quanto mais elevado *é* o espírito menos se entrega à inação. Quando os homens são convocados a agir no plano material em favor do bem do próximo, julgam ter atingido a meta, aos primeiros sinais de realizações exteriores. No entanto, mal iniciaram o contato com o dinamismo evolutivo. Este *só* se fará realmente presente quando passar a constituir um mecanismo de reformulações permanente, nos mais reservados escaninhos da alma.

O bom relacionamento com o próximo *é* uma tomada de contato inicial para a integração com a vida mais alta. Quem desejar satisfazer indistintamente a todos para evoluir terá sua paz interior seriamente comprometida, pois terá deslocado o eixo de sua evolução do centro para a periferia.

Analisando a figura do Mestre, à proporção que crescemos espiritualmente, identificamos nuances cada vez mais perfeitas e sutis de Sua exemplificação de bondade. Homens desajustados procuraram-No e Ele se antepôs a eles como uma barreira de luz inalterável. Para estes, certamente, o Mestre não significava bondade e sim rejeição. Entretanto, não era o Mestre quem se lhes antepunha à caminhada. Eles, sim, não possuíam força para seguir na mesma direção. Imperturbável, o Senhor prosseguiu em seu apostolado, mas podemos avaliar quanto Sua atitude decepcionou os que não conseguiam compreendê-Lo.

Como todos os conceitos espirituais, a idéia que fazemos da bondade *é* variável com o nosso grau de percepção. Porém, uma *só* forma existe de constatarmos se realmente a buscamos. Representa uma fórmula dinâmica como se faz necessário às avaliações espirituais. Não podemos fixar-nos em conceitos estáticos representados por gestos, muito pouco significativos no cômputo da eternidade. O mesmo ato que ontem significava para nós

um esforço em direção ao' bem, hoje, se conquistamos capacidade para realizar em maior escala, já representará um estacionamento na estrada a percorrer.

Certamente que haverá quem nos deseje conservar nas medidas anteriores e, na Terra ou no Espaço, seremos sempre solicitados pelas sugestões do menor esforço.

Poderemos ceder e continuar, aparentemente, a praticar a bondade que era suficiente para ontem, mas hoje já não preenche nossas necessidades evolutivas renovadas pelo dinamismo característico do determinismo espiritual.

Pelas medidas exteriores seremos louvados, mas para isso precisaremos fazer-nos surdos à Voz do Grande Silêncio que clama dentro de nós, pelo deslocamento em direção ao que é eterno e infinito.

O conceito espiritual dinâmico de bondade exige o abandono de fórmulas bem-sucedidas logo que as novas formas de expressar o bem clamam por uma fidelidade mais perfeita.

Jesus amou os homens, mas não conseguiu satisfazê-los. Esteve só na Terra. Poucos O valorizaram a tempo e mesmo esses sentiram-se desarvorados diante da onda de incompreensão que a Sua bondade gerou.

A evolução só se fará segura quando o espírito tomar consciência de sua condição de eternidade e conseguir medir seus atos pela *repercussão íntima que possuem no templo da alma*. Se um gesto condenado por nosso próximo contribuiu para fortalecer a renovação do bem dentro de nós, este será, seguramente, um gesto de bondade. Porém, se, embora sob aprovação geral, ele contribuiu para retardar a caminhada que deveríamos empreender seguramente em direção ao Alto, deverá ser catalogado entre os entraves à evolução espiritual almejada.

Dizendo — "Bom só o Pai que está no Céu" — Jesus demonstrou como são inconsistentes os conceitos humanos de bondade e quanto é necessário, se não quisermos nos sentir desarvorados, estimular a inspiração espiritual, capaz de verter pelos canais interiores do espírito eterno que está em nós, procurando perceber a essência de sua ligação com a Fonte de onde emanou.

Não foi sem razão que o Mestre passou pela Terra como a visão da bondade associada ao sofrimento. Bondade, como expressão do Amor espiritual, é fonte de lutas intermináveis do ser consigo mesmo, para encontrar o padrão de conduta consonante com as fontes superiores de espiritualidade que ainda não encontram na Terra ambiente adequado para se exteriorizar.

Se amais realmente a verdade, no entanto, sabereis valorizar as doces compensações que as dores da bondade legítima costumam provocar. E, amando e servindo, sentireis que se aproxima de vós aquele "reino dos céus" que será herdado pelos "brandos e pacíficos", mesmo antes que a Terra se regenere, pois, "o reino de Deus está em nós".

"Veja quem tem olhos de ver, ouça quem tem ouvidos de ouvir."

IV. ILUMINAÇÃO

A iluminação com Jesus se faz de forma gradativa e, muitas vezes, imperceptível.

Representa um processo de auto-renovação que se afirma com a mesma suavidade que a Natureza emprega para introduzir a aurora no cenário da Terra.

Quem desperta antes do amanhecer e inicia suas tarefas com interesse, surpreende-se ao notar que o dia já clareou, pois não houve um clarear repentino. Muito suavemente as trevas foram substituídas pela luz.

Assim acontece com o homem empenhado em servir ao próximo por amor aos ideais crísticos. Dedicado ao trabalho do bem, não vê o tempo passar e a um certo momento de sua evolução sente-se cercado pela claridade que cultivou carinhosamente no coração e que nele cresceu sem ser percebida, dia após dia.

Ocupado em servir, não teve tempo para observar certos detalhes do que se processava em seu campo áurico. Empenhado em amar o bem, sobram-lhe poucos lazeres para se examinar, a não ser na severa vigilância da disciplina interior com vista ao trabalho. Porém, algo de novo lhe sucede. Repentinamente, passa a notar, nos outros, reflexos generosos de uma luz que lhe é atribuída. Como os seres, de modo geral, não distinguem o instrumento e a Fonte, retrai-se e nega-se a reconhecer a parcela de luz que lhe atribuem. Empenha-se em esclarecer que a luz não é sua — desce sobre todos vinda do Alto.

Porém, não pode ignorar um fato — ela desce sobre todos, mas nem todos permitem que ela se filtre através de si.

A impregnação da luz só se produz nos seres que se tornam permeáveis e para tanto é preciso sofrer um processo de refinamento capaz de afastar os elementos impermeabilizantes representados nas imperfeições mais grosseiras da natureza humana.

A dor, o trabalho, a dedicação, abrem as comportas da alma para a passagem da luz; a coragem de sofrer a hostilidade do meio, o estoicismo de ser alvo das trevas representadas na cegueira dos interesses pequeninos dos homens involuídos. Por mais que tente se recolher para usufruir a paz que as novas luzes lhe podem proporcionar, o discípulo iluminado pelo Amor do Cristo tornou-se tocha viva e sua claridade ofusca, perturba e agride de certo modo o poder bisonho das trevas.

Poderá ele recolher-se após haver sido impregnado pela luz que tanto buscou? Será o momento de fechar-se sobre si e enfim usufruir a bem-aventurança?

Almas sedentas o buscarão como fonte da água viva. O Senhor não acende uma tocha para servir de ornamento à sua Obra. O Sol aquece e revigora, ao mesmo tempo que embeleza a vida.

O ser iluminado pelo Amor já não se pertence, pertence à Vida com a qual conscientemente já se identificou, como o recruta que se alista voluntariamente nas fileiras da defesa da Pátria Espiritual.

Seus riscos, seus sonhos, seu provimento já não lhe pertencem. Integrou-se ao grande fluxo da paz que representa luta nos planos involuídos. É um soldado da grande falange do Amor Universal. Sua linguagem soará estranha, sua figura, exótica e enigmática para os seus irmãos.

Poderão mesmo admirá-lo, mas ainda não conseguirão cerrar fileiras em torno dele. Pararão a uma certa distância para meditar na irradiação poderosa que dele emana, mas que ainda não conseguem incorporar.

Fiel a si mesmo, ele caminhará só. A bússola estará no seu íntimo a lhe mostrar a direção do Alto. Haverá quem o siga? Não sabe nem pode se deter em tais cogitações. Serão mal interpretados os seus atos, mesmo pelos mais amados? Deverá abster-se de conjeturar. Precisar, então, tornar-se indiferente? Não lhe sobrar tempo nem energias para este tipo de pesquisa se desejar cumprir integralmente a programação de amar aos desafortunados e servi-los, identificando neles emanações do Senhor em sua própria vida.

O Amor aos opositores absorverá agora suas melhores energias. Recebeu a luz, deve distribuí-la. E como escolher a quem endereçá-la, se ela é propriedade do Eterno?

Ser amado significará acréscimo de bênçãos. Porém, servir, será o objetivo maior, pois já terá conseguido perceber, na doação, a melhor forma de integrar-se voluntária e conscientemente com a Fonte de todos os bens.

A paz lhe virá e o penetrará através de todas as lutas — nele o paradoxo se desfaz — o Amor é capaz de fazê-lo feliz, mesmo nas maiores incompreensões sofridas.

Jesus foi recebido pela sua alma — fala-lhe e é entendido — eis o discípulo fiel.

"O meu reino não, é deste mundo".

V. PERDÃO

No belíssimo panorama do Universo, quem possua os "olhos de ver" a que Jesus se referia pode identificar correlações preciosas, como verdadeiras lições de entendimento espiritual.

Observando o organismo humano, os estudiosos concluíram que o depósito de determinadas substâncias intoxicantes torna mais espesso o sangue, com resíduos indesejáveis nas paredes dos vasos sanguíneos e este fenômeno favorece a esclerose. Daí decorre uma série de perturbações na saúde física, com sérias repercussões no campo mental do enfermo, podendo em grau elevado atingir situações alucinatórias de desequilíbrio mental. O processo provocado pelo depósito de resíduos nos vasos do aparelho circulatório pode causar a generalização de um envenenamento progressivo por falta de circulação adequada e límpida do sangue revitalizante. Todo o organismo se ressentido da ausência da ação benfeitora e higienizadora exercida pela corrente sanguínea quando esta veicula os benefícios normais de transportar recursos e remover resíduos. O "mar interno", como simbolicamente se designa o meio sanguíneo, sustenta a vitalidade Das células que primitivamente "nasceram sobre as águas".

"Renascer da água e do espírito" é uma expressão que sintetiza bem o processo de renovação que a medicina psicossomática precisa buscar. O "mar interno", ou seja, a "água" na qual o corpo material humano está mergulhado é o veículo sobre o qual o espírito deposita não só os resíduos físicos, mas, também, representa a correnteza onde se escoia a reserva de Amor ou desamor produzida pela sua economia global neuropsíquica a se expressar em predileções e hábitos mentais e materiais.

A higiene física é reflexo do processo profilático espiritual. Quando se identifica um fenômeno patológico no corpo denso, procure-se a correspondência espiritual do processo. Higienizar a alma é propiciar melhores condições de vida ao corpo físico. Existe séria correlação entre os resíduos mentais e emocionais e seus correspondentes físicos. Quando se afirma que o Amor cobre a multidão das imperfeições humanas, deseja-se afirmar que a profilaxia de todos os males reside na vibração do Bem praticado com desinteresse generoso.

Bem poucos poderão talvez ainda dar crédito a tais afirmações e ainda menos vivenciá-las. No entanto, em nossos singelos diálogos mentais convosco, desejamos reafirmar que a Natureza previu todos os detalhes de sua própria profilaxia e bem-estar. Se vos encontrais em desequilíbrio é por desconhecer suas leis. Assim como a água dos rios corre límpida sobre o cascalho e torna-se barrenta sobre os terrenos alagadiços, vossa correnteza espiritual impregna-se ou é defendida pelo tipo de vivência interior a que voluntariamente vos entregais.

Se fordes intolerantes com as imperfeições de vossos irmãos, entrareis na faixa vibratória do negativismo e vos sentireis negativos, tisonando a correnteza psíquica que vos envolve o ser. A irritação custa mais caro ao espírito do que o esforço da boa compreensão dos fatos. Os que afirmam a validade da agressividade como válvula de escape para as tensões internas desconhecem o mecanismo mais perfeito da profilaxia do Amor. Entrar na faixa vibratória do oponente é entregar-se ao alagamento e à contaminação. É preciso

"calçar" a correnteza com os seixos sadios da boa reflexão sobre os fatos e poder, assim, manter a pureza da linfa da vida que circula nos mais recônditos escaninhos da alma. Por baixo dos seixos existem os resíduos "que pertencem à terra", mas a habilidade do espírito esclarecido soube "calçar" o leito do rio para a água circular pura.

A vida é como o leito do rio sobre o qual circula a correnteza de nossas vibrações, características do grau evolutivo em que permanecemos; se nos deixamos impregnar pela incompreensão ambiente seremos o rio tismado pelos resíduos e nossa capar idade de vida será esclerosada. Os resíduos mentais e emocionais se depositarão gradativamente, intoxicando-nos ameaçadores. Se, ao contrário, desenvolvemos capacidade de neutralizar com o Bem as expressões do negativismo, seremos recompensados pela saúde física e espiritual, pois ambas são aspectos de uma só certeza com relação ao equilíbrio e à harmonia da Vida.

Ao perdoarmos sem restrições, nada mais fazemos do que dissolver os resíduos que tentam fixar-se em nossa organização psicofísica. Negando-nos a guardar a vibração do negativo em nós fazemos profilaxia, impedindo a permanência demorada do que é penoso em nosso ser. Que felicidade existe no fato de sabermos que os fatos só são eternos quando lhes atribuímos essa prerrogativa pela sua valorização e que podemos reter ou eliminar do campo psíquico de acordo com nossas próprias deliberações! Em atendimento à lei de correspondência, eliminando resíduos mentais, higienizamos o campo físico.

É bastante significativo o fato de que Jesus, antes de deixar o corpo, haja pedido perdão para os seus algozes. Liberava-se de uma corrente psíquica negativa e lançava sobre os que não sabem o que fazem o fluxo redentor de sua vibração esclarecida. Tal como Ele, precisamos fazer circular a vibração do Amor-Perdão sempre que a impureza do ambiente nos atingir, para não permitir a permanência dos resíduos capazes de nos intoxicar, perturbando o fluxo redentor da vibração espiritualizante.

Quanto aos "erros" de nossos irmãos, já são peso suficientemente incômodo para quem os cometeu; por que nos deixarmos impregnar por suas conseqüências nefastas?

Perdoar é saber usar a técnica profilática da higiene global que atinge o conjunto indivisível que é o corpo e a alma. Perdoar é tomar a iniciativa de libertar-se voluntariamente da desarmonia que nos atinge, seja ou não choque de retorno de nossos atos impensados do presente ou do passado. Pelo fato de estar escrito no livro da Vida que determinada situação precisará ser vivida por nós, não somos obrigados a nos deixar abater pelos males que na caminhada evolutiva nos atingem. Essas provas podem encontrar-nos despertos ou desatentos. As conseqüências das provações serão menos duradouras quando nos situarmos vigilantes para a neutralização dos resíduos naturais, combatendo o desamor com a bondade cientificamente dosada como antídoto de todo desequilíbrio.

Grande Mestre e, portanto, médico esclarecido do espírito e do corpo, *Jesus* nos deixou a fórmula da saúde permanente: "Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem! ..." Neutralizou o mal e ressurgiu.

VI. PADECER

O mecanismo psíquico humano, como toda a Criação, está sujeito a leis básicas gerais. Aprende-se, pela aquisição de hábitos, e estes são orientados pelas predileções pessoais. O hábito, criador de condicionamentos, é responsável pelo estacionamento do espírito neste ou naquele grau evolutivo. À proporção que "vê" mais adiante no Caminho a seguir predispõe-se à renovação de formas de ser. De modo geral, a transição de uma faixa evolutiva para outra é alcançada quando a mente consegue perceber novos horizontes, criando-se um *desnível* entre a forma presente de ser e aquela percebida através da compreensão. Eis que surgem os primeiros sintomas de um padecimento produtivo — a impossibilidade de conformar-se com os padrões antigos de vivência.

Esta forma de padecer é independente de estar o espírito neste ou naquele tipo de realização exterior. Não nos referimos aos padecimentos constrangedores das situações cármicas comuns. Para estes há reais e proveitosas instruções básicas doutrinárias sobre o valor da compreensão e da tolerância fraternas, para os reajustamentos com o próximo. Interessa-nos analisar o processo desencadeado pelos desajustes psíquicos oriundos do crescimento espiritual, quando o ser percebe a necessidade de auto-superação em etapas decisivas de transição interior.

Compreendemos que o espírito humano projeta nos seus atos externos a luz ou a sombra de seu mundo interior. Nosso interesse localiza-se nos fenômenos de crescimento espiritual porque sabemos que os atos de Amor ou desamor são reflexos de processamentos espirituais desenrolados nos mais recônditos escaninhos do psiquismo. Pouco nos adiantaria obter homens de atos estandardizados de Amor por pura convicção intelectual, sem a correspondência vibratória da Paz interior que ilumina os menores gestos humanos, quando o espírito é capaz de possuir "olhos de ver", especialmente em relação aos profundos movimentos cíclicos do seu crescimento espiritual. Só quem se compreende é capaz de verdadeira compreensão pelo próximo, só quem sente em si o eco da misericórdia de Deus é capaz de expandir reflexos desta misericórdia.

Padecer, pois, para nós, tem significado específico. Não é entregar-se à autoflagelação na simples e ingênua suposição de que o sofrimento constrói, por si mesmo. Ele só é produtivo quando atinge o estágio no qual o espírito quebra toda resistência característica da rebeldia diante da Lei do progresso e se afina com a alegria de um novo aprendizado. Enquanto isto não sucede, o sofrimento é simples processo de saturação psíquica, capaz de, no futuro, gerar anticorpos responsáveis pelo surgimento de nossos comportamentos mais felizes.

A alegria no padecer é perfeitamente viável e sadia para quem reconhece na adversidade o mecanismo do descondicionamento proveitoso. Esta a chave dos êxtases espirituais dos místicos, cujas vivências são incompreensíveis à maioria. Embora fossem incapazes de analisar o processo do descondicionamento psíquico nos termos técnicos da moderna psicologia, aplicavam-se, com habilidade intuitiva inacreditável, aos princípios do descondicionamento e da aquisição de novas "respostas psíquicas" em faixa vibratória mais avançada. Padecer, portanto, recebe novas conotações à proporção que se cresce interiormente. Os espíritos mais esclarecidos amadurecem gradativamente para a ampliação da visão espiritual que os habilita a permanecer serenamente nas mais árduas experiências descondicionantes de um estágio para o ingresso em outro, como o

organismo que se habituasse a receber doses cada vez maiores de substâncias estimulantes e positivas e ainda não suportáveis a organizações mais frágeis.

Conhecendo o processo de transferência de um degrau evolutivo a outro sereis talvez tentados a ponderar que é um mecanismo bastante encadeado e quase automático de reações naturais, não provocadas e só valiosas porque profundas e autênticas, sendo impossível despertá-las artificialmente, pois modificar condicionamentos representa algo mais complexo do que executar atos voluntários.

Não podemos esquecer a realidade de que os automatismos são gerados pela repetição que transfere ao inconsciente "sinais" renovados até sua incorporação definitiva à conduta individual. Toda a educação e toda a evolução baseiam-se nesta cadeia de fatos repetidos e assimilados. Eis onde se abre ao espírito a porta do livre arbítrio, para dirigir seus condicionamentos, sendo capaz de selecionar o grau superior em que pode ingressar a cada momento evolutivo.

Padecem, aparentemente sem proveito, os que desconhecem as leis da Criação, pois, mesmo em sua ausência de diretrizes, a Providência os instrui através da intuição que busca, embora às cegas, os melhores caminhos.

Entretanto, o homem, cada vez mais cômico de sua autonomia, precisa, para realmente se integrar no sentido autodiretivo, corrigir freqüentemente a rota de seus condicionamentos. Desta forma será diminuída a sua trajetória evolutiva, como se fosse capaz de descobrir atalhos na estrada real do progresso. Conhecendo o plano da Vida poderá acelerar sua escalada espiritual, inclusive pela supressão de padecimentos desnecessários, pois, aos indispensáveis descondicionamentos evolutivos costumamos acrescentar os transtornos de nossa imprevidência, fruto do desconhecimento total das normas espirituais.

O homem deste final de ciclo, capaz de dirigir-se em empreendimentos inacreditáveis no plano material, precisa planejar, conscientemente, seu processo renovador psíquico e aprender a padecer alegremente os descondicionamentos necessários à sua evolução, para inscrever-se voluntariamente em níveis mais elevados do plano da Vida. Precisa entender que crescer é deixar para trás processos desgastados de agir e submeter-se a renovações fundamentais cada vez mais preciosas; precisa deixar de temer o "lançamento" da plataforma espacial do espírito eterno na imensa amplidão da Vida cósmica; precisa treinar-se, como o astronauta, para um tipo mais elaborado de realização, exercitando o psiquismo nos padecimentos proveitosos, deixando de temer a renovação.

O homem moderno, descobrindo os aspectos negativos da repressão, deu um passo para o conhecimento da lei espiritual do Amor, pois todo padecimento precisa ser aureolado de um sentido construtivo e só assim é válido para a renovação interior. Reprimir não é aconselhável e sim expandir em níveis superiores de espiritualização, cujo valor justifica o preço pago pelo descondicionamento inferior.

Ao desaparecimento da sociedade repressiva é necessário responder *com o surgimento da sociedade evolutiva, capaz de discernir profundamente os mecanismos da auto-superação*. Repelir a repressão em nome da evolução não justifica aceitar a dissolução dos valores reais. Há necessidade, mais do que nunca, de buscar novos padrões capazes de substituir, com vantagem, os anteriores.

Descondicionar não é reprimir. A repressão gera reação antagônica; *o descondicionamento substitui comportamentos indesejáveis* por outros capazes de gerar mais Amor e mais Paz.

O problema reside na escolha de novos condicionamentos mais adequados a níveis de maior felicidade espiritual. O elixir da Paz imorredoura possui esta única fórmula —evoluir sempre, aceitando os padecimentos gerados pelas necessárias reformulações diante da Lei do Amor, que *é* a fraternidade universal.

A alegria sadia desses novos comportamentos será responsável pela atitude cristã mais perfeita, aquela que aceita as transformações sempre que possam contribuir para maior harmonia da Criação onde todos estamos incluídos.

VII. RECONHECER

Supondo que sabemos sobre a espiritualidade o que convém e estamos prontos para a ação proveitosa após as vivências iniciais da Seara interior, a qual julgamos preparada para o replantio mais além, somos servos alertados para a necessidade de vigiar e agir sem desânimo. Os laços do Amor espiritual nos ligam solidamente ao ambiente do trabalho benfeitor e rejeitamos as sugestões de cansaço, de desânimo e de tristeza para dar andamento à boa semente cristã.

Teremos chegado à última etapa da realização? Será suficiente o esforço contínuo nos padrões alcançados? A primeira vista poderia ser dada resposta positiva, pois nada mais aparentemente se requer do servo do que pôr-se a caminho e, no resto, diz-se, o Senhor proverá.

Realmente, o provimento não lhe faltará sob a forma de energias de sustentação nos momentos críticos, quando serão necessários reforços para o prosseguimento. Porém, e quanto ao roteiro? O Senhor o levará pela mão como se faz ao cego incapaz de planejar seu caminho? Estará tudo programado a ponto de não haver necessidade de escolha e decisão?

Se nos colocarmos nas devidas proporções espirituais diante do Universo, poderemos fazer uma pálida idéia da incapacidade que ainda nos atinge de conhecer todas as formas pelas quais o Amor se expressa. Se compararmos o Senhor ao Sublime Jardineiro das almas, poderemos compreender que a Força Criadora da Vida se revela na expressão da relva, da violeta, do carvalho ou da rosa, para citarmos apenas algumas das modalidades em que o Artista Supremo objetiva Sua obra. Desta infinidade de criações da Força do Amor precisa o homem extrair a mensagem oportuna, a sua vivência de cada momento. Entretanto, ao se filiar ao trabalho construtivo geralmente cria laços de afeição e não sabe substituí-los oportunamente pelos do Amor.

Afeiçoar-se é "tomar a feição de", isto é, identificar-se, tornar-se uno com alguma coisa. Louvável o propósito de serviço que une as criaturas e as afeiçoa umas às outras, porém, o estágio maior de crescimento interior exige reformulações permanentes em ritmos nem sempre coincidentes e sérias conseqüências advêm de se crer que a Paz e o Amor estejam vinculados aos laços de afeição com o próximo. Jesus, conhecendo o processo evolutivo humano, impossível de ser reduzido a um ritmo único para todos os seres, afirmou a necessidade de desvinculação, mesmo dos mais afeiçoados, quando esta ligação se opusesse ao crescimento espiritual — "o pai irá contra o filho e o filho contra o pai", "não vim trazer a paz, mas a espada", "o machado está colocado junto à árvore que deve ser abatida", diz a escritura. Seleção, escolha, decisão, eis os desafios constantes a que o servo fiel será conduzido para aprender a identificar os melhores roteiros. Reconhecer a cada momento as renovações necessárias, os testes de crescimento, as lutas mais proveitosas. Suportar cristãmente a diversificação dos caminhos que não podem ser os mesmos para todos, embora se dirijam todos ao mesmo objetivo final.

Discernir — eis o teste comprovador e garantidor do progresso espiritual, não pelos processos simples das classificações humanas do interesse mais imediato e evidente, mas como um reflexo de clareiras abertas no panorama interior, como resultado da meditação nos propósitos superiores da vida. Para esta espécie de discernimento a cultura

poderá auxiliar bastante, mas não será suficiente. Discernir, neste caso, representa uma espécie de captação espiritual semelhante ao processo dos modernos radares que conseguem perceber a distância o objeto que se aproxima ou a onda emitida, a tempo de preparar defesa ou de emitir resposta. Significa "conhecer de novo" o que se conheceu já por antecipação em espírito, na busca contínua de afinação com esferas mais aperfeiçoadas do plano espiritual, que interpenetra toda a Criação.

O homem que se aprimora na reflexão sobre a vida, consegue, em seguida, ultrapassar o intelecto para mergulhar nos domínios do espírito, onde se faz soberana a Voz interior da Vida Eterna, torna-se capaz de reconhecer no plano material as expressões vibratórias das solicitações percebidas na outra dimensão, quando no viver diário os fatos se apresentam como real expressão do Amor que presentiu em suas incursões pela verdadeira Vida.

Sua escolha nem sempre poderá, por razões óbvias, coincidir com as predileções gerais, o que precisa ser encarado como fenômeno normal. Quem penetrou esta escala de valores percebe, facilmente, quanto são inúteis as imposições de quaisquer espécies no setor espiritual e quanto será necessário exercitar vinculações interiores para ser possível o desvinculamento exterior em relação a situações e pessoas.

Penetrado este âmbito de ação espiritual o real Amor poderá ser expresso, pois enquanto nos apegamos ou simplesmente nos afeiçoamos, não somos capazes de percorrer toda a gama extensa de expressões em que o Senhor se revela na Criação.

Seremos mais úteis à proporção que reconhecermos a realidade de que os jardins da Vida são infinitamente variados, mas em todos eles o Amor é a força sustentadora e muitas surpresas nos estão reservadas no processo de crescimento espiritual, que é infinito e imprevisível.

Preparemos a sensibilidade para reconhecer o Amor, seja qual for a forma pela qual ele se apresente diante de nós. Prendamo-nos exclusivamente à mensagem de Amor que cada situação pode veicular. Só com o esquecimento das predileções pessoais nos tornaremos capazes de servir adequadamente, *reconhecendo* o chamamento do Senhor, seja onde for que nos deseje situar dentro da Criação.

VIII. ENVIAR

O homem torna-se tecnicamente mais capaz à proporção que descobre as leis sobre as quais o Universo baseia sua estabilidade. Inventores e descobridores nada mais são do que indivíduos que se habilitaram, por esforço e capacidade específica, para o controle das leis naturais na produção de novos efeitos.

Todo aperfeiçoamento, pois, aproxima o homem de sua Origem espiritual pelo descobrimento das formas de expressão da Lei que rege o Universo, embora, muitas vezes, ele se detenha nos resultados imediatos, únicos que ainda consegue valorizar em seu grau menor de evolução.

As tão faladas técnicas modernas de comunicação nada mais representam que o resultado da constatação de fatos que o homem inteligente aprendeu a apreciar e conduzir. Leis, eis o arcabouço sobre o qual o Universo repousa e bastará ao homem assenhorear-se delas para ser capaz de conduzir o próprio destino com maior segurança. Numa época de percepções avançadas não se pode mais apelar no sentido de que os homens "adorem" a Deus como a um monarca poderoso e misterioso em seus desígnios. Embora considerando a grande margem de desconhecimento das leis universais, Pode-se e precisa-se estimular no ser humano o conhecimento gradativo do seu próprio universo interior e das leis correspondentes que regem o macrocosmo, assim como equilibram o microcosmo.*

Todas essas considerações visam demonstrar que o ser humano evolui e descobre, mas já encontra o Universo ordenado em suas leis básicas com as quais deve aprender a cooperar.

Toda a Criação é um apelo ao envio das almas a níveis cada vez mais altos de realização, apelo convincente e intenso que atinge os seres todos, embora ecoando de forma diversa em cada faixa vibratória. No homem materializado, em seu psiquismo ainda não desperto para as realidades eternas, este apelo acorda reflexos de trabalho e criatividade no plano material e mesmo sem perceber ele está se aperfeiçoando mental e emocionalmente, no trato da vida comum. No momento oportuno, quando sua sensibilidade for acordada, saberá entrever no mecanismo mais imediato da vida os reflexos da espiritualidade, matriz de toda a Criação.

Então, havendo penetrado na faixa de sintonia de uma outra onda psíquica, seus olhos se tornarão capazes de entrever, na opacidade do plano material, as irradiações do espírito imortal.

Daí por diante passará a buscar estímulos mais raros e bastante incompreensíveis à maioria, pois seus ideais transferiram-se das realizações comuns para as predileções inacessíveis ainda ao conjunto.

Passará a seguir os passos daqueles que se embrenham nos tortuosos caminhos humanos com a serenidade inexplicável de uma luz interior inextinguível. Procurará acompanhar os propagandistas de uma nova era, cuja irradiação interior é incompreensível à maioria dos seres. Dentro do mecanismo perfeito do provimento espiritual da vida, os seres que se saturam da vibração do Amor tornam-se catalisadores de almas, cujas potencialidades despertam, como peças que se ajustam adequadamente à

engrenagem de maior potencial. Embora a mensagem destes seres evoluídos não seja vivida muitas vezes senão por reduzido número de seguidores, sua exemplificação permanece, como um apelo permanente embora incompreensível, a formas mais elaboradas de Vida.

Descobriram os modernos comunicadores a influência das personalidades dinâmicas sobre os de sua mesma faixa vibratória. Inebriam-se com a força da comunicação. Que se alertem a tempo quanto ao poder que estão movimentando. Manipulam forças milenarmente conhecidas pelos iniciados — a sugestão, a força do pensamento e da vibração emocional, de poderes inacreditáveis. É preciso, no entanto, meditar sobre que mensagem enviar e em que direção ela arrastará os seres nela envolvidos. Tanto os magnetizadores de multidões como seu "sujet" são enovelados na mesma onda vibratória. Eis a razão de grandes desequilíbrios psíquicos dos seres desavisados que se arvoram em magnetizadores das massas com finalidades comerciais ou personalistas. A toda ação corresponde uma reação e os que acreditam lançar redes de sugestões sobre as massas inábeis no controle de forças ainda não conhecidas integralmente vêem-se em breve enredados no tumulto das paixões que desencadearam à sua volta.**

Conquistar poderes exteriores exige correspondente domínio interior para o necessário controle da força desencadeada. Chegada a época do ingresso da Terra na sua idade adulta, precisará desvendar os mistérios do passado que nada mais representavam do que as leis universais desconhecidas. Mas, assim como a criança pode se ferir com um brinquedo moderno se despreparada para manuseá-lo, o homem deste final de ciclo precisa entender que as Leis só podem ser utilizadas sem perigo se orientadas em consonância com a harmonia geral. Que a força obtida pelo domínio da Vida deve conduzir aos objetivos da mesma Vida — que são Amor, Beleza, Harmonia.

Tomai como exemplo a exatidão da técnica astronáutica. Quanto mais aperfeiçoada a engrenagem, quanto maior o seu poder, mais critério e exatidão no seu uso. Tomai consciência de vosso poder dentro da manipulação das forças universais, porém, cuidai em saber primeiro para onde enviáis vossa mensagem. Ela será um apelo que vos responderá com as vibrações multiplicadas, na mesma faixa, envolvendo vossa existência com a paz ou com a desarmonia que houverdes emitido.

Fazei-vos centros de forças construtivas capazes de emitir mensagens estimuladoras de roteiros acentuadamente nobres aos vossos irmãos e sereis seguramente apoiados pela resposta que a Vida vos enviará.

As personalidades dinâmicas imantadas aos poderes superiores e benéficos da vida resistiram impávidas aos maiores assédios das sombras, porque encontravam-se em sintonia com forças poderosas de Amor e Harmonia, capazes de sustentá-las nas maiores provações. Quando os homens se voltavam contra esses seres espiritualmente ligados à Força Criadora só conseguiam atingir-lhes o corpo físico, pois sua contextura espiritual era inatingível. Meditai sobre o problema da escolha da faixa vibratória em que emitireis o sinal de vossa mensagem. A resposta vos virá da mesma qualidade. Vossa impregnação será da mesma qualidade do pensamento que enviardes.

Para onde enviardes, sereis também enviados...

**Ver "Kibalion" — Três Iniciados.*

***Este trecho refere-se ao fim trágico de políticos e artistas da nossa época por inadequado manuseio da força sugestiva.*

IX. PARECER

Acampanhando o andamento da aplicação prática dos símbolos analisados nesta obra podemos perceber que três etapas se fazem nítidas na elaboração de graus interiores de auto-aperfeiçoamento.

A *mente esclarecida* pelas conceituações renovadas da fé (Triângulo) conduz a alma a *vivências* calcadas na compreensão obtida no plano mais elevado do esclarecimento mental. Equilíbrio, higiene adequada do pensamento, proporcionam moldes psíquicos sobre os quais buscar a conduta com apoio salutar de normas adquiridas nas tradicionais escolas de orientação espiritual. Exercícios mentais habilitam o aprendiz a despertar ecos interiores de uma capacidade mais perfeita, sensibilizando-o positivamente para uma expansão de potencialidades mais apuradas. Suas *vivências* conduzem-no a um estágio de *esperança* segura, em novas disposições da vida. Eis que a Rosa da sensibilidade começa a desabrochar, ao influxo de uma capacidade maior de discernir caminhos adequados.

O espírito neste momento evolutivo encontra-se em situação bem clara e definida. Por um esforço consciente desejou afastar-se da órbita de seu pequeno mundo, de suas concepções exclusivas. Rompeu a barreira da gravitação individualista. Conseguiu largar o primeiro estágio propulsor de sua nova órbita — as concepções adquiridas pela *reflexão*; em seguida, após *vivenciar* os conceitos obtidos lançou-se acima dos exercícios comprovadores dos novos roteiros e viu-se projetado numa terceira escala de valores: a da *ação* desvinculada dos preceitos, porque calcada na criatividade interior. O impulso impresso em sua jornada desligou-o das etapas anteriores. Adquire nova visão de conjunto e a velocidade específica da órbita atingida altera os padrões de ação interior e exterior.

Considerando a evolução como um constante deslocamento obtido através de grande diversificação de meios, todos os impulsos, pequenos ou grandes, encontram-se incluídos na lei do progresso. Tanto o ser que se move penosamente sobre o solo como o que se desloca a grandes velocidades espaciais obedecem ao ritmo criador na modalidade adequada ao seu momento evolutivo. A grande conquista de vosso século será a de haver pressentido a diversificação de meios evolutivos necessária ao atendimento do progresso individual. Será a de haver transferido a escala de valores do plano exterior para o interno. Será a de haver despertado em cada ser a consciência de que possui um ritmo próprio que é a sagrada conquista de cada ser que consegue vibrar consoante com o dinamismo universal na escala que se ajusta à sua condição. E, mais ainda, o homem esclarecido percebe a posição adequada como um conceito móvel, ajustado perfeitamente a situações interiores extremamente variáveis e cada vez mais capazes de se deslocarem em direção a um sentido criador e renovado da Vida.

Vossa época, por ser caracteristicamente de ação, penetrou o sentido do movimento permanente das conceituações interiores impossíveis de se reduzirem a fórmulas gerais. A ação individual diversificada é cada vez mais uma necessidade do espírito que entra na sua própria realidade. Embora sujeitos a grandes oscilações, os espíritos emancipados de normas exteriores crescem interiormente ao influxo de reais ações, isto é, exteriorizações de uma força acionada de dentro para fora, autênticas manifestações do Ser espiritual que, à semelhança da larva, começa a despertar para os vãos espirituais.

O homem atual sentiu a inconsistência das normas impostas pelo meio, mas ainda não penetrou o valor da auto-disciplina para o necessário impulsionamento em direção a órbitas mais elevadas. Sabe que para crescer precisa de um mecanismo autopulsor, mas desconhece sua linha de montagem. Como reação ao vácuo existente, esboçam-se movimentos de procura das disciplinas milenares do Oriente como reação ao nada do materialismo ocidental. E retorna-se à advertência — Homem, conhece-te a ti mesmo! Em ti está toda a potencialidade de que necessitas e toda a verdade que deves aprender a conhecer gradativamente à proporção que fores capaz de suportá-la. Reflexo da Força Criadora, a Verdade que está em ti precisa de tempo e tenacidade para ser suportada pelos teus olhos desabitados à luz. Não te preocupes com o que possas parecer aos teus semelhantes. Se nem mesmo tu te conheces, como poderão outros seres avaliar-te? Ocupa-te em desvendar teu próprio mistério e deixa que te julguem como forem capazes os teus irmãos, na certeza de que o que pareces ser *é* transitório. Enquanto não atingires toda a tua potencialidade interior ao final do processo evolutivo ainda não *serás*, simplesmente *parecerás ser*. Portanto, deslocamentos infinitos estarão em andamento para atender à dinâmica do progresso.

As conceituações emitidas pelo vosso próximo a vosso respeito podem ecoar dissonantes na caixa acústica de vossa percepção espiritual. Precisareis silenciar todo ruído externo para realmente medir a atmosfera psíquica na qual estacionais.

Vossa ação interior com o Cristo precisa ser a única medida válida. A bússola dos conceitos geralmente aceitos será inútil nas grandes viagens fora da órbita humana específica. Nova instrumentação será necessária às viagens que vos distanciem da gravitação egocêntrica. Precisareis construir campo gravitacional próprio, no qual o único magnetismo indestrutível seja a força do Amor Crístico, baseado na essência evangélica do Bem, desvinculado das considerações puramente humanas, dos conceitos estabelecidos para as conveniências imediatas.

Para a maioria, vossa liberação de estágios inferiores vos terá lançado perigosamente perdidos no espaço sem apoio visível. Porém, essa aventura espiritual *é* perfeita e seguramente viável se o aprendiz percorreu os estágios anteriores e habituou-se a corrigir sua órbita pelo mapa de um roteiro interior seguro, no qual o magnetismo espiritual *é* nitidamente sentido.

A atmosfera rarefeita não o prejudicará se leva consigo a reserva psíquica do espírito de serviço longamente exercitado; se sua "circulação" de valores espirituais habituou-se a uma economia, na qual "é mais bem-aventurado dar do que receber", se os longos silêncios da solidão estratosférica já não conseguem arrefecer seu ânimo.

Deslocar-se orientado pelo norte interior do Amor à Verdade *é* a aventura a que todos se destinam. Basta que sejam aceitas as disciplinas preparatórias para que esta se faça uma jornada de alegria.

Despreocupai-vos, pois, do que possais parecer. Buscai a essência do vosso *ser*. Meditai nesta palavra *ser*. Possui um sentido de substantivo e de verbo, simultaneamente, designando o dinamismo de que somos constituídos, quando, ao sermos designados como "*o ser*", precisamos ao mesmo tempo estar impregnados da *ação* inseparável do fato de existir. *Ser* opõe-se a *parecer* como o objeto à sua sombra, que pode apresentar deformações provenientes unicamente do ângulo em que a luz incide sobre ele. Preparai-vos para

distinguir seguramente ambas as partes de vossa expressão individual. E lembrai-vos de que quanto mais vos aproximardes do Foco Luminoso menor será a sombra que lançareis até que desapareça a aparência e permaneça a realidade do *ser* que está em vós, integralmente iluminado pela proximidade maior do Foco Central da Vida.

X. RETORNAR

Jesus expôs os mais elevados ensinamentos espirituais através de fatos simples da vida. Revelou na linguagem pitoresca das parábolas a evidência da lei hermética: "o que está embaixo é semelhante ao que está em cima", o microcosmo rege-se pelas mesmas leis do macrocosmo.

No entanto, o espírito humano toma-se da vertigem alucinante das alturas quando a espiritualidade se revela em sua natural grandiosidade sobre a alma sincera do buscador. A súbita mudança de medidas na transição entre a esfera do egocentrismo e da espiritualidade provoca descrédito e imobilização temporários no espírito que retorna, pois é um desmemoriado, como o nascituro gerado no ventre materno, alimentado no seio generoso, mas que, desses fatos, não obteve registro. Retornar à casa paterna quando dela nos afastamos ainda inconscientes é aventura inédita que, freqüentemente, gera o descrédito com relação às bênçãos, por serem excessivamente generosas.

Como o primeiro passo para o esclarecimento espiritual é o "conhece-te a ti mesmo", que começa a ser posto em prática em época predominantemente involutiva do ser para a necessária correção de rota e em virtude do mecanismo de fixação, também profundamente útil ao progresso em sua medida adequada, o ser sofre o impacto do autoconhecimento e tende a registrar *as* próprias deficiências, não como condições momentâneas, mas como a sua realidade.

O "filho pródigo" teme retornar à casa paterna onde a riqueza, a plenitude e a paz o esperam. Porque se viu pobre de bens e de dons, desafinado com o programa de vida da comunidade disciplinada e produtiva, constrói uma separação psicológica, que se projeta como sintoma de um repúdio a si mesmo.

Eis que o Amigo lhe afirma: "nega-te a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me".

Que imensa distância existe entre este negar-se para uma correção de rota e de nível e o aniquilamento tão temido pelos que não têm "olhos de ver"!

Eis a diferença entre o filho pródigo da primeira e da segunda fase. O que deu a si mesmo o direito de apossar-se de sua parte para usufruí-la desligou-se da Fonte, contentando-se com alguns cântaros que logo se esgotaram. O segundo, já experimentado, compreendeu que só a disciplina do ingresso na Lei do Amor, na Casa do Pai, poderia assegurar-lhe felicidade sem mácula.

Homens! Ouvi as palavras de Jesus, deixando que repercutam profundamente e encontrem eco em vossa sensibilidade. Que representa a renúncia a si mesmo senão a imersão num caudal de Amor e Paz representados pela integração à Força Superior da Vida? Renunciar aos estreitos conceitos de uma fase acanhada da existência espiritual para a integração com o Todo.

As medidas que regem o campo no qual ingressareis assustam pela sua amplitude, mas geram descondicionamentos capazes de alargar o âmbito espiritual de forma a permitir a expansão de potencialidades inimagináveis. Nos campos incultos que não pertencem ao Pai

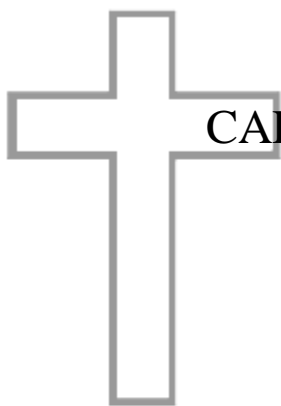
não há trabalho, mas não há produção e a carência logo se apossa do viajor, por maior que seja sua provisão inicial.

O Pai, que é o Senhor, é também o Grande dispensados da Paz, representada pela segurança de leis que impulsionam o crescimento de sua prole. Aquele que se reconcilia e retorna é grande em seu gesto de reconhecer o processo real da vida. Ganhou a experiência, gastou os bens que lhe pertenciam, mas percebe que o estoque desses bens é infinito.

O que ainda não evoluiu não entende a alegria do regresso e acusa o Pai que acolhe com extremos de carinho aquele que retorna.

O próprio Pródigo não espera, não entende, não se habitua rapidamente com o bem que lhe é proporcionado. Um mecanismo de negação ainda o mantém atônito com a recepção. Até para o Amor é preciso desenvolver o hábito de assimilação. Hábitos são nossa liberação ou nosso encarceramento. O Amor está em nós. A Vida é Amor. Porém, quantos de nós vivemos plenamente a realidade de sermos amados tão grandiosamente ? Quantos somos capazes de meditar sobre o extremo fenômeno do Amor que é a vida em que estamos mergulhados ? Quantos entendem o generoso abraço de retorno em que o Pai nos envolve com as oportunidades grandiosas de cada hora ?

Olhai com "olhos de ver" e não julgueis que vos concitamos a alimentar alucinações. Sois participantes de uma imensa apoteose de maravilhosos fenômenos de Vida e de Amor a cada momento. Observai e, mesmo os que se afirmam em contradição com a vida, vos evidenciarão o paradoxo das mais puras evidências da Lei do Amor, nas próprias leis que lhes regem a condição de ser, pronunciando-se em oposição à harmonia que lhes sustenta a vida. E o simples fato desta oposição não desfazer o "milagre" do Amor que sua existência representa vos fará meditar sobre o que sucederá quando o ser não mais se opuser Força Criadora que está em si...



CARIDADE,

sol que aquece e vitaliza a alma.

XI. CARIDADE

A caridade é a Lei e a Lei é Amor. Quem penetra o campo ordenado da Lei ressurgir dos invólucros das fases involuídas e *conhece* que é.

Não há, portanto, identidade entre negação e caridade. Caridade é Amor, é Vida. É integração com o Plano que está na Mente Divina. Caridade é força, é vigor na realização. É, enfim, a real participação do *ser*, pleno de superiores convicções.

Inclui no seu plano de *ação* um sentido profundo de auto-afirmação, elemento componente da humildade real de quem se sente incluído no Grande Plano e com ele colabora.

Caridade é *ser*, no melhor estilo de que somos capazes, e ignorar naturais incompreensões. É, antes de tudo, erguer-se acima do nível habitual e tomar posse de *seu* lugar na engrenagem geral da vida.

Coroamento de todas as etapas anteriormente focalizadas, representa a capacidade de sintetizar e viver plenamente a experiência da integração gradativa com o Todo.

Quem entendeu, pela *fé* esclarecida, sua nova direção e amadureceu a sensibilidade a ponto de *esperar* segura renovação no processo evolutivo, abraça a cruz redentora com Amor e consolida a cada momento o processo de sua ressurreição.

Eis que se conscientiza o grande sonho para cuja realização a humanidade perdeu o roteiro.

Amor, Caridade, Sol que aquece, revitaliza e permite a concretização dos mais ousados empreendimentos.

O homem moderno, que clama por produtividade, estimula-a por processos artificiais de renovação ambiental, preparação psicológica e técnicas de comunicação. Obtém efeitos na medida em que os artifícios se aproximam do cálculo original com o qual o plano de Amor foi concebido para reger a Criação. Julga que foi capaz de criar processos novos quando a própria Vida que o cerca revela-se esplendorosa lição de propulsão da energia criadora de cada ser vivente. Basta que observe e medite. O plano da Vida é Amor que representa energia criadora por excelência. Ressurgindo do invólucro da involução, o homem adquire "olhos de ver" e sente o real processo do crescimento. Desvincula a ação caritativa do terreno simplesmente material, ampliando seu significado para identificá-lo com o sentido criador do Universo.

Viver plenamente é compadecer-se no mais alto grau. É enternecer-se com a dor ou a alegria, ambas expressões do ritmo intenso no qual a evolução se processa, revelando a ação criadora da Força Central da Vida.

Amar produtivamente sem vincular-se ao exclusivismo é pôr-se em dia com a Lei Geral. Impulsionar o processo conscientemente é Amor, expressão máxima da caridade, que se inicia timidamente quando nos enternecemos ou mesmo nos disciplinamos para beneficiar

alguém — nós ou o próximo.

Amar, fazer Caridade, fazer o Bem, evoluir são sinônimos.

A união com o Todo é Amor. Fazer o bem começa com ações isoladas de atendimento particular a si e ao próximo. Termina pela integração ao Grande Bem — com a queda dos véus da ignorância e a fusão com as leis gerais da Vida.

Por esta particularidade compreende-se que a Caridade é como o Sol que aquece e permite renovação vital. Simultaneamente, é força expansora que não se coaduna com particularismos. Amplia a percepção do Bem a ponto de tornar-se irreconhecível a quem não possa acompanhar os grandes vôos do espírito.

Por esta razão suas formas de expressão são tão variadas quanto são os indivíduos e as situações.

Guardai-vos contra os juízos emitidos impensadamente. O "não julgueis" visa resguardar-vos do processo estreito das conceituações características das primeiras fases da evolução. Como definir o Amor no comportamento do nosso próximo se desconhecemos todas as expressões infinitas da Força Propulsora da Vida?

Lançai-vos a viver a mensagem do Amor que a vida nos permite expressar e silencieis em relação à forma pela qual vosso irmão poderá estar veiculando sua própria mensagem espiritual.

Ocupai-vos intensamente do serviço que vos coube na partilha dos bens da Vida. Só vos será necessário responder por esta pequena parcela.

Ajustar-se ao ritmo geral da Criação é tarefa tão grandiosa e absorvente que precisará ser o ponto em torno do qual todas as nossas energias se concentrem.

Dos que não tenham "olhos de ver" para identificar o processo geral da Vida despreocupai-vos, pois estão inscritos no grande plano da evolução e seu momento de conscientização chegará segura e oportunamente.

Limitai-vos a buscar o Caminho interior, que conduz à Caridade consigo mesmo e que se expressa na auto-renovação. Por contágio toda a vida que estiver madura à vossa passagem, caminhará convosco, por sentir junto a vós o hálito das paragens espirituais sonhadas e ansiosamente esperadas.

Sendo o Amor a Força Propulsora da Vida, à proporção que o exercitardes sereis saciados plenamente em vossa ânsiade evolução e o sublime círculo autopropulsor se fechará — "fui amado ao ser criado, aprendi a amar, recebi mais Amor".

Das rosas, então, só restarão a beleza e o perfume...

"Eu sou o Caminho da Verdade e da Vida" — Jesus.



América Paoliello Marques

1927-1995

Foi educadora, médium, parapsicóloga e psicóloga clínica. Formou-se em 1946, como professora do Instituto de Educação/RJ. Durante dez anos trabalhou com crianças da Rocinha, a maior favela do Rio de Janeiro. Entrou para o espiritismo aos dezoito anos (1945), quando recebeu uma singela mensagem, através do fenômeno da voz direta, que iria marcar toda a sua vida. Disse seu Guia Espiritual Nicanor: *"Todas as vezes que uma pedra no caminho da vida se transformar numa doce quimera, nós estaremos juntos."*

Iniciou sua atividade mediúnica em 1947, no Rio de Janeiro, no grupo União das Samaritanas, sua "família de origem". Lá permaneceu por 15 anos, onde foi vice-presidente. Então, em certo certo momento de sua trajetória espiritual recebeu nova programação de trabalho, sob a forma de um símbolo bastante significativo. Ramatis e Akenaton, dois amigos espirituais com quem América trabalhava, desde o início de sua experiência mediúnica, formaram, no Espaço, uma confraternização que deu origem a Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz (FTRC). Em encarnações anteriores América pertenceu à essas duas fontes de espiritualidade – "o Triângulo e a Cruz" e "a Rosa e a Cruz". Como expressão da síntese do Final de Ciclo, ambas essas correntes se fundem pelo ponto comum que possuem - a Cruz do Meigo Nazareno – Mestre do Amor Espiritual.

Em 1962, no plano físico, ela fundou a Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz (FTRC) no Rio de Janeiro. A sua principal missão, enquanto encarnada, foi contribuir para a união entre Espiritualidade e Ciência. E ela vivenciou plenamente essa integração. De um lado, como médium e líder espiritual. De outro, como pesquisadora, parapsicóloga e psicóloga clínica.

Em 1982, apresentou sua tese de doutorado nos EUA sobre a Psicologia Abissal: A Mobilização Energética em Situação de Clínica. Recebeu apoio e orientação de notáveis profissionais, como a Dra. Isabel Adrados (1), presidente do primeiro Conselho Regional de Psicologia do Rio e Coordenadora-geral dos Cursos de Orientação Profissional do ISOP – Fundação Getúlio Vargas.

No plano internacional, o trabalho de América também recebeu apoio e atraiu a atenção de autoridades mundiais no estudo profundo da consciência e na visão transpessoal do ser como o Dr. Stanley Krippner Ph.D (2), ex – diretor da Associação Americana de Psicologia - APA, e o IONS (3) - Institute of Noetic Sciences (fundado pelo ex-astronauta Edgard Mitchell) que visitaram o Brasil, inúmeras vezes nos anos 80 e 90.

(1) Recebeu significativa homenagem da UFRJ -Universidade Federal do Rio de Janeiro, que intitolou um de seus principais núcleos e prédios como « Divisão de Psicologia Aplicada Profa. Isabel Adrados » <https://dpaufrj.wordpress.com/>

(2) Autor do prefácio do livro Psicologia Abissal, lançado por América P. Marques em 1984.

(3) <http://noetic.org/>

ESPÍRITOS AMIGOS E GUIAS

Para concretização de sua missão na Terra, América Paoliello Marques contou com o apoio direto de uma equipe de Seres Espirituais de grande evolução, que também são co-autores da maior parte dos textos desta obra, Transmutação de Sentimentos. Eles integram a Falange de Dharma: Ramatis, Akenaton, Rama-Schain e Nicanor.



RAMATIS

Teve encarnações na Atlântida, Lemúria, Egito, Índia, Grécia, sendo a última na Indochina (ano 993) onde fundou e dirigiu um templo iniciático. Pertencente à tradição espiritual da Cruz e do Triângulo, Ramatis se juntou à Akenaton (tradição a Rosa e a Cruz) , para fundar, no Espaço, a Fraternidade do Triângulo, da Rosa e da Cruz (1) .



AKENATON

Tido como primeiro monoteísta da história (2) foi o faraó revolucionário (Amenophis IV, 1380 AC) que decidiu acabar com 2.000 deuses (2) desafiando um sistema religioso de 1500 anos de idade, do Antigo Egito, na época o mais rico e poderoso império do mundo. Foi perseguido pelos que se consideravam prejudicados em seus interesses e também pela ignorância das massas. Sua personalidade e seus ideais não podiam ser compreendidos e aceitos naquela época. Teve reencarnação na França católica do século XVI, quando desencarnou vítima da intolerância religiosa (3) para a qual contribuíra, indiretamente, no Egito.

(1) Mensagens do Grande Coração (prefácio da segunda edição)

(2) BBC Brasil 17/7/2017 – <http://www.bbc.com/portuguese/geral-40602931>

(3) Mensagens do Grande Coração (nota do médium ao final do Capítulo 19, Parte III)



RAMA-SCHAIN

Reencarnou como Damázio (foto ao lado), nos anos 20, no Brasil, quando fundou e dirigiu a Comunhão Mystica Dharma, implantando em nosso país a experiência de um grupo espírita com características iniciáticas, inspirando outros grupos, inclusive a Fraternidade do Triângulo da Rosa e da Cruz, que nasceu em 1962 com a missão de proporcionar a abertura dos canais interiores do Ser com a sua Essência Divina, e fundir os ensinamentos do Oriente e do Ocidente, integrando o Evangelho de Jesus, o Espiritismo de Allan Kardec, a Ioga e a Psicologia.



NICANOR

Apresenta-se como um hindu: usa um turbante branco adornado por uma esmeralda. Adota o nome que usou em sua encarnação na Grécia, em que foi escravizado pelos romanos. Foi discípulo de Ramatis na Indochina. (4) **Colabora com as falanges que se dedicam ao entrosamento espiritual entre o Oriente e Ocidente. É o autor espiritual da obra A Rosa e o Espinho.**

(4) Mensagens do Grande Coração (nota do médium ao final do Capítulo 1, Parte I)

.....

Nota: Retratos de Ramatis e Nicanor foram captados através da médium Dinorah A. de Simas Enés (21/12/1888 – 15/01/1973). Ela trabalhou no Centro Espírita Soledade, no Maracanã, Rio de Janeiro e no centro Cabanas de Lysis.

AMÉRICA POR AMÉRICA: A MÉDIUM E A PESQUISADORA

A médium América (1)

Descrição da experiência de intercâmbio com o mundo espiritual e dos **sentimentos** de harmonia e paz que vivenciou:

“Em momento de sublime desdobramento mediúnico, foi-nos conferida a noção do dever de testemunhar a fé que abraçamos e que nos tem trazido, gradativamente, a paz espiritual.

Jamais ousaríamos permanecer caladas após receber tal prova de amor dos amigos que nos orientam nos trabalhos espirituais.

Após alguns anos de intensa atividade espírita, recebemos a prova máxima de desvelo que já nos proporcionaram os companheiros espirituais: fomos levadas por Ramatis a uma colônia no Espaço, como incentivo à coragem de trabalhar sem preocupações marginais.

A atmosfera de intensa paz que então nos cercou revelou-nos ao coração a origem dos momentos de saudade súbita e inexplicável. Arrebatou-nos de tal forma, que na Terra ou no Espaço, tudo daríamos para voltar a desfrutá-la. Como se isso não bastasse, fomos introduzidas em um templo de inigualável beleza, do qual as mais belas catedrais do mundo dariam uma pálida ideia. Aí, esperava-nos a maior emoção que jamais sentíramos: acercou-se de nós um ancião, cuja aura de paz é totalmente indescritível e, atraindo-nos a si, fez-nos possuídas de intraduzível júbilo. Serenado o choque emocional, compreendemos que ali fôramos levadas para sentir a necessidade de nos tornarmos dóceis a novas realizações, sendo a alegria daquele momento uma renovação de energias.

Dispusemo-nos ao trabalho com amor para merecer, embora tardiamente, a alegria que nos era proporcionada.

Contra todos os nossos hábitos e convicções anteriores, começamos a utilizar a faculdade de intercâmbio mediúnico em um trabalho público. Se não bastasse o compromisso então assumido como reavivamento de promessas feitas no Espaço, seríamos convencidas pelos argumentos apresentados por nossos orientadores. Fizeram-nos compreender a felicidade de colaborar, sentindo que a modéstia de nossa participação era compensada pelo prazer de servir com amor.

Assim, obedecendo cheias de alegria, estendemos nossas mãos para o trabalho, certas de que, ao último dos servos da caravana do Bem, toca igualmente a felicidade do esforço que a ela o incorpora.

(1) Sumário do Prefácio da 1ª da obra « Mensagens do Grande Coração » (1961)

Trazemos, a quem interessar, o testemunho da misericórdia do Pai, capaz de proporcionar-nos a superação dos obstáculos que nos separam das Verdades Eternas, tornando-nos mais dóceis, mais amigos, mais felizes. Com ela, mais facilmente aprenderemos a amar, atingindo os ideais de elevação espiritual que alimentamos!

Profundo sentimento de gratidão inundou-nos o espírito de forma indelével, desde que sentimos a extensão do carinho de nossos amigos espirituais. Compreendendo que, sem aquele encontro na Colônia Espiritual do Grande Coração, teríamos talvez faltado a um compromisso que interessa a nossa paz, decidimos, em união com nossos orientadores, dar a esta obra o título de "Mensagens do Grande Coração", embora nem todos os espíritos que nos trouxeram sua palavra amiga sejam procedentes daquela comunidade astral.

Seguindo a orientação universalista daquela Colônia, esta obra tem a finalidade de comprovar quão sadios são os laços que unem todos os seres nos diversos quadrantes da Terra. Mostra como, por trás dos véus da carne, permanecem indestrutíveis os sentimentos de amor que alvoroçam o coração de um ocidental à simples pronúncia dos nomes de amigos orientais que o acompanharam desveladamente no passado e que, indiferentes a tempo e espaço, continuam indefinidamente a tarefa de estimular o Bem..."

A pesquisadora América (2)

A expressão do sentimento de amor e gratidão pela oportunidade de contribuir para o avanço do conhecimento.

"...Qual o meu papel em tudo isso? É preciso que seja dito. É o de alguém que cresceu em amor e gratidão ao muito que recebeu. Não o de um instrumento passivo e sim o de uma pessoa disposta a todos os testemunhos para dar crédito a quem de direito - à pessoa humana como portadora de um espírito imortal e que, de forma indomável, deve lutar pelo seu direito à liberdade de ser dentro do universo.

***Meu objetivo?** Contribuir ainda que de forma imperfeita para que seja mantida acesa a chama do templo da alma, onde ouvem se as recomendações:*

"Homem, conhece-te a ti mesmo"

e

"Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei"...

*Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1984
América Paoliello Marques"*

(2) Do Prefácio do livro Psicologia Abissal (1984)

A PRECE DE AMÉRICA ⁽¹⁾

Quantas vezes forem necessárias, Senhor, eu recomeçarei.

A tarefa de amor que me confiaste irá avante e eu envolverei aqueles que não Te conhecem com a Luz do Amor que Tu me envias.

Eu amarei, Senhor, as horas de provação que me veem, porque nelas vejo horas abençoadas de minha existência.

O chão em que piso foi regado pela incompreensão, porém, a fermentação por ela causada, auxilia a formação do adubo precioso que será absorvido pelas sementes do amor que já trago em meu espírito.

Olho meu semblante e vejo que procura ainda a paz onde ela não está e, apiedando-me dele, procuro dar-lhe o meu envolvimento de amor para que tenha uma trégua em seu sofrer. Nada espero que me dê em troca, porque a paz do Senhor é minha única recompensa!

Dá-me, Senhor, a força de permanecer erguido entre aqueles que se curvam para recolher as dádivas transitórias da vida e que meus olhos, fitos no futuro, permitam-me pressentir as pequenas vitórias que já me concedes, estendida àqueles com os quais desejo caminhar.

Eu os apresento a Ti, Senhor, e invoco para eles a Tua bênção, o Teu Amor. Sei que Teus filhos amados estão comigo nas horas do testemunho, porém, peço-Te, não para mim, mas para eles que não te conhecem. Envolve-os em Teu puro e santo Amor!...

Da atmosfera de paz dos ambientes espirituais, Tu me conduzes ao contato dos que amo, Senhor. Dá que eu possa opor-lhes diante dos olhos a visão da paz íntima que me fizeste conhecer e, alegremente, dar-lhes o testemunho de quão valiosa é a Tua presença dentro do coração humano! Continua Senhor, a trazer ao meu espírito a paz que conheci e que amo como felicidade suprema. Nada espero que me venha de fora. Na intimidade do meu claustro interior, tenho meu contato contigo e sinto que não recebi em vão a Tua paz.

Sou aquele cuja impossibilidade diante da luta demonstra a confiança que tem em Teus desígnios.

Chegou a hora feliz, Senhor, em que reencontro com meus irmãos do passado e posso demonstrar-lhes meu amor, esclarecido à luz da fé que me inspiras. Erros, cometeri ainda, mas que importa, se permanece para mim a bênção do tempo e sei que, ao fim da jornada tu me esperas porque procuro realizar a contento as tarefas que me cabem? Que importa a mim a luta, se sei que estás comigo? Que importa a incompreensão de meu irmão, se sei que me compreendes? Que importa o cansaço da luta, se sei que é nela que te posso encontrar.

Tenho só uma diretriz, Senhor - estar Contigo. Existe mais alguma coisa à minha volta? Não importa. Há sofrimento, há desengano, há incompreensão, há tortura moral, há contradição? Somente sei que estás comigo e que eu Te procuro através de todas as circunstâncias do Caminho. Eu Te amo, Senhor, através de meus irmãos. Não os vejo diante de mim. Vejo a Ti, Senhor, e por Ti eu os amo. Curvo-me diante deles, ausculto lhes as dores e dou-lhes o lenitivo que sou capaz de proporcionar-lhes. Na realidade, não existo, Senhor, com objetivos pessoais.

Existo como parte de um todo que Te pertence e dentro dele executo a minha parte, de acordo com a Tua vontade.

Se meu irmão não compreender meu amor, perdoa-o, Senhor, que eu também o perdoarei. Se ainda não pode ver-Te, continuarei a ver-Te por ele e esperarei a hora em que possa fazê-lo por si mesmo. Não exigirei dele que me dê a compreensão que não tem e saberei esperar compreendendo sua impossibilidade temporária. Sei que chegará seu dia de Luz e ante gozo o instante em que a Paz também lhe pertencerá. Dá-me forças, Senhor, para que, até lá, eu o ame inalteravelmente, vendo pacientemente germinarem suas forças positivas.

Que a luz do Senhor esteja com todas as criaturas.

(1) « Evangelho, Psicologia e Ioga » – Capítulo 4 (Mensagens)

Publicações de América Paoliello Marques

Obras Psicografadas

(Espíritos Ramatis, Rama-Schain, Akenaton, Nicanor e outros)

Mensagens do Grande Coração (1961)

Brasil-Terra de Promissão (1969)

Espiritismo Hoje (1972)

A Rosa e o Espinho (1974)

Jesus e a Jerusalém Renovada (1977)

Evangelho, Psicologia e Ioga (1995)

Viagem em Torno do Eu (2005)

Obras de Pesquisa Científica

- Psicologia Abissal - livro tese de doutorado (1984)

- Núcleo de Estudos Universitários – NEU (21 Apostilas)

NEU 1. A Terapia Psicológica e a Regressão Pela Memória Extracerebral

NEU 2. Rogers, A Pessoa Humana e a Ciência

NEU 3. Jung

NEU 4. Jung, O Desenvolvimento Psíquico e a Morte

NEU 5. Mitos

NEU 6. Psicologia, Misticismo e Espiritualidade

NEU 7. Antipsiquiatria

NEU 8. Por Uma Psicologia Abissal

NEU 9. O Fenômeno Parapsicológico e o Psicodiagnóstico de Rorschach

NEU 10. Os Fenômenos Inabituais na Pesquisa Psíquica

NEU 11. Psicologia – Uma Área Alternativa?

NEU 12. Contribuição da Psicologia Profunda para a Educação Espírita

NEU 13. Psicologia Tradicional e Atual

NEU 14. Psicologia Abissal: Novos Rumos para a Psicoterapia

NEU 15. Psicoterapia e Regressão espontânea

NEU 16. A Subjetividade Humana e a Ciência

NEU 17. Estados Específicos de Consciência e Saúde

NEU 18. Psicologia Abissal – Comentários

NEU 19. Lembrar Vidas Passadas pode Resolver Neuroses

NEU 20. Estrutura de Personalidade de Sensitivos e Não Sensitivos

NEU 21. Regressão – Janela para o Inconsciente Pré-Reencarnatório

Uma Obra Síntese (Coletânea)

Transmutação de Sentimentos (2018)

Site Memória Biográfica América

www.americapaoliellomarques.com.br